Revista Literalivre ©

Distribuição Gratuita

ISSN 2595-363X

Vol. 04 - nº 23 - Set./Out. de 2020

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 4, nº 23 - Set./Out. de 2020.
ISSN 2595-363X - SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Olá amigos(as) leitores e autores, chegou a 23ª edição da LiteraLivre: nossa edição de primavera.

Vamos aproveitar a chegada desta estação tão linda para renovar a esperança em nossos corações.

Nesta edição, trazemos novamente textos incrivelmente ecléticos de autores de todo o mundo. Temos também a "Mini Exposição de Desenhos Artísticos" da artista *Eni Ilis* (que já assinou uma de nossas capas) e a apresentação de dois novos parceiros: o Canal Sussurros Poéticos e a Revue Cultive.

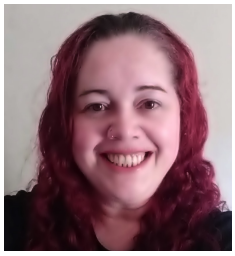
Muito obrigada aos autores e leitores por continuarem conosco!

Continuem se cuidando!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

Meu agradecimento especial vai para a amiga Rosângela Maluf, que gentilmente me presenteou com seu novo livro: "Theodore está me traindo.", uma obra com contos e crônicas cativantes! Sucesso Rosângela!!

E aproveito para deixar um convite: acompanhem(pelo instagram) o Festival Online de Poesia Autoral Declame para Drummond 2020.Um projeto que eu tenho um carinho especial e que amo participar!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Prestigiem O Festival Online De Poesia Autoral Declame Para Drummond 2020

Durante todo o mês de outubro teremos o Festival Online de Poesia Autoral *Declame para Drummond 2020*, nossa singela homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade que, em outubro de 2020, completaria 118 anos.
O Declame para Drummond também está em festa, pois celebraremos este ano uma década de existência, amor e ativismo literário. Para esta edição, o projeto selecionou 80 vídeo-poemas de até um minuto enviados de todo o Brasil para serem exibidos durante todo o mês de outubro nas redes sociais do projeto, dos apoiadores, dos poetas participantes. E no dia 31 de outubro às 19h será realizado um Sarau Live para encerrarmos o projeto com chave de ouro! Durante a live, os poetas de todas as edições poderão participar para declamar seus poemas e contar suas histórias junto ao projeto. É só entrar na live do Instagram *@poetamarinamara* e pedir a palavra!
O Declame para Drummond é amorosamente coordenado pela poeta Marina Mara desde 2010 e já colocou 78.548 poemas no meio do caminho por 614 Poetas de todo o Brasil.
Viva a Poesia! Viva Drummond!

Acompanhem pelo instagram:

https://www.instagram.com/declameparadrummond

@declameparadrummond

@poetamarinamara

Neste Número:

Participem do Projeto "Cartas para a Vida".....4
Eni Ilis.....5
Artista do Mês.....10
Maria Callas.....10
Haikai Engraçadinho.....11
Jorginho da Hora.....11

Autores:

Adalto Campos.....12
Alan Rubens.....16
Alberto Arecchi.....17
Aldenor Pimentel.....19
Alessandra Cotting Baracho.....20
Alexandre Firmo dos Santos.....21
Aline Eni.....22
Alvaro Daniel Costa.....23
Amélia Luz.....24
Ana Chagas.....25
Ana Maria Fázio de Freitas.....26
Anaí Bueno.....27
Anderson Batista.....28
Antônio Jefferson Teixeira Sousa.....29
Bruno Black.....30
Bruno de Sousa.....32
Carlos Jorge Azevedo.....33
Carmem Aparecida Gomes.....34
Carmo Bonfim.....35
Carmo Bráz de Oliveira.....39
Caroline Cristina Pinto Souza.....40
César Aquino Bezerra.....41
Cesar L. Theis.....42
Charles Burck.....44
Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel....45
Clarice de Assis Rosa.....47
Cláudia Gomes.....49
Cleidirene Rosa Machado.....50
Cris Ávila.....51
Daniel Cardoso Alves.....52
Daniela Genaro.....53
Danielle F. Czmyr.....54
Débora Araújo.....55
Dorilda Almeida.....57
Edgar Borges.....58
Eduard Traste.....59
Edweine Loureiro.....60
Elvira Gastrite.....62
Eudes Nascimento.....64
Fábio Daflon.....66
Farah Costa.....67
Felipe Martins.....68
Felipe Valdeci da Silva.....71
Fernanda Vieira.....73
FERNANDES, Fernando Roque.....76
Fernando Machado dos Santos.....78
Francisco Cleiton Limeira de Sousa.....79
Gabriel Alves de Souza.....80
Gabriella de Sousa Tavares.....81
Gedeane Costa.....84
Geraldo Portela.....85
Géssika Castro.....86

Gilberto Moura.....87
Glaucio Delarue.....88
Guilherme Hernandez Filho.....90
Hélène de La Dauphin.....92
Iago Mac Dinus.....93
Irane Castro.....94
Isabel Cristina Silva Vargas.....95
Isabel Furini.....97
Isabel Macedo T.....98
Ítalo Saldanha.....101
Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa...102
Jackson R. Xavier.....103
Jackson Santos.....104
Jane Barros.....105
Jeane Tertuliano.....106
Jeremias Reis Comaru.....107
Jéssica Iancoski.....109
João Rodrigues.....110
Joaquim Bispo.....113
Joedyr G Bellas.....117
Joelson Barcellos.....119
Jorge Gonçalves de Abrantes.....120
Josefa Rodrigues.....121
Joyce Nascimento Silva.....122
Juliana Moroni.....123
Karina Caputti.....124
L. S. Danielly Bass.....126
Laís Correia.....127
Leandro Emanuel Pereira.....128
Lis Souto Maior.....129
Lívia Cout.....132
Luís Amorim.....133
Luiz Roberto da Costa Júnior.....136
Mairon Neves de Figueiredo.....137
Malinga Dambo.....139
Marcel Hollande.....140
Marcos Andrade Alves dos Santos.....143
Marcos Lisboa.....144
Marcos Nunes Loiola.....145
Marcos Pontal.....146
Marcos Roberto dos Santos Amaral.....147
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....148
Maria Elza Fernandes Melo Reis.....149
Maria Ioneida de Lima Braga.....150
Maria Moura dos Santos.....151
Maria Pia Monda.....152
Marlise Buchweitz.....155
Mauro Vitale.....156
Michele Eduarda Brasil de Sá.....158
Nazareth Ferrari.....159
Nercy Grabellos.....160
Nilde Serejo.....161
Nuno Maria.....162
Octávio Hradec Pavan e Patricia Hradec 164
Ovidiu-Marius Bocsa.....167
Paulo Cezar Tórtora.....168

Paulo Luís Ferreira.....169
Pedro Alexandre de Sousa Veríssimo. 174
Pedro Dantas.....176
Pedro Guerra Demingos.....177
Rafael Moreira ou Viajante Lírico.....178
Raquel Zepka.....179
Renata de Lima.....180
Renata Kelly Sousa de Almeida.....181
Renato Soares de Lima.....182
Rogério Costa.....186
Roque Aloisio Weschenfelder.....187
Rosa Acassia Luizari.....189
Rosana Rodriguez.....190
Rosangela Maluf.....191
Rosangela Mariano.....194
Rosimeire Leal da Motta Piredda.....195
Ruan Mattos.....196
Saulo Jonas Borges Costa.....199
Sigridi Borges.....200
Silmo Prata.....201
Sonia Regina Rocha Rodrigues.....203
Tauã Lima Verdan Rangel.....207
Tetsuo Takita.....208
Thamires Bonifácio.....211
Vagner Pereira.....212
Valdenise Brandão.....213
Valéria Barbosa.....214
Vanderlei Kroin.....215
Victor Meirelles.....216
Wellington Silva.....217
Willian Fontana.....218
Yuki Eiri.....222
Conheçam o canal Sussurros Poéticos. .223
Apresentamos nosso novo parceiro: a Revue Cultive.....224
LiteraAmigos.....225
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....234

@Comafen

Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsAp: (77) 9-9998-3406

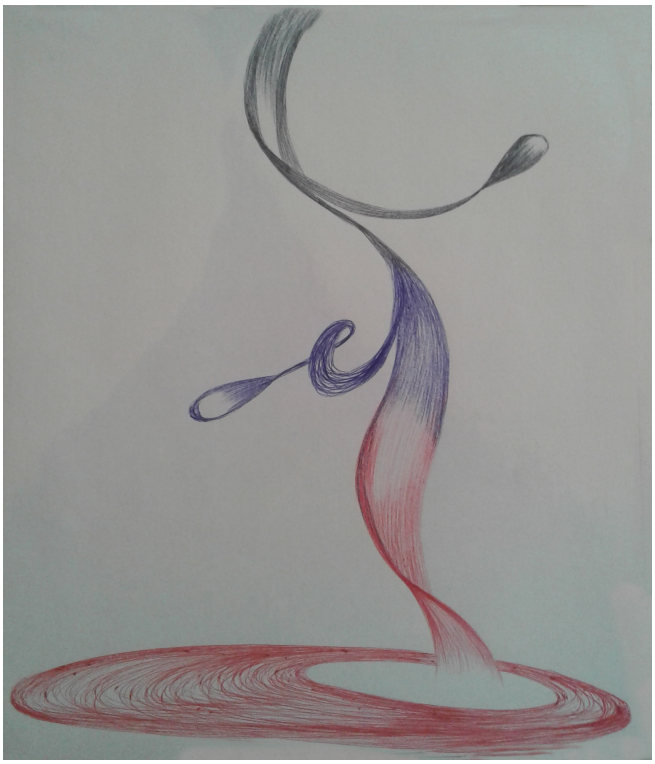
Mini Exposição de Desenhos Artísticos

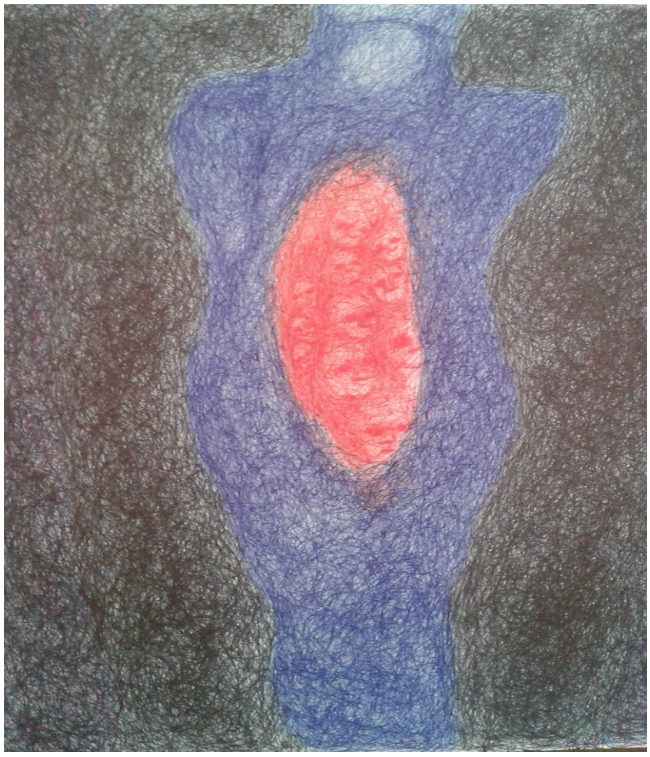
Eni Ilis

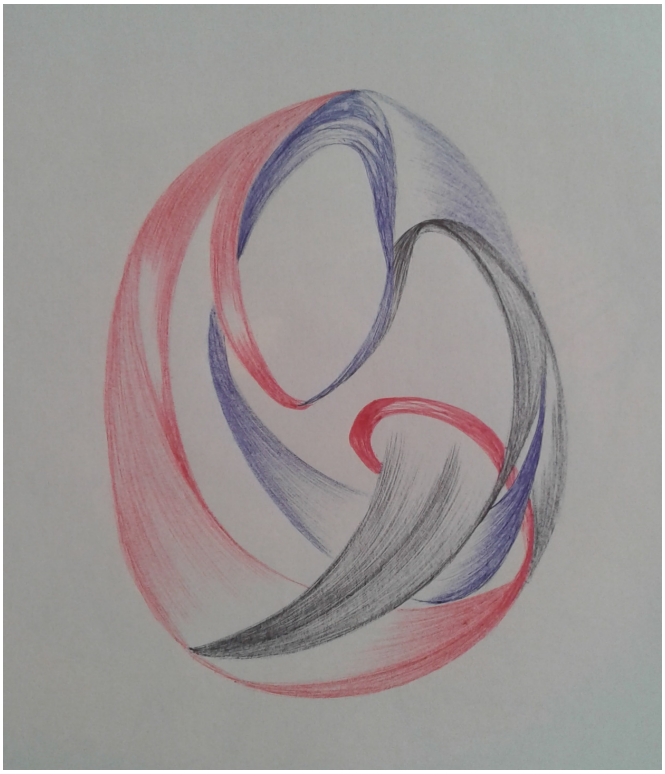
Campinas/SP

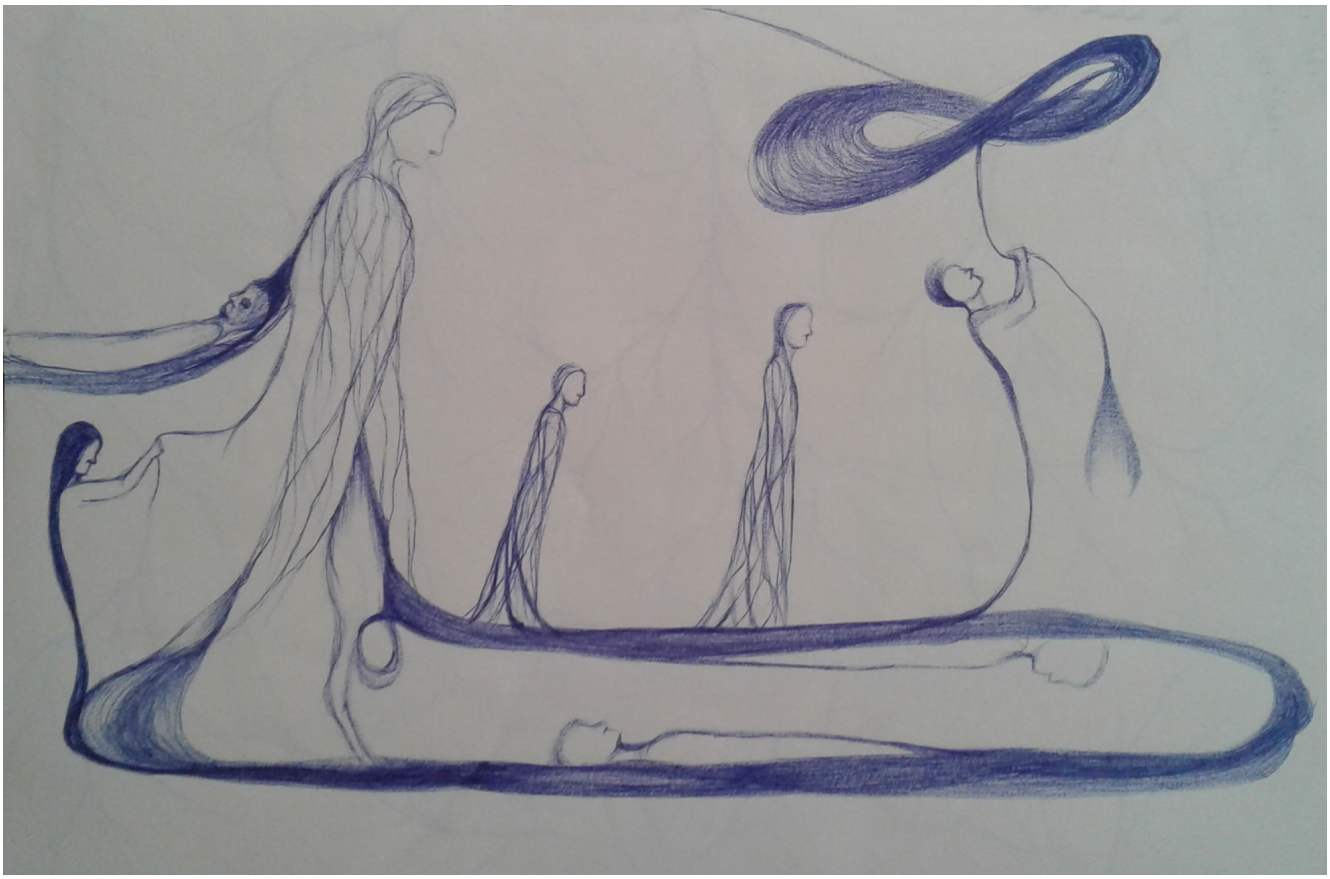
"escutai o sonho que tive, ó amigos, e ajudai-me a decifrar seu sentido!

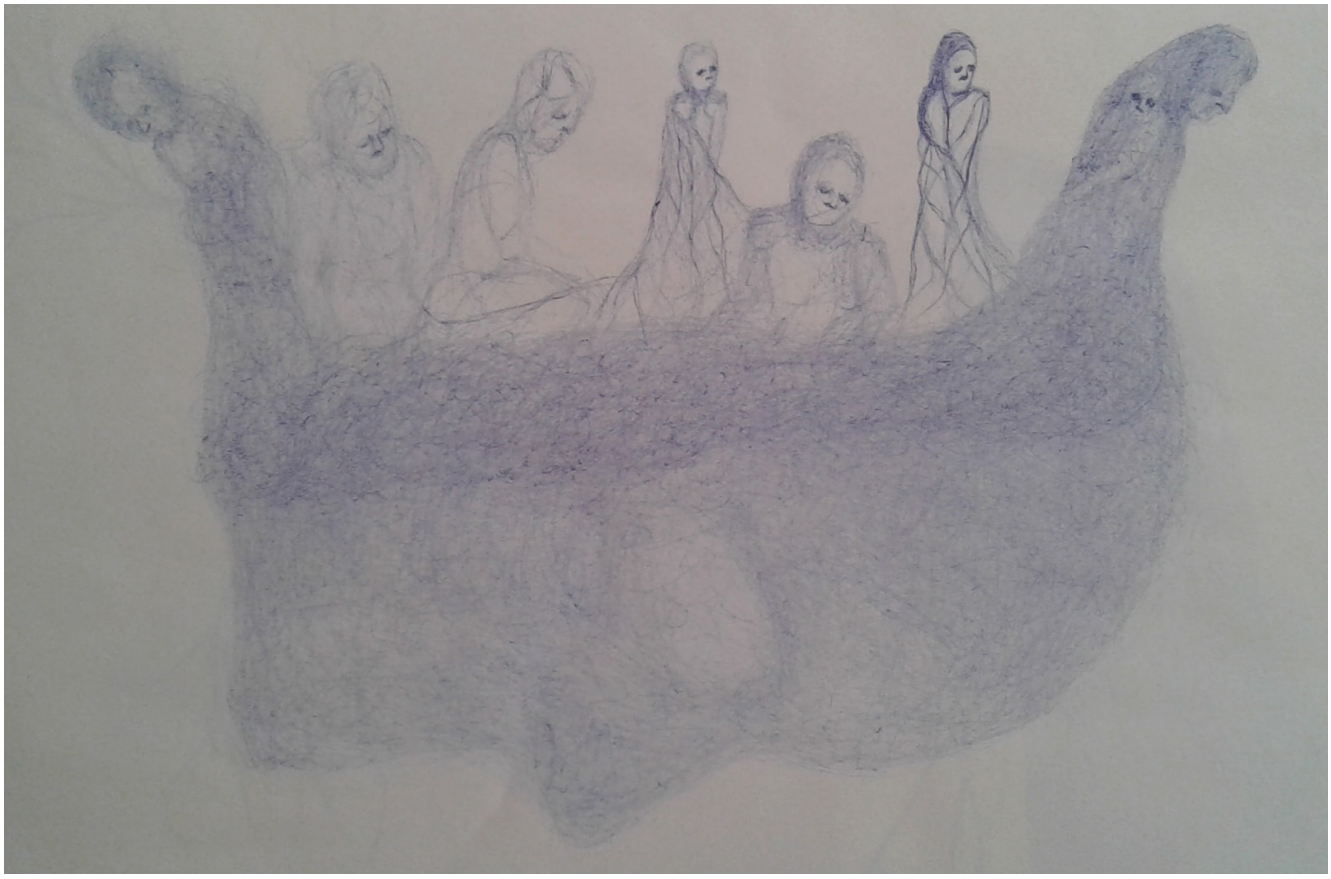
É ainda um enigma para mim, este sonho; seu sentido está escondido nele e aprisionado, ainda não voa acima dele com asas desempedidas". (nietzsche - assim falou zaratustra, pg. 128)

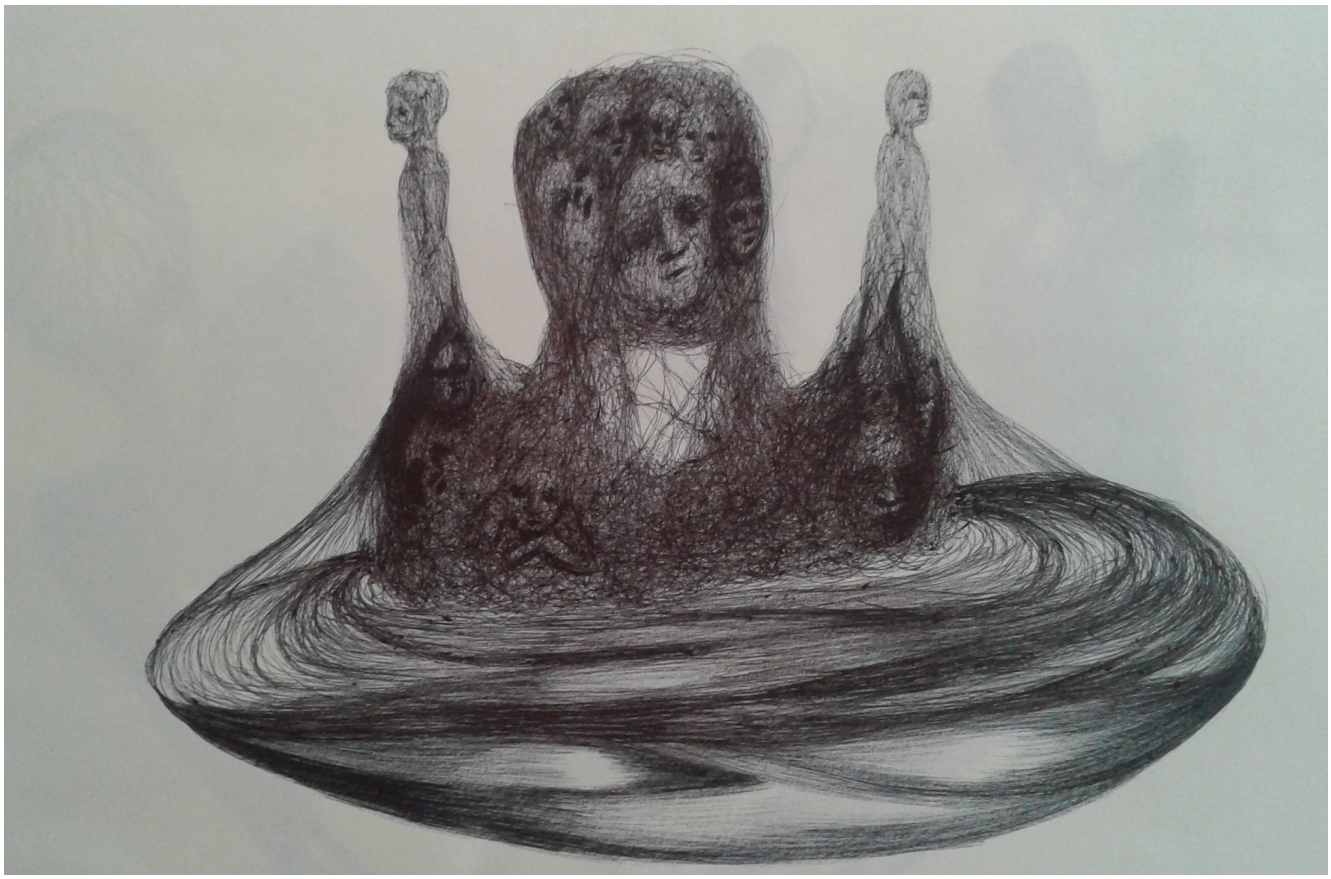


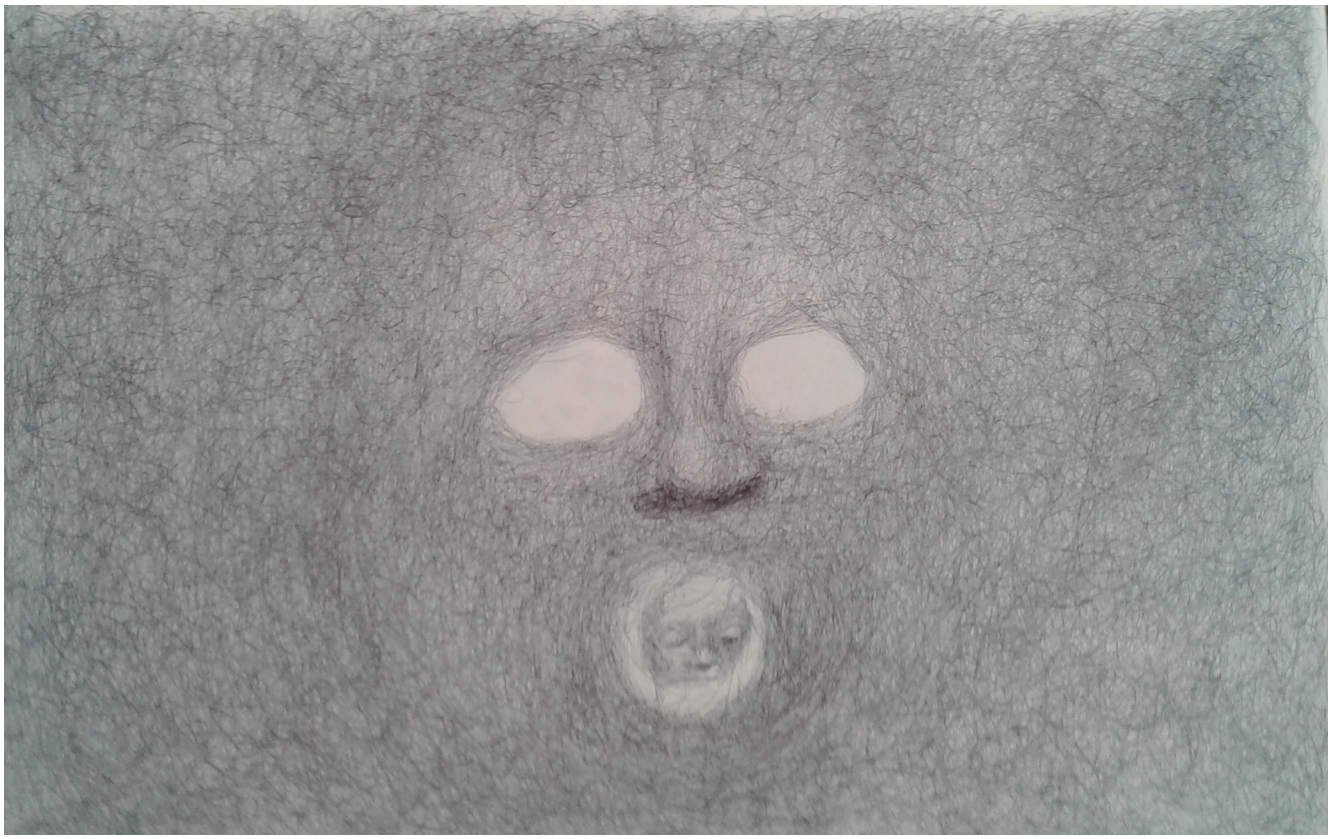


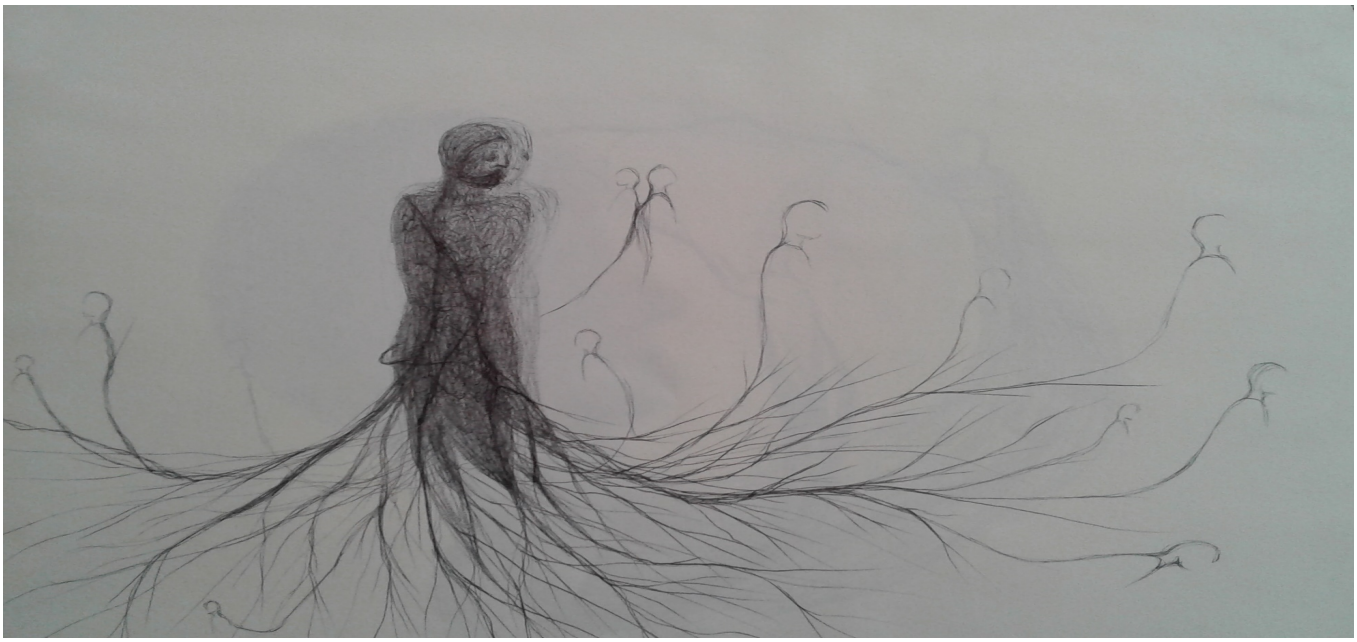












Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Maria Callas

Soprano Grega

https://amauryjr.blog.bol.uol.com.br/2017/09/16/tragedia-em-9-atos-da-infancia-infeliz-a-morte-prematura-da-diva-maria-callas/

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Por causa da lua
o meu gato fica
no mundo da lua

Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Adalto Campos
Recife/PE

A Carta

1

Davi segurou a caixa com as duas mãos de maneira adstrita ao corpo.

Havia insegurança em seu olhar, mas uma certa vibração positiva percorria o quarto. O aroma petricor, proveniente da chuva que caia contra a areia seca e pedras rachadas, penetrava em suas narinas de maneira uniforme, e, assim que rompeu o selo da caixa, o ambiente fora inundado pelo odor de papel velho.

Dentro, um relógio estagnado, com o vidro trincado, uma carta selada e uma foto antiga, comida por traças. Nela, sua mãe, Laura, ao lado dele, com não muito mais que quatro anos de idade. As bochechas rosadas e despreocupadas com o futuro, e o que ele lhe reservava, representava bem o Davi igual ao de hoje, com dezoito anos.

Ele não demorou muito, e logo retornou para o barulhinho egocêntrico da chuva tentando apagar aquilo. Contudo, de alguma forma, a carta, que agora encontrava-se em suas mãos, suscitou lembranças rasas, que, mesmo longínquas, e impossíveis de serem mensuradas, foram revividas pelas letras finais de sua mãe. O perfume dela ainda está aqui, no papel amarelado.

Ele rasgou uma parte da folha, rompendo o selo.

2

Querido filho, *escrevo esta carta hoje, por volta das 22 horas, por que amanhã é o dia em que (muito provavelmente) você irá embora.*

Há um helicóptero que virá as 6:15 da manhã, e não posso deixar você aqui comigo por mais tempo. Há muita controvérsia em relação a quem será levado, e quem será deixado.

É muito possível que seus tios (que na data em que escrevo esta carta estão em viagem de férias em Amsterdam) só lhe entreguem esta carta depois de sua maior idade, talvez por um certo receio do que contenha aqui ou receio do que você possa vir a fazer com isto. É possível também que eles leiam, e não vou julgá-los de maneira alguma. Só apenas peço que, caso vocês (meus irmãos) estejam lendo, não a destruam, por favor. Meu filho precisa saber da verdade.

Davi foi o primeiro nome que me veio à cabeça quando você nasceu. Seu pai era um homem de negócios, e, infelizmente não era o homem mais presente em

casa. Eu não podia culpá-lo e nem cobrar muito, até por que ele já fazia mais do que muitos dos que me relacionei fizeram. Quando podia, ele me dava atenção, me dava carinho e sempre desejou ser pai de um menino.

Até que você nasceu.

Os nove meses foram tão inesperados que esquecemos o nome que queríamos dar a você, e Davi, foi o nome que me veio à mente naquele instante. Acho que uma enfermeira cochichou...algo assim, não sei. Mas você veio ao mundo com 3,250 quilos. A coisa mais linda que uma mãe poderia ganhar!

Os anos se passaram, seu pai cada vez mais ausente. Não estou aqui em posição de fazer críticas, mas nosso casamento acabou da pior forma possível. Quando você estava com quatro anos (agora), no ano em que a infeção começou a assolar o país, seu pai ligou uma única vez, dizendo que estava indo embora para a França. Ele me perguntou se eu queria ir com ele e levar você. Eu decidi ficar, como você já deve presumir. Eu sempre tive cabeça de vento, e...acho que minimizei o que estava pra acontecer.

Eu lembro bem quando minha melhor amiga, a Marta, contraiu a infecção através de uma mordida em seu braço. Uns três meses atrás estávamos em um shopping aqui em Recife, e as pessoas começaram a correr de maneira desgovernada. Foi um caos! Ela caiu por cima de mim, ensanguentada, com o corpo em convulsão. Depois disso, vomitou sangue, e suas costelas quebraram para dentro, como se ela tivesse sido esmagada por um carro.

Eu pensava que ela estava morta. Gritei por ajuda, mas todos desciam as escadas rolantes às pressas. Nos corredores, outras pessoas se contorciam no chão. Até que, quando olhei para ela de volta, quase sem fôlego já, os olhos saltaram...foi terrível! Eu tive que correr, e, quando ela veio atrás, saquei uma das facas que encontrei pelo chão do estacionamento e furei seu pescoço. Mesmo assim, ela continuou correndo atrás de mim. Só consegui sair dali por que um grupo de pessoas que estava dentro de um ônibus acenou em minha direção. Eu corri mais do que pensava que conseguiria. Mas quando a gente tá em perigo o corpo diz: ***foda-se tudo!***

Naquele instante eu só pensava em você. Queria chegar em casa. Confesso que fui negligente várias vezes, e deixei, em muitos momentos, você sozinho para ir em festas e sair com outros homens. Eu não sou nenhum exemplo de pessoa, mas eu sempre te amei!

A mídia dizia que iríamos todos ser salvos. Besteira! Nunca acreditei em governos e muito menos em ações de caridade humanitária. Claro, há muita gente boa nesse mundo! Não me entenda mal. Mas há muita gente que faz coisas "bonitas" para serem vistos como salvadores. Os verdadeiros salvadores

são aqueles que não fazem questão de terem seus nomes expostos, por que eles sabem que isso não é necessário. E foi isso que aconteceu...é isso que está acontecendo.

Estão salvando pessoas apenas de classe alta e de áreas nobres. E, é isto...eu acho que o mundo sempre foi assim, e vai acabar assim; vai acabar nesta merda. Mas eu quero, Davi, que você me prove o contrário, ok? Eu quero que você, como meu filho, prove a essa mãe sem cabeça que ela está sendo pessimista com o mundo!

O que passa na televisão e na internet para o mundo são imagens do caos, e nisso estão corretos. Só que a televisão e a internet nunca foram e nunca serão detentoras da verdade. A verdade é muito subjetiva, a gente sabe bem disso...e só quem está aqui sabe o caos real. Eu não tenho mais alimento pra te dar. Só ervilhas, uma lata de atum e água. A comida acabou.

Eu me considero privilegiada, Davi...muito privilegiada, pois você será resgatado amanhã. Não se esqueça que você só foi salvo por que tínhamos dinheiro. Já eu, acho que não serei, por que o que me foi cobrado só tinha o suficiente para uma pessoa. E você é o mais importante aqui.

Os países vizinhos fecharam suas fronteiras com o Brasil no dia 28 de Agosto, seis dias após a disseminação da infeção, e estamos presos desde aquele dia. Tive tempo o suficiente para sacar todo o dinheiro do banco que consegui. O dinheiro que seu pai havia deixado lá para sua pensão daquele mês. Conversamos uma ou duas vezes por telefone, depois do fechamento do país. E só. Perdi contato com ele. Como se ele não quisesse mais falar comigo.

Aceito o ódio que ele deve sentir por mim agora, por eu ter sido teimosa, mas não aceito e nem vou aceitar o fato dele ter te abandonado assim...ter se desprendido tão fácil do filho. Como eu disse, não estou em posição de julgar, por também ter feito coisas terríveis com você. Não venho através dessa carta te pedir perdão ou lágrimas, só venho aqui pra te lembrar que você foi a coisa mais especial que aconteceu comigo. E não se esqueça, quando você sentir saudades de mim (se sentir), é só olhar pra o relógio e para a foto, que vão juntos com esta carta, dentro de uma caixa, e pense nos bons momentos que tivemos ao longo de quatro anos.

Me disseram que uma criança não é capaz de se lembrar vividamente acontecimentos em tenra idade, mas eu discordo disso...você é filho de Laura, você é meu filho! E quem é meu filho não se esquece do passado. Espero que você possa seguir seu caminho, seja ele qual for. Busque seu pai, se quiser. Mantenha vivo o desejo de estar vivo!

***Eu te amo**, meu pequeno (que agora já deve estar um homem formado), mas que sempre será o meu pequeno Davi.*

Recife, 29 de Novembro

Laura Simas

3

Davi dobrou o papel e colocou todos os itens de volta na caixa. Ergueu o corpo e fechou a porta do quarto; seus tios deram um passo para trás, sumindo no corredor com iluminação parca e semblantes desconcertados. A chuva caia mais depressa agora, como se estivesse correndo de alguém. O solo do jardim, encharcado, fazia emergir bolhas de ar entre uma gota e outra.

Davi, agora próximo da ampla janela que ia de canto à canto de seu quarto, pôs-se a fitar o firmamento, e, sustentando o sorriso, após desligar a televisão com as mesmas notícias ruins de sempre, soube que sua mãe estava ali.

O perfume dela não havia desaparecido, e ele, se lembrava de tudo.

Alan Rubens
São Luís/MA

A Borboleta

Linda borboleta
Bailando no ar
Fazendo piruetas
Alegre a voar
Pra lá e pra cá...

Linda borboleta
Na cor violeta
Entre as flores
Pra la e pra cá
Bailando no ar...

Linda borboleta
Tem tanta pureza
Bailando no ar
Pra lá e pra cá
Fico alegre e feliz
Pra em silêncio
Te admirar…

Alberto Arecchi
Pavia – Itália

Metamorfose

Um dia, ao acordar, cada cor tinha-se transformado em sua complementar. O céu estava rosa e amarelo, as pessoas tinham a pele cianótica, a grama tinha virado vermelha.

Dois ratos olhavam-se assustados ao ver a pele quase fluorescente um do outro. Eles pareciam desenhados em néon. Uma abelha listrada em branco e roxo ia voando como louca. A água do arrozal refletia a cor amarela do céu. Uma rã vermelha olhou para um mosquito, branco como a neve. Reagiu instintivamente, estendeu sua língua e pegou. O sabor era bom, como o de um bom mosquito. O batráquio então soube que poderia manter um olho para as pequenas criaturas brancas esvoaçantes... Mesmo a rã, porém, que ficava vermelha, também apareceu como uma boa presa para o corvo branco, que passou a devorá-la.

Nádia acordou com um susto. Havia pintado seu quarto de cor-de-rosa e agora aparecia esverdeado, lívido, na luz da manhã. Esfregou-se os olhos, mas o efeito não mudou. Ela foi até a cozinha para fazer café e descobriu que todas as plantas ficavam vermelhas. O pote do café era opaco, quase preto, enquanto o pó de café aparecia azulado. O gato de casa saltava de um móvel a outro em um ambiente estranho, como uma nave espacial. Até ele reconhecer seu cheiro em um canto do tapete. Então se acalmou.

As águas do rio começaram a mudar sua cor. Depois de tantas décadas de assédio, roubo de água e sujeira de todos os tipos em suas águas, ele decidiu se vingar, com a escolha de sua cor. Um filete um pouco mais brincalhão escolheu tornar-se amarelo, depois rosa, depois vermelho, enquanto outros optaram pela variedade dos verdes. As tranças de água foram como um arco-íris colorido, ou como esses fios de algodão, mexidos de todas as cores, a partir dos quais você pode escolher os tópicos para remendar.

As águas borbulhantes pareciam gozar de um carnaval repentino de alegria. Então, todos os córregos do rio remexeram-se juntos e assumiram uma mesma cor azul, como a tinta da caneta estilográfica. O sol batia nas vagas e nos redemoinhos tirando milhares de reflexões. Foram surpreendidos os pescadores. Ainda mais foram surpreendidos os peixes. A notícia se espalhou rapidamente. O rio de águas coloridas batia contra os pilares da ponte, e todos foram para vê-lo.

Os redemoinhos de água e os arabescos traçados na areia das praias eram como a escrita ágil de uma mão experiente. Os marcos tomaram forma e tornaram-se palavras. Os riachos delineavam mil, dez mil, cem mil vezes, as mesmas palavras, durante todo o curso do rio, "Basta! Chega! Basta!" Basta com a poluição? Com as guerras? Cada um interpretou a expressão como ele desejava. Todo mundo tinha alguma razão para dizer "basta" e, portanto, quase todos concordaram com o rio.

Apenas o aterro de resíduos, que manchava o panorama e infetava a cidade, não se virou. Enorme, inchado, fedendo como sempre, o aterro resistiu e não mudou de cor, ficando cinzento e sombrio. Suas exalações mefíticas contaminavam o ar, as escórias ficavam sem se rebaixar, no tempo, como vestígios para toda geração futura. Aqui irão se passar as escavações arqueológicas da posteridade, para reconstruir a cultura e a história da nossa civilização.

https://www.liutprand.it

Aldenor Pimentel

Boa Vista/RR

Em construção

Tijolo por tijolo, as paredes eram levantadas. Ninguém sabia ao certo que construção era aquela, nem pra que servia. A cada dia, mais seixo, areia e cimento. Em algumas semanas, esboçava-se alguma coisa. Aos poucos, a obra saía do papel e as pessoas se aglomeravam para dar espaço ao empreendimento que por ali se delineava. Alguns diziam que, pela espessura da parede, o novo prédio só poderia ser para abrigar feras selvagens e evitar que elas ameaçassem a segurança do povoado.

Ao passo que a construção parecia chegar perto do fim, as pessoas se sentiam mais seguras. Contudo, havia algo estranho ali. Ao menos, foi o que passou a desconfiar um pequeno grupo entre eles. A obra, que se acreditava ser construída para longe, agora avançava na direção do povoado. Quando percebeu isso, a multidão apavorada começou a correr no sentido contrário, mas as paredes, de repente, passaram a ser levantadas em ritmo acelerado. Não havia como fugir. Estavam encurralados.

O espaço não era tão amplo como se pensava no começo e, cada vez mais, as pessoas se espremiam umas às outras. O que antes aparentava ser erguido para a segurança de todos, agora lhes restringia a liberdade.

O vão entre as duas pontas da muralha de concreto, construída em formato circular, foi fechado por uma porta fabricada com uma única peça de ferro. Depois de trancar a porta da fortaleza pelo lado de dentro, o pedreiro engoliu a chave e teve prisão de ventre perpétua.

http://arteleituras.blogspot.com/

Alessandra Cotting Baracho

Maceió-AL

Rádio relógio

Acordo no meio da noite pesando uma tonelada; tinha dormido três horas de um sono turbulento. Levanto cambaleante e vou até a cozinha, trinta e cinco passos calculados no escuro; um gole generoso de água que não mata minha sede, mas molha a camiseta de campanha; sem muita escolha, agarro a garrafa de bebida destilada e saio furtivamente de volta ao quarto nefasto e escuro, só o mísero faixo de luz que emana do rádio relógio traz alguma claridade ao ambiente, duas e vinte e nove. Contabilizo o tempo que me resta: se deitar às três e conseguir dormir em quinze minutos, totalizo seis horas; o suficiente. Tomo um gole da bebida direto no gargalo, hipnotizada, mas o som do celular vibrando me tira da inércia; estico o braço pra alcançar o aparelho e desenho o padrão em eme com o polegar. Lá está ela, a notificação que perturba minha tranquilidade: mensagem de WhatsApp, o síndico avisando que a energia elétrica está oscilando e convém desligar os aparelhos da tomada. "Merda!" Estico o braço novamente, o suficiente pra puxar o fio do ventilador, o rádio não tem problema, funciona com pilhas. "Calor da porra!" Tomo mais um gole da bebida sentindo a quentura e a adrenalina sendo liberada na corrente sanguínea. "Ah, o velho e bom álcool." Ali estava eu, outra vez rendida à substância que me tira do abismo e ao mesmo tempo me leva mais pra dentro dele.

A agonia que havia me despertado diminui; posso, agora, respirar, sentir as coisas se organizando. Sorvo um pouco mais, muito afoita; engasgo e tosse seguida por gotículas de saliva que escapam; sinto a boca amargar, tremer; inspiração profunda moldando a quantidade de ar que entra nos meus pulmões empretecidos pelos dez anos de Marlboro vermelho. Derrotada, forço o corpo a levantar-se e ir até a janela; caí uma chuva fina, inquietante, e a cidade ao longe parece dormir, dá pra contar duas, cinco, nove luzinhas acesas no meu campo de visão. Todos dormindo, menos eu. Embaixo, um cachorro perambula; acompanho seu trajeto até as latas de lixo e o vejo revirar os sacos; torço em silêncio pra que ache alguma coisa. Conheço bem essa urgência, o medo, a terrível sensação de solidão ainda que haja outros cachorros ou outras pessoas.

https://www.instagram.com/alessandra_cotting_baracho/?hl=pt-br
https://www.facebook.com/cottingbaracho/

Alexandre Firmo dos Santos
Aracaju/SE

Personificação

Ah, o ser humano cheio de defeitos e atitudes contestáveis, embora se esforce ao máximo para provar ao seu semelhante que suas ações são passíveis de reparação. Olha lá o ser humano errando novamente, aonde estava ele quando precisou atenuar suas palavras grosseiras contra um outro ser indefeso? Vejam como ele burla as normas sem se dar conta de que está sendo observado, mas fazer o quê se não há nada que o intimide. Para se ter noção do problema que ele causa é só verificar que o mesmo pode ser vítima bem como pode ser réu; ora encontra-se na condição de acusado, ora é o mesmo que se enquadraria na posição de acusador.

Observem como o ser humano pode ocupar múltiplas funções, estar em vários lugares mesmo não tendo o dom da onipresença. Sim, o homem tem a oportunidade de escolher, de ir, de permanecer, de ser... o único obstáculo que se apresenta aos seus anseios é sua limitação. Limitação essa flagrada quando o mesmo não se entende, quando não se resolve, porém o pior é quando o ser humano deixa com que o outro decida por ele aí não tem escapatória! Quando nega a oportunidade de fazer suas escolhas, delegando-a para outro – fazendo isso ele desconsiderará sua autenticidade.

Um ser humano repleto de defeitos, contornado por desejos e sonhos, mas tudo isso acompanha-o rente a uma linha tênue na qual separa-o das realizações e ao mesmo tempo coloca-o na mais degenerada vida construída a partir das suas decisões. Este indivíduo é um ser animado de "bico" nem um pouco fechado, pois ele conta tudo! E quando digo tudo é tudo mesmo! Ele compartilha os seus sentimentos mais profundos com aqueles que lhes são bem quistos até os seus próprios animais que domesticam são postos como ouvintes das ocorrências da sua rotina.

Animais ou não o fato é que o ser humano gosta de expressar o que sente, o que pensa ao próximo e sobre o próximo, demonstra o seu amor a quem ama; ele também personifica os seus sentimentos quando está contente. Portanto, o ser humano é um ser completo, mas, ao mesmo tempo, existe uma ausência, uma lacuna que ele procura preencher desde que se entendeu como tal.

https://www.facebook.com/alexandre.firmo.31

Aline Eni
Guará 1Brasília/DF

Me Aceite Como Sou

Hoje estamos mais fortes.

Todos nós.

Juntos na batalha.

Não é mais possível nos calar.

Infelizmente muitos de nós

Terminam mortos pelos campos.

Mas não vamos desistir.

Vamos pegar as nossas armaduras e sair.

Todo dia é uma luta.

De vitória, em vitória,

Alcançamos a glória.

Nossa voz antes amordaçada.

Agora é um forte grito.

De longe se pode ouvir o eco.

Não adianta tentar

Vendar os teus olhos.

Não adianta tentar nos deter.

Somos o que somos.

E estamos aqui para vencer.

Muito ainda ira nos ver.

Estamos no rádio.

Estamos na TV.

Estamos no trabalho.

Estamos na faculdade.

Somos teus vizinhos.

Estamos ganhando os palcos.

E ninguém mais pode nos parar.

Sedentos por respeito.

De bandeira branca.

Para que VOCÊ ENTENDA,

A MINHA COR NEGRA

NÃO É UMA ARMA APONTADA PARA VOCÊ.

https://www.facebook.com/linnyeny/

https://www.instagram.com/alineeniescritora/?hl=pt-br
@alineeniescritora

Alvaro Daniel Costa
Ponta Grossa/PR

O que mudou?

Catástrofe...caos social
Um vírus devastador fez o mundo parar e tudo se transformou
O barulho virou silêncio
O fluxo parou
Escolas e faculdades fechadas
Desemprego e o desespero do pobre trabalhador
Muitos não estavam preparados com o que ainda estava por vir
Pessoas doentes, hospitais lotados e milhares de mortos
Pudemos ver o lucro acima da vida
A ganância dos empresários em nome da economia e da riqueza
Pudemos perceber o desprezo e a frieza dos políticos
ao não se importarem com as vidas ceifadas
Assistimos atônitos o deboche diabólico dos poderosos
Contudo, no isolamento muitos puderam refletir
sobre quem amamos e nos preocupamos
Percebemos que o amor verdadeiro não tem preço
Amor de mãe, de pai, de irmãos...
Tivemos que adaptar e nos reinventar na nova realidade
Muitos aprenderam sobre a humildade
A pensar no próximo
A ser menos egoísta
A distribuir mais afeto em um momento que o mundo estava cada vez mais mesquinho, mais torpe, mais cruel...
O distanciamento nos fez compreender
A importância da arte em nossas vidas
Apesar da tristeza, da melancolia e da solidão...
Expectativa e esperança
Que tudo irá passar!

Amélia Luz
Mariana/MG

Ventre

VENTRE
Amélia Luz

Foto: Amélia Luz
Mariana - MG

Entre ramagens
de carne e amor
um ninho seguro
esconde uma flor.
Toda a raça terrestre
é tecida em silêncio
brotando das ramas do ventre
que audacioso desvenda o amanhã.
No exílio do corpo materno,
abismo úmido e terno,
um anjo de cachos desperta
e canta sem medo
a canção da vida!

Que a cureta assassina
Não ouse impedir
O direito de nascer

Ana Chagas
Campo Mourão/PR

A amargura do interior

Ser um adolescente do interior do país não é nada fácil, por mais incrível que pareça a vivência ali nunca trouxe paz para ninguém, ou ao menos eu no meu círculo social estupidamente pequeno eu acho que não, ainda mais sendo um canibal. A falta de carne humana nesse lugar é absurda, devido à má alimentação dessas pessoas só restam gente seca para comer, mas ainda assim é tudo que eu tenho disponível, então eu consigo me virar com esses recursos.

Lembro o meu primeiro, era uma presa fácil e eu realmente me aproveitei disso, como você deve imaginar é apenas uma história clichê, eu o levei para minha casa e o mantive em cativeiro sendo forçado a ligar para sua família e dizer que estava bem. Pobre garoto, os que são como ele- adolescentes, pardos, vivendo suas respectivas vidas normalmente- nunca acreditam que vão ser as vítimas e isso torna a caça praticamente banal.

Primeiro eu desmembrei-o e retirei a pele da coxa, e cortei bifes em porções pequenas, era um ser muito grande para ser comido de uma só vez, e fiz o mesmo processo com as costas. O pênis era carnudo, então cortei ele também, infelizmente tive que jogar muita coisa fora, mas o que eu poderia fazer no final das contas? Pensei em vender, mas o gosto amargo da carne me entregaria.

Sinto saudades desse tempo, existem algumas coisas que só se faz pela primeira vez, porém essa não foi a única vez, e não consigo imaginar a última, eu amo as pessoas vivendo em mim, fazendo parte de quem eu sou, e espero genuinamente que alguém venha a me ter em seu corpo, um dia, quem sabe um dia.

Ana Maria Fázio de Freitas
Assis/SP

O grande autor

Ao contemplar a natureza exuberante
Com seus riachos, suas cascatas e ribeirões,
Vejo a magnitude de um Deus apaixonante,
Que tudo gerou para o bem das multidões.

Observando a relva estendida nas campinas
E as montanhas encostando-se ao firmamento,
Árvores e flores enfeitando as colinas,
Vejo a benevolência de um Deus sempre atento.

Admirando as estrelas no céu sempre a brilhar,
O luar formoso, seus mistérios e magias,
Vejo a grandeza de um Deus a nos amar,
Que tudo plasmou com encanto e com poesia.

Ao sentir a brisa tão suave a me tocar
E a chuva plácida inebriando a plantação,
O sol brilhando para o mundo iluminar,
Vejo que Deus tudo criou com perfeição.

Venham! Vejam! A natureza está completa!
Não resta dúvidas do poder do Criador!
Ele é o sublime engenheiro, arquiteto e poeta!
Do Best-seller da criação ele é o Grande Autor.
(Homenagem ao Criador)

https://www.facebook.com/anadefreitas.freitas.3/

Anaí Bueno
Rio Grande/RS

Culpa

— Não, não diga isso.
— Ah, não quer ouvir, é? Não tivesse feito … Bom, você sabe.
— Eu não fiz mal algum.
— Não é o que parece.
— Mas eu …
— Calada.
— …
— Ah, agora decide chorar? Lágrimas não vão trazer a criança de volta.
— Eu sei.
— Pois devia saber disso antes.
— De verdade, eu não quis machucá—lo.
— Caso não quisesse, ele não teria morrido por falta de ar.
— Eu não vi isso acontecendo! Mas você vem aqui todos os dias, me acusa e não acredita em mim.
— Você, não. Senhor. Já disse pra me chamar de senhor.
— Não aguento mais.
— Vai ter que aguentar até assumir a culpa; se não for por bem, vai ser por mal.
— Não, pare!
— Gente sem—vergonha merece apanhar!
— Ai!
— Assume! Eu já mandei você assumir!
— Eu cuidei o quanto pude. Trabalhei e sustentei o meu filho recém—nascido. E sozinha. Pelo amor de Deus, não me bate de novo.
— Devia ter cuidado mais, como uma mãe de verdade, entende?
— Mas eu fui uma mãe de verdade. Eu sou. Tudo em que eu acreditava antes do nascimento dele tornou—se pequeno, medíocre. Então não vem falar sobre ser uma boa mãe, ainda mais você, uma pessoa incapaz de gerar a vida dentro de si.
— Se fosse boa, ia ter ao menos a decência de não inventar essa história de que só viu o bebê morto pela manhã.
— Mas foi isso. Quando adormeci ele estava vivo e … Não, por favor!
— Não adianta pedir ajuda; vou insistir até você dizer que é culpada.
— O meu bebê existiu, ainda que por poucos dias, mas eu o amo, não fiz nada de errado e não vai ser você a me convencer do contrário. Some daqui! Não vou mais tolerar as tuas investidas.
— Patrícia muito bem. O seu bebê existiu. Você quer conversar sobre esse homem? – diz a psiquiatra.

Anderson Batista
Rio de Janeiro/RJ

Casa de Taipa

Sua casa era de taipa
madeiras e barro.
Não tinha piso
e seu telhado de palha.

Sua água potável
era rica pois vinha do alto.
Crescia seus frutos no solo árido
e no seu poço água armazenava.

Era o homem mais rico,
alegre e saudável.
Do tão pouco, árvores raízes criava.

Visitei sua casa,
café com fubá me ofertava.
Aos seus singelos sorrisos me alegrava,
do seu baú toda riqueza retirava.

E foi quando da minha face
lágrimas rolavam, eu admirava.
Toda sua riqueza era seus livros empilhados.

Antônio Jefferson Teixeira Sousa
Itapipoca/CE

Fios de cabelo

Determinadas coisas são difíceis de deixar irem. Li em um livro certa feita o seguinte, “o tempo não leva, o tempo deixa para trás". Então, é isso que devo me certificar, que os fios de cabelo que um dia foram raízes, sejam deixados a mercê dos ares, mares, e... pesares.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/sousajefferson

Bruno Black

Fumacê/Realengo/RJ

Cala a boca trabalhador

O sol nasce
Os pipocos na favela comem
Comem nossos ouvidos
Comem nossas forças
E o medo nos invade
Mas o que fazer?
Temos que trabalhar
Para trazer o pão de cada dia para casa!
O sol continua se pondo
Só os tiros parecem iluminar o céu
Policiais, inexistentes
E o trabalhador começa a sonhar com a trégua da guerra
Que não é no Iraque
Para então não perder a fonte de cidadania
Que o faz alimentar sua família.
A trégua aconteceu
Mas apenas por um minuto
E quem ficou
Ficou

Ficou à deriva de balas que procuram vingar as dores de vagabundos
E fica quicando de um lado para o outro
Quicando sem parar
Sem parar até furar alguém.
O sol vai embora
E o trabalhador agora briga com o tempo
E pede outra trégua
Para pode chegar em casa
Ele corre entre brilhos agitados
Ele corre para salvar a própria carne
E quando chega em casa
Encontra a sua parece furada
Seus filhos estraçalhados
Sua mulher morta e com a cabeça arrebentada
E o pão sobre a mesa à sua espera
Em silêncio
E as escuras
Ele junta suas forças
E vela a morte dos seus
Como se ele fosse um padre.
Nada mais ele podia fazer
Quem iria chamar?
Os cúmplices?
Os assassinos?
Quem?
Então a voz da razão disse:
Cala a boca trabalhador!

Bruno de Sousa
Santa Maria (Viseu), Portugal

O regresso nem sempre é uma vinda

O regresso nem sempre é uma vinda
Que torna ao lar que o abraça.
Há saudades de amor que o tempo lassa
E que permanecem ainda e ainda.

A ida para uma fuga que nos prende
Faz-nos ficar tristes e sorumbáticos
Como se o vento, nos seus coices acrobáticos,
Nos ciciasse que a compra também se vende.

E a solidão alastra e aborrece
Porque sabe que não é voluntária.
Mas, o coração é teimoso e pária
E nas recordações lembra o que viesse.

O regresso nem sempre é uma vinda
E um escape não soluciona a solução
Que está nas mãos de uma só mão
Que é tão simples como uma chuva linda.
Jogado a um canto como um farrapo
Está o sentimento que é enorme
- Tolo de tolices disforme
Que te ama e que agora destapo.

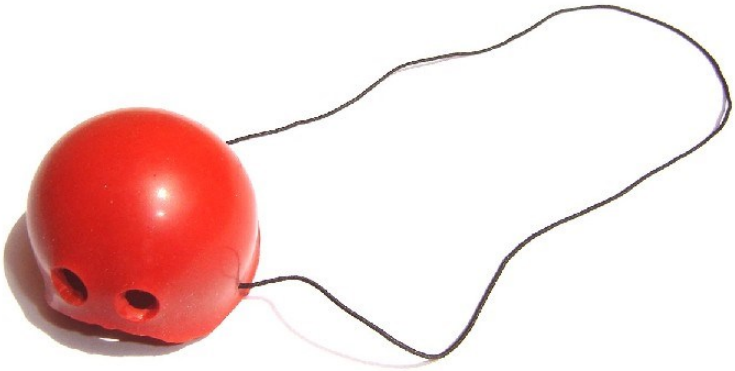
Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere-Baião- Portugal

O palhaço disfarça

Devagar, pé ante pé,
Com cuidado e devoção
Erguerás desde o sopé
Ao cume, uma nação.

Não te ponhas a descrer,
Olha que em qualquer jardim
Muitas rosas vão romper,
O belo não terá fim.

Muitos sonhos tem o louco
Deixá-lo fantasiar
Nunca será por tão pouco
Que os sonhos hão de acabar.



O palhaço entretedor
Disfarça tão sabiamente
Que da dor que é sofredor
Nem um esgar se pressente.

Quantos anéis tem na mão
Uma senhorinha só,
Tudo é mera ilusão
Só ficam cinzas e pó.

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Lábios de Anjo

Não me canso de chamar-te de meu amor...
Não satisfaço meus desejos com as lembranças de teus beijos.
Eu tento... Fechar os olhos e voar para o alto de uma montanha na esperança de lá adormecer e acordar dos meus longos sonhos com o toque suave de seus lábios.
Quisera eu me tornar um ser imortal e com a magia do amor libertar-me dessa prisão e para sempre amar-te sem razão.
Ah... Criatura cheia de encantos... O que eu faço com esse desejo?
Quero pegar... Tocar... Sentir...
Abraçar-te!
Lábios de anjo...
Só penso em você... Na alvura de sua pele.
Sinto, penso, fecho os olhos e a minha respiração pausada e uma profunda ansiedade me colocam na calamidade.
Tormento!
Quero amar-te eternamente.
Acorde-me dos meus sonhos bem devagar meu doce sossego.
Por favor!
Acorde-me com o toque suave de seus lábios de anjo.

Carmo Bonfim

Senhor do Bonfim/BA

O Sim

Meu nome é Marcos, porém, não quero falar sobre mim. A história que quero lhes contar é do meu irmão e melhor amigo, o João. Sua vida mudou muito depois daquele maldito jogo da Mega-Sena. Ele é pedreiro por profissão, assim como eu, milionário por sorte. E que baita sorte. João ganhou 150 milhões sozinho. Bem, tecnicamente sozinho. Eu seria o padrinho de casamento dele, entretanto, a situação ficou feia. Às vezes o dinheiro traz mais problemas do que felicidade.

Senti o cheiro inebriante das flores antes mesmo de chegar à Catedral de Nossa Senhora do Carmo. A escadaria estava toda enfeitada com pequenas flores rosas. As flores brancas e amarelas do interior eram destacadas pelo tapete vermelho. As luzes douravam as paredes. Senti-me transportado para um mundo diferente. Um mundo de paz, felicidade e amor. João, por causa de nossa mãe era devoto de Nossa Senhora do Carmo. Os convidados, muito bem vestidos, estavam chegando e lotando à igreja.

Somos nordestinos. Em nossa região, a seca castiga homens, animais e o pouco que plantamos. O único jeito de colocar o que comer na mesa de uma família de muitos filhos é tentar a sorte na cidade grande. Como filhos mais velhos, eu e João saímos de nossa terra e viemos para São Paulo. Acostumados ao trabalho duro, de sol a sol, logo arrumamos serviço, mesmo não tendo muita instrução. Não tínhamos muito tempo para os estudos. Ajudávamos nosso pai a sustentar nossos outros oito irmãos. Aqui, o que arrumávamos, mandávamos uma parte para nossa família e com o resto, íamos nos virando.

Estávamos felizes. A cidade grande tem muitas opções para quem sempre viu pouco. Divertíamo-nos vendo a diversidade de pessoas, suas roupas, jeitos de falar e de agir. Como agora. A catedral está cheia de gente bonita, sofisticada, grã-fina. Um prato cheio para meus olhos deslumbrados. João está nervoso. Posso sentir a tensão exalando do seu terno caro. Tenho certeza de que ele não presta a mínima atenção aos presentes que desfilam procurando os poucos lugares para sentar.

Nos momentos de folga, João e eu, íamos a feiras nordestinas e bailes de forró. Nada contra música eletrônica, samba, rock ou MPB. Nós gostamos mesmo é de Luís Gonzaga, Gonzaguinha, Trio Nordestino. Foi em um desses bailes que meu irmão conheceu a Andressa. Corpo bonito, jeito faceiro, riso fácil. Ele se encantou. Em pouco tempo estavam morando juntos.

— Marcos, vamos na 25 de março. Quero comprar uma coisa para a Andressa. — Seu tom alegre e misterioso me deixou com uma pulga atrás da orelha.

— O que você quer comprar para ela? Estamos meio duros este mês, não? — Argumentei, me lembrando que tivemos pouco serviço nos últimos dias. —

Ainda temos que mandar um para nossos pais. — João ainda fazia questão de ajudar nossa família, mesmo já morando com a Andressa.

— Uma aliança! — Seus olhos brilhavam de contentamento — Vou pedir Dressa em casamento.

Mesmo surpreso, devido a rapidez de como aquele relacionamento andava, fiquei feliz por meu irmão. Taí uma pessoa que merece ser feliz. O João. Merece ser muito feliz. Ele é gente muito boa.

— Mais antes quero passar na Lotérica. — João tirava a carteira do bolso e começava a contar seu esmirrado dinheiro.

— Tu ainda tens esperanças de ganhar alguma coisa? — Falei descrente. Desde que chegamos a São Paulo, se sobrava algum, tentávamos a sorte na Mega-Sena.

— Tá acumulada Marcos! Tá acumulada! Quem sabe não é desta vez.

E foi. Foi dessa vez que João ficou milionário.

Após fazermos o maldito jogo que arrebentou com as nossas vidas, fomos comprar as alianças para João pedir Andressa em casamento. Fomos comemorar o noivado comendo cachorro quente. Eles faziam mil e um planos. Sonhavam onde e quando seria o casamento, se eles tivessem dinheiro. Eu estava feliz por eles. Eles eram felizes. Voltamos a pé para casa. O dinheiro tinha sido todo empregado nas alianças. João queria dar o melhor para a Andressa. Pelo menos o melhor até onde ele podia.

A marcha nupcial começou a tocar e a visão da Andressa entrando na igreja me tirou dos meus devaneios. O vestido era tão... tão... tão suntuoso que eu nem consegui ver o pai dela. Pudera. aquele vestido deve ter custado uma nota. Eu podia ver, mesmo estando escondido pelas sombras na entrada, que tudo dentro daquela igreja exalava riqueza. Boa parte vinda do bolso de meu irmão. Coitado. Se ela me ouvisse dizendo isso, diria que ainda penso como um pobretão. Mas o que eu posso fazer? Eu ainda era um pobretão! O milionário era o meu irmão.

Quando o resultado da Mega-Sena saiu e descobrimos que João tinha ganhado sozinho 150 milhões, ficamos mega alegres. Porém, sem nenhuma noção do que era ter tanto dinheiro. Nem de que ele nos traria tantos problemas. Sempre fomos muito pobretões, pensávamos como pobretões, agíamos como pobretões, não sabíamos ser de outra forma. Mesmo João estando podre de rico. Ele sempre foi muito pé no chão. Sensato demais. Ele ajudou nossa família no Nordeste e várias ONGs de nem sei o quê. Ajudar os necessitados, era o seu lema, pois nós sabíamos o que era passar necessidade. Passamos a nos divertir mais, mas foi só. Ele ainda continuou a trabalhar de pedreiro. Dizia que era o que sabia fazer, que não sabia ser milionário. E foi aí que as brigas começaram.

Os flashes das câmeras profissionais que não paravam de pipocar, a fim de eternizar aquele lindo momento entre um belo casal rico, faziam as lembranças virem à minha mente com a mesma intensidade e rapidez. No início, tudo foram flores, bombons refinados, comidas estranhas, perfumes estrangeiros, passeios, joias, academia, plásticas, roupas caras, sapatos brilhantes, bolsas que não cabiam nada dentro, mas esvaziavam os bolsos do meu irmão. Tudo para

satisfazer os caprichos da Andressa. E como ela tinha caprichos! Eram tantos que eu não sabia nem onde, nem como ela inventava tantos. Tudo era pra ela. Nada para o João.

— João, não vai comprar nada pra tu não, irmão? Agora tu é rico. Agora tu pode. — Eu dizia-lhe.

— Não! —João disse-me franzindo a testa. — Por que Marcos? Você quer alguma coisa? — Ele já segurava a carteira para me dar algum dinheiro.

— Não. — Balancei a não em sinal de quem afasta a ideia. — Por enquanto, eu tô de boa. Semana passada tu comprou tanta roupa pra mim que nem cabe no meu guarda roupa. — Estava meio sem jeito, mas sem pensar, acabei dizendo o que começou nosso estranhamento — É porque tu faz todos os gostos da Andressa e ela nem se lembra de comprar uma cueca pra tu. Ela vai sugar todo o teu dinheiro.

— O que é isso Marcos? — Sua voz saiu mais alta e grosseira do que deveria, era apenas uma conversa normal entre irmãos. Não era? — Tu achas que eu não vou satisfazer as vontades da Dressa? Ela é a mulher que eu amo. Tudo o que ela me pedir eu vou dar. E ela já me deu cuecas sim. Sou feliz dando a ela o que ela quer. E dinheiro não foi feito pra gastar? Então vamos gastar.

E foi gasto que não foi brincadeira. Andressa estava determinada a sugar cada centavo do João e cada vez que eu tentava alertá-lo a briga era cada vez mais feia. Um dia, ele veio me contar umas coisas estranhas que a amada dele estava pedindo. Ela queria que ele fosse a um clube da alta sociedade, que ela passara a frequentar e, comprasse alguns amigos.

— O quê? — Estava chocado — E agora se compra amigos? São o quê? Um tipo de bonecos que ela dá o nome de amigos?

— Não seu mané! — João não conseguia me olhar nos olhos. — Ela disse que tenho que pagar umas bebidas para uns caras lá. Fazer novos amigos. Que eu estou rico e que agora, só tenho que andar em locais onde só tem ricos.

— Ela não quer que você ande mais comigo, João? — Eu estava incrédulo com a audácia daquela garota.

— Não, não é isso Marcos. — Mas pelo semblante do meu irmão, eu sabia que era.

— Ela vai acabar com o teu dinheiro, cara. — Tentei trazê-lo a razão, mas João era um homem bom e apaixonado.

— Eu investi algum. Não tem como ela me deixar liso. — João se justificou.

— Mas ela só vai cansar quando te deixar na lama. — E triste completei — E sem família. — Os sonhos para um casamento chique e uma noiva mega satisfeita, iriam prevalecer.

No altar, os noivos estavam ajoelhados ouvindo o padre e as bênçãos divinas. Os convidados estavam alegres. Meu coração pesava. Soube que depois ia ter uma recepção com um pessoal seleto. Música, champagne... Tudo do bom e do melhor. Eu não tinha recebido nenhum convite. Também, já esperava por isso. Os noivos se levantaram. Era o momento do sim. De selar a união. A voz do padre ressoou na catedral agora silenciosa.

— Andressa Rodrigues, você aceita João Felipe Albuquerque, como seu legítimo esposo?

Olhei sobressaltado para o altar. O que ouvi e vi me deixaram com o sangue fervilhando. Agora, de lado para os presentes e de frente para o noivo, pude ver uma barriga saliente que o vestido de noiva não conseguiu esconder totalmente.

— O quê? — Explodi de raiva sem nem conseguir ouvir o sim, ou o não, da noiva. — Aquela vaca teve a coragem de casar prenha e de um cara, que ainda por cima, tem o nome igual ao teu, João?

Meu irmão, que estava ao meu lado de cabeça baixa para me esconder o que estava sentindo, sussurrou:

— Foi.

Uma única palavra. Dita com voz embargada. Foi o aviso. Era melhor não espezinhar ainda mais sobre o sofrimento dele. Resolvi ficar calado. Já bastava ele ter vindo ver aquela cena deplorável. Aquela vagabunda casando-se com outro. Na data que escolheram. Na igreja que escolheram. Era muita cara de pau daquela ordinária.

— É para ver se enterra de vez o que eu sinto por ela. — João me disse quando me pediu para acompanhá-lo até ali.

Ele ainda me pediu perdão por tudo o que ele me fizera passar nesses últimos meses. Contou que a Andressa o tinha abandonado por um cara que ela conhecera naquele tal clube de gente rica, pouco depois de ela ter feito a gente cortar relações. Um cara rico, que gostava de ser rico e que esbanjava riqueza. João ficou sabendo de tudo depois que chegou uma correspondência à sua porta. Ela, apesar de já ter gastado boa parte do seu dinheiro, ainda queria a metade do que meu irmão ganhara na Mega-Sena. Pela constância da união estável, dizia ela. E olha que não tinha nada de estável na união deles depois daquele dinheiro maldito.

Ainda nas sombras na entrada da igreja onde estávamos, reuni coragem e perguntei:

— Aquele filho é teu?

João balançou a cabeça em negativa. Além de tudo, ela tivera coragem de o trair? Puto da vida, vi meu irmão passar pela porta. De relance, notei um volume estranho por baixo de seu paletó. Achei melhor deixar minha indignação de lado e ir atrás dele. Ele podia ainda a amar, mas não deixaria que ele desgraçasse ainda mais a sua vida. O dinheiro nos trouxe sofrimento, mas mostrou a verdadeira face da Andressa. Ele iria curar as feridas. Eu o ajudaria nisso. Uma lição que nosso pai sempre nos ensinou foi: a família vem em primeiro lugar. Iria lembrá-lo disso.

https://www.facebook.com/CarmoBonfimEscritora/Facebook:
Wattpad: @MariaDoCarmoBonfim.

Carmo Bráz de Oliveira
Foz do Iguaçu/PR

Vento de estrelas

Ainda te vejo como ontem
Pretérito imperfeito
Enigma das minhas desculpas
Despertar de pesadelo
Meu mundo azul
Silenciosas sentenças
Inacessível
Imperceptível presença
Tola crença
Das horas vazias
Confissões tardias
Eterna espera
Chegada
não consumada
vivendo tua pele
teu corpo escada
dirigível
pensamento impassível
etéreo
vento de estrelas

https://www.recantodasletras.com.br/autores/carmobraz

Caroline Cristina Pinto Souza
Botucatu/SP

O Compasso do Contágio

Os Concertos em pausa repentina, as aves como ímpetos regentes
O mundo numa virulenta neblina, as despedidas sobremaneira excedentes:
De maneira gradativa, dezenas a milhares,
Inconsistente estimativa, incrédulos patamares.

A mudez quebrada pelas sirenes, a lua inundando as ruas vazias
O inimigo em compassos infrenes, a pandemia, perniciosa, se desfia.
Os leitos em sobrecarga, o colapso no cenário
A estrofe se amarga, o parasita arbitrário.

O indispensável isolamento e a sensação de deserto
De momento a momento se amputa o futuro… dolorido, incerto!
Abatidos, aflitos: a prisão de nossas mentes
Incansáveis gritos, a garganta incompetente!

A dificuldade de um descanso, o ritornelo temor de uma perda
O contágio em presto avanço; a alienada richa: direita x esquerda
A ansiedade pela cura, os mais diversos profissionais em valentia
Realidade confinante, dura! A batalha de cada dia...

As sequelas da COVID-19 , bem piores do que febres, resfriados
O vulto preto, sentinela, se locomove, os dados das Bolsas viciados
O outono segue o seu trajeto - a queda de folha por folha, paulatina
O relógio indiscreto, a esperança se aquecendo numa desolada esquina.

César Aquino Bezerra
Canutama/AM

Encontro

A dor e a surpresa dos encontros
De repente, abro a porta
E é uma surpresa o que vejo
Depois de tanto tentar fugir

Disfarço, fingi que não vi
Mas ela viu
Não adianta ir embora
Então, vou assim mesmo

Ainda ignorando aquela presença
Que despedaça o que resta em mim
Um pequeno "Oi" saiu da sua boca
Por sortilégios, uma música toca na rádio

E parece um lembrete do meu erro
Me pergunto se os encontros,
São arquitetados pelo universo
Já que sonhei com você hoje

http://www.facebook.com/PseudopoetaCAB/

Cesar L. Theis
Guarujá do Sul/SC

As Cores da Luz

A ansiedade contida naquele momento, segundos de espera que os ponteiros do relógio na parede lentamente arrastam, a insegurança de viver os últimos anos imerso na escuridão, um pensamento de agradecimento emerge antecedendo o desfecho do resultado da cirurgia.

Permaneço sentado na beira da cama quando ouço no corredor passos compassados, minha mãe comprime sua mão junto a minha e posso sentir os batimentos acelerados do seu coração, um silêncio se mistura a ansiedade paralisante, os passos cadenciados se aproximam lentamente em nossa direção, preparo um nascente sorriso, destes quando recebemos uma visita surpresa de um parente distante.

Sinto uma singular fragrância de uma efusão aromática feminina tomar o espaço ao meu redor, ao que parece hoje o doutor não veio sozinho. E minha mãe solta a minha mão e sinto-a se afastando, ouço um calmo cochichar de vozes, que quebra o silêncio, porém parece que me negam o direito de participar daquela conversa.

E então novamente o silêncio, até que uma voz grave e rouca ressoa pelo quarto dizendo.

– Carlinhos, chegou a hora, vamos retirar o curativo.

E sinto uma mão sobre meu ombro, enquanto meu pensamento se torna fugidio, e minha imaginação despreocupada com a realidade me faz recordar como fui gradativamente perdendo a luz dos meus olhos, até a última memória da minha visão, um arco-íris em um dia de sol e chuva, e depois somente a escuridão.

E de repente sou novamente puxado para a realidade pela voz grave e rouca do médico.

– Enfermeira, pode começar a retirar o curativo, com cuidado por favor!

Então como anunciou a voz rouca e grave, era chegada a hora. A tesoura vai rangido e partindo o esparadrapo, e um movimento circular se inicia, e vai desvelando a faixa que envolve minha cabeça, aqueles instantes permitiram outro pensamento avulso.

O transplante poderia ter sido bem-sucedido... ou talvez não... mas só foi possível pela generosidade de um estranho, expressa no ato derradeiro da sua

vida. Permitiu a doação das córneas, que agora podem me devolver a luz e as cores do mundo, uma semente de humanidade, o altruísmo que mesmo no perecimento da vida faz o ser humano estar para o outro.

E sou tomado por uma aconchegante tranquilidade, como quem se encontra no interior de um abraço fraternal, enquanto a enfermeira termina de remover a faixa, e as tramas de algodão sobre meus olhos, em seguida a fita, e minhas pálpebras estão libertas e lentamente vão se abrindo.

E de repente percebo um aconchar-se da escuridão, e uma imagem desfocada vai se revelando, enquanto me esforço para manter os olhos abertos, meu olhar consegue alcançar um lumbre amarelado que cruza a janela de vidro, e se espraia pelo quarto... assim desloco meu braço até próximo do rosto, e vislumbro a beleza inenarrável do bailar da luz dourada e das sombras na palma da minha mão, criado pelo movimento dos meus dedos, como se a realidade regressasse ao meu olhar.

Enquanto as coisas do quarto preenchiam meu olhar de cores ainda levemente desfocadas, meu coração se desenfreava, e antes que meus lábios pudessem pronunciar qualquer palavra, uma lágrima se constituiu na minha alma, nasceu e correu pelo rosto, indo morrer entre meus dedos, a aproximei, e no interior daquela pequena gota de água salgada iluminada pela luz dourada do final da tarde, inesperadamente se revelou um secreto arco-íris de cores, e neste instante percebo que posso enxergar!

E ao envergar o olhar encontro o rosto da minha mãe que descortina um sorriso que vai metamorfoseando sua face, um sorriso de mãe, destes que marcam o nascimento de um filho, inenarrável pela singular quimera de felicidade e ternura.

E desde aquele entardecer dourado no quarto do hospital, voltei a ver as cores do mundo, o verde dos meus olhos no espelho, o vermelho dos lábios, os tons pálidos das manhãs de inverno, um pôr-do-sol num entardecer de outubro... e sem dúvida, ainda existem tantas cores no mundo que meu olhar precisa descobrir.

http://cesatheis.blogspot.com.br/

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Carnadura

Tomou-me como quem chega de um imenso abandono
A boca seca sobre a minha fonte
Descontrolada e sôfrega
Antes que a morte consumisse tudo, antes que a vida das cinzas se tornasse chamas
Tomou-me como dono, sem construir um alicerce sequer, sem um tijolo posto Do amor, a que nada servia, Operário, servente de pedreiro, engenheiro de porra nenhuma
Enfiou-me os dedos na massa pronta e lambeu
Ajeitou-se nos cômodos e esqueceu-se de mim,
Nos glúteos, as sofrências, as marcas de flores arroxeadas,
Tomadas floresceres de assomos dos jardins da decadência
Se inocência já era daninha entre flores depravadas, fazia tempos que eu o desejava
Os meus arpejos suspirados, aflorados em desesperos no corpo
Rasgues então as minhas carnes, sorva todos os meus líquidos, devotada e embriagada que estou
Deixe-me somente meio litro necessário para que eu não me vá da vida, toda...
Entupa a minha boca, as minhas coxas, por outros fatos...
De dormência, de solfejo, de carnadura
Alimente-me de beijos, roubados do aberto ventre e exposto
Das espremeduras dos seios, desconte-me em mim o tempo que eu não fui tua
Mas nem precisava a demência, a sofreguidão dos marinheiros de mares revoltos
Nem precisava que me pedisses porto, algum consolo,
Ou qualquer rogativas minha posta de saudades
Ou que me impusesses as tuas invasivas lembranças
Ou me impetrasses tu, me penetrando o mastro da nau dos desesperados
ou que eu implorasse a ti qualquer amparo tolo
Ou ainda que tu, nada sentisses por mim, pois que a isso nada importasse
Para quê?
Se eu, na tua ausência, já era tua

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel
Marília/SP

Sozinho no amor

Oh alma simbiótica! Não consegues enxergar a mulher real?
Tens sentimento adesivo,
Teu coração está grudado no dela,
Sofres pela doença do amor,
Somente tu amas,
Um amar sozinho,
Em silêncio,
Não correspondido,
Vives o ócio da dor,
Ela não se importa com teu amor e nem com tua dor,
Ela viveu abusivamente, o não bem-querer do bom homem,
Fizeste mau uso de ti,
Tu a cobriste de flores,
Tu deste o amor,
Mas não te deu valor,
E encontraste o vazio,
O não lugar, marcado pela tua inexistência,
Mas em ti, tens o outro idealizado,
De supetão, levaste um empurrão,
Vives dores e horrores,
Tua alma ficaste ferida,
Entorpecido pelo trauma,
Perdeste a lucidez,
Agora, vives sem dignidade,
Humilhado pela traição e maldade,
Por uma ilusão,
Surgem sentimentos amalgamados,
Presos na dor,
Ficaste quase sem vida,
Desabrigado de potência e de desesperança,
Oh separação! Que poder tens de sugar a libido da vida!?
Viste desesperado,

Um alucinado,
Empobrecido, tornaste mendigo da vida,
Sem chão,
Sem lar,
Sem direção,
E sem nada mais,
Tens sede de ser amado,
Mas a priori, terás que renascer do luto inflamado,
Não recebeste, nem mesmo uma migalha de amor,
Essa mulher adúltera, nunca esteve ao teu lado,
Não viste isso?
Descobriste agora o abismo,
Criaste outro mundo,
O faz de conta, o mundo de Emília em tuas fantasias,
Navegaste em águas traiçoeiras,
Quantos balanços! As turbulências de uma vida inteira!
Vejas quantas feridas!
Espinhos cravados em tua alma,
Furaste tua pele psíquica,
Quantos barulhos mentais!
São sons de teus sentimentos,
A linguagem da dor,
Que desgosto! Ingrata, não sabe o que é o amor!
Confiaste teu mundo a ela, mas não te respeitou,
A realidade apareceu e deu fim aos anos de ilusão,
Agora, o que te resta, é viver a dor do luto e da separação.

https://www.facebook.com/cizina.celia

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

Insignificância

Sempre fui um cara simpático, e me gabava por isso. Gostava de chamar atenção e usar meu charme para atrair mulheres. Elas quase nunca resistiam ao meu encanto, apaixonavam-se facilmente.

Não gostava quando ficavam no meu pé. Uma vez satisfeito o meu ego, eu queria novidade, sair com outras, mas não podia negar que, em um primeiro momento, agradava-me receber ligações, mensagens pedindo por novas oportunidades de sair comigo. Lisonjeava-me observar o quanto se humilhavam em troca de um pouco de atenção e carinho.

Porém, o problema não estava relacionado ao fato de não ter sentimentos – como já ouvira – e sim de gostar de todas, simultaneamente.

— Charles, você ainda vai se dar mal, uma hora você se apaixona por uma de verdade e é você quem vai sofrer.

— Que nada! Isso é impossível, tenho todas as mulheres que quero aos meus pés.

Frequentemente, saía com uma diferente e já houvera ocasião em que saíra com mais de uma em um só dia. Mas não achava que fazia nada de inadequado. Era gentil com todas e sabia conquistar uma mulher. Antes de conseguir o que realmente lhe interessava, passeava de mãos dadas, ia ao cinema, dizia que amava, fazia muitos elogios à escolhida... até terminar a noite em um motel.

As mulheres de sua família achavam um absurdo, diziam que ele estava iludindo as pessoas sem ter intenção de um relacionamento sério, no entanto, isso não o afligia; divertia-o e, quanto mais mulheres conquistava, mais se considerava fascinante.

Envolvera-se em diversos problemas: era mulher ligando ininterruptamente, mandando mensagens, indo ao seu trabalho, humilhando-se, querendo agredi-lo. Fugia de todas, não era sua intenção namorar com qualquer uma delas.

Frequentemente, quando chegava em casa, vindo de sua rotina agitada, ele relembrava as suas conquistas, mas, inevitavelmente, sempre vinha à sua mente uma pergunta inoportuna, que o incomodava pensar: "o que cada mulher que eu saí acrescentou a minha vida?"

— Pode não ter acrescentado nada, mas me fez bem ,satisfez meu ego, me fez sentir imponente, bonito – respondia de si para si.

Quando não estava trabalhando, tentava sempre estar com alguma mulher, como se precisasse provar a si mesmo que era capaz de conquistar a mais difícil que fosse.

Seus amigos foram casando-se, constituindo família e cada vez ele ia ficando mais isolado, pois casais chamavam pessoas na mesma situação conjugal para

saírem com eles; quase nunca o convidavam para jantares, festas. Até seu amigo mais chegado, o Carlos, estava namorando.

— Como você mudou Carlos, nem te reconheço mais!

— É o amor, um dia você também vai se sentir assim e a presença de apenas uma mulher vai te bastar.

Charles sorria e não acreditava, mas passou a se incomodar pelo fato de só ele estar sozinho, de não ter ninguém em casa esperando-o quando chegasse do trabalho, de nem sempre ter uma mulher disponível para sair com ele a hora que quisesse, como vinha acontecendo nos últimos dias.

Começou a achar que talvez fosse melhor casar-se, mas com quem?

Não saberia escolher uma esposa. Pediu ajuda aos amigos que, nesse caso, não podiam fazer nada.

Passou a observar as mulheres pelas quais ele teria mais afinidade, que não fosse ciumenta, que fosse companheira. Encontrou.

Resolveu casar-se, estava se achando muito só, apesar de sair com várias mulheres, e sentia falta de ter alguém ao seu lado, rotineiramente, como via na casa dos amigos casados.

Casar-se não foi difícil. Tinha um bom emprego e várias pretendentes. Escolheu a que lhe parecia atender aos seus requisitos

Foi uma surpresa e alegria para a família e amigos, todos queriam partilhar desse momento.

No começo foi tudo maravilhoso. Encantara-se com Estela todos os dias; gostava de ver filmes em sua companhia, almoçar junto. Passou a enxergar que sua vida era desprovida de sentido até conhecê-la, que nada do que fizera antes tinha colaborado para fazer dele um homem feliz e completo, como sentia agora.

Com o passar dos meses, Estela tornou, aos seus olhos, uma mulher fria. Já não o elogiava como antes, não dizia o quanto ele era bonito, inteligente, único, o quanto a conquistava dia após dias, e demais coisas que ele ouvira a vida toda.

Passou a rejeitá-la, sem sequer dizer-lhe o motivo. Achava que era obrigação da esposa entender o que estava ocasionando esse distanciamento e que ela deveria entender que um homem necessita ,diariamente, ouvir acerca dos seus atributos.

Sem aviso prévio, começou a sair novamente. A princípio, dizia a Estela que ia tomar umas cervejas com amigos do trabalho, depois já não dizia mais nada, simplesmente saía.

Voltou a frequentar ambientes que ia quando era solteiro ,cada vez com uma mulher diferente . Voltava cheio de si para casa, gostava que o idolatrassem que enchessem seu ego, que dissessem que ele era insubstituível. Gostava de ouvir isso constantemente. Precisava.

E assim continuou sacrificando sua vida, seu casamento em troca de prazeres momentâneos. Necessitava ouvir tudo que no fundo sabia que não era verdade.

Queria ouvir o quão grande era diante da insignificância que realmente sentia.

Cláudia Gomes

Feira de Santana/BA

Nove Minutos

Nove minutos
é o tempo necessário
para provocar o pavor
Para sufocar a vida
E causar tanto desamor.

Nove minutos é o tempo necessário
para mostrar a crueldade do racismo
para mostrar ao mundo que ainda temos
um forte inimigo
Neste mundo "evoluído"
Cujo homem, ser altamente pensante,
Continua a morar...

Nove minutos é o tempo necessário
para sufocar a vida
E continuar afirmando
que temos muito a lutar.
Nove minutos dentro de um tempo
Que a história não tem como apagar.

Nove minutos de terror
Tirando o ar daquele diferente pela cor
Somos iguais na nossa diversidade
E não podemos mais permitir
que outros poucos minutos
tirem a vida inteira
Por causa de qualquer tipo
de discriminação!

https://www.instagram.com/claudia_gomes_poeta/

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Balada da Escuridão

*(*Baseado em fatos reais...)*

Em uma lápide próxima ao infinito
Dormem dois corpos, frente a um grito
Em uma lápide próxima as sombras
Dorme um corpo diante do gelo escorrido.

Doce viagem rumo a longínqua imensidão
Olhos entreabertos nos guardava e nos seguia
Repentina parada, corre adentro a escuridão
Eram dois revólveres que de perto todos viam,

Olha para a frente e atente meu irmão
Um tiro no soldado que esconde a sua mão
Revida com bons olhos, atravessa dois tiros
Caem em enlace três corpos no giro.

Banhados de sangue estatelaram-se no chão
Uma rosa perfumada, despedida de um fardado
Duas rosas vermelhas, um adeus aos irmãos
Banhados de sangue os três corpos de um lado
O perfume das rosas, uma a uma, se vão.

São três vidas, três noitadas
Qual fora o motivo que de longe se perdeu
Descansam em paz na noite estrelada
Qual a sorte, o grandioso Deus lhe deu.

Este poema teve origem em um acontecimento ocorrido em um ônibus indo para Brasilia, tanto os dois bandidos quanto um policial que foi atacado devido a mostra de sua farda, faleceram no local.

Cris Ávila
Rio de Janeiro/RJ

Isolamento

De repente me vejo fechado...
Sozinho.
O espaço dividido para todos
Ficou restrito.
Para que a circulação seja natural
Um a um vai fazendo sua parte.
Parte essa que é do todo.
Porque o todo é um, quando esse um toma iniciativa e permanece na sintonia.
O mundo grita. E eu grito daqui isolado.
Esquecido.
Não sou bandido.
Mas estou enclausurado.
Abandonado.
Desapontado.
Aprisionado.
Acorrentado.
Com atitudes desformes.
Sem forma. Sem vida.
Mas de novo eu grito: quero a minha vida de volta.
Não quero o insulamento. E você está fazendo a sua parte?
O mundo continua chorando e muitos só se divertindo.
E eu permaneço aqui trancado, aqui dentro de mim. Pensando, pensando...
Pedindo.
Colabore, refletindo.

https://www.facebook.com/crisavilaescritora/

Cris Ávila (@crisavilaescritora)

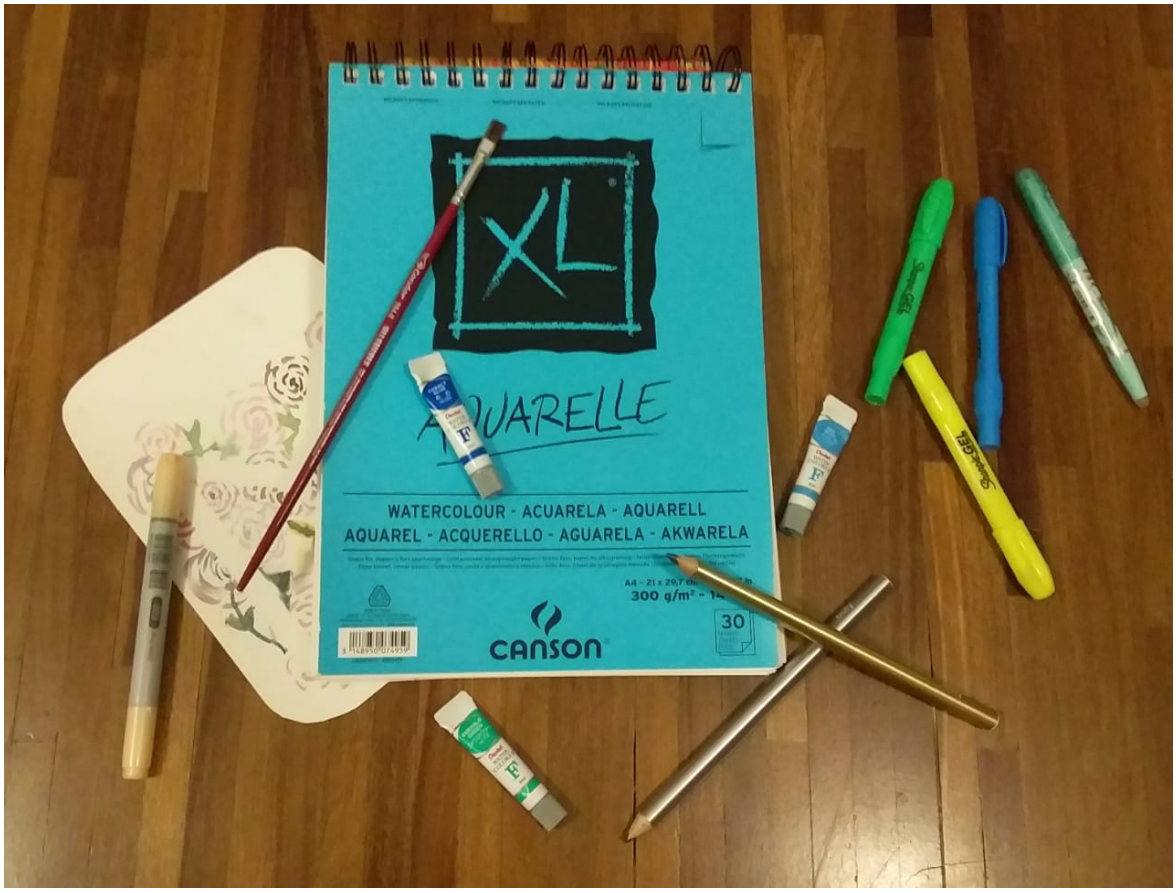
Daniel Cardoso Alves
Belo Horizente/MG

As memórias de um espaço/lugar em agonia

Fonte: Imagem adaptada de http://www.uemg.br/unidades-2019/859-faculdade-de-educacao.

No encontro da Alfredo Balena com a Paraíba lá está ela, a Faculdade de Educação, a Nossa FaE.
Não aquela FaE em plena pujança de conhecimento, ciência e burburinho de gente, que estamos tão acostumados.
Mas, uma FaE "vazia", mais espaço do que lugar, cuja arquitetura verticalizada guarda as nossas memórias, reminiscências e, também, as nossas pertenças.
É ... a tal COVID nos tirou do Nosso Lugar!
Vemos uma FaE agonizante e nós, daqui, órfãos e expectadores da vertical arquitetura do Nosso Lugar.
Mas, mesmo órfãos e fisicamente distantes encontramos forças e lhe damos uma sobrevida, o ressignificamos.
E cá estamos nós, em plena teimosia, construindo conhecimento, fazendo ciência e barulho de um modo diferente, de um modo virtual, nos reinventando, pois não podemos deixar o Nosso Lugar sucumbir.
Querido espaço FaE, nunca deixará de ser o Nosso Lugar; logo nos misturaremos por seus cantos, que sabemos que em sua verticalidade não mais nos comportam. Enquanto isso, seguimos daqui teimando para não deixá-lo morrer.
É ... essa teimosia por Educação é a mola que nos impulsiona, movimenta, nos faz viver e não nos deixa parar. Nós somos esse Lugar que chamamos de FaE, construtor de conhecimento, ciência e burburinho!

Instagram: @daniel_cardoso
E-mail: daniel.alves@uemg.br



Daniela Genaro
São Paulo/SP

Tempo de menina

Rabisca na folha
um caminho infinito...

Desenha letras,
inventa moda,
fazendo da vida
uma colorida aventura.

No seu tempo de ser menina,
transforma a palavra
em pintura!

Danielle F. Czmyr
Curitiba/PR

Haicai

Débora Araújo
Juazeiro do Norte/CE

Pele Cinza

Quando abriu a porta do quarto que ficava no fundo da casa, Bárbara sentiu o cheiro de mofo e urina que impregnava o cômodo. Hesitou na entrada, perguntando-se novamente se não deveria esperar a filha chegar para ajuda-la. Entretanto, Alice avisara que sairia com os amigos, o que significava que demoraria a voltar.

Adentrou o local, segurando algumas caixas vazias de papelão, uma dentro da outra e as colocou no chão, separadas. Olhou enojada a cama onde a mãe dormira nos últimos três anos. No guarda-roupa, primeiro lugar que escolheu para recolher as coisas, notou que, provavelmente, nem precisaria de todas as caixas que tinha trazido. Eloá tinha poucos pertences e suas roupas se compunham, a maior parte, de camisolas finas e desgastadas. Aquilo não daria nem para doação, pensou, possivelmente virariam pano de chão.

Começou o trabalho de forma automática e rápida. Queria sair daquele lugar fétido o quanto antes, uma vez que mal frequentara aquele lugar com a mãe viva, quem diria com a mesma já enterrada há meses.

Bárbara não parecia lembrar que um dia ela e a senhora que habitara aquele cômodo foram muito amigas, tal qual ela era com sua filha. Mesmo quando ela mudou-se de cidade e começou a construir a sua própria família, elas continuaram mantendo contato, mas aí veio a doença. A maldita doença.

Eloá foi a diversos médicos, mas nenhum sabia dizer o que aquilo era e nem mesmo sabiam como fazer com que as manchas acinzentadas com líquido viscoso escorrendo parassem de aparecer pelo seu corpo, deixando a mulher cada vez mais fraca e demente, até o ponto em que precisou morar com a filha.

O aspecto da mãe era para Bárbara algo asqueroso. As manchas já invadiam quase toda a extensão da pele, inclusive o couro cabeludo e o líquido estava sempre manchando roupas e colchas da cama e pingando no chão. Colocara a mãe num minúsculo quartinho no quintal da casa e contratara uma enfermeira para cuidar dela durante o dia. A noite era deixada uma grande quantidade de comida e uma garrafa de água ao lado da cama, junto com um penico para que ninguém precisasse ir até lá ajudá-la.

Alice, às vezes, ia conversar com a vó, tinha paciência em entender suas balbuciações e perguntava a mãe o porquê de não ir vê-la.

— Ela sente sua falta — dizia.

Contudo, Bárbara não achava aquilo possível, visto que a genitora mal se lembrava de quem era. A noite era atormentada por pesadelos terríveis. Sonhava que era velada por um monstro de cor cinza enrugada, com pouquíssimos fios

longos na cabeça, e uma poça de um líquido fétido e transparente ao seu redor. Dentro daquele delírio noturno, acordava com a substância pingando em seu rosto e a face daquilo a poucos centímetros dela. Despertava de madrugada e certificava-se que a porta que dava para o quintal estava de fato fechada. Duvidava que sua mãe tivesse forças para sair da cama sozinha, mas não queria arriscar que o sonho se tornasse realidade.

Quando, por fim, Eloá morreu, foi tomada por um sentimento de alívio, há muito destituído de qualquer sensação de culpa. Apesar de nos primeiros meses, sempre rejeitar a ideia de que gostaria que a mãe se fosse e deixasse de ser um fardo, findo os três anos aquele pensamento já não existia.

Nunca mais ter que ouvir o mastigado lento quando ia para o quintal, porque realmente era necessário e a enfermeira deixara a porta aberta, ou o arrastar dos pés. Nunca mais ter que colocar na máquina de lavar, tecidos com aquelas manchas tenebrosas e fedidas. E o mais importante, nunca mais correr o risco de olhar para aquela figura disforme.

Embora não tivesse passado tanto tempo empacotando as coisas, ao terminar, Bárbara se sentiu um pouco tonta e enjoada. Talvez fosse aquele cheiro que ela não conseguia se acostumar ou as lembranças da mãe que vivera ali. Levou as caixas para dentro e quando saiu pela última vez, deu uma olhada no local, decidida de que mandaria descer a abaixo todo o cômodo. Faria uma horta no lugar, quem sabe.

Tomou um banho e deitou-se ainda com o mal-estar, esperando que quando acordasse, ele já tivesse passado.

***

Às onze da noite, Alice chegou em casa e viu que a mãe já tinha empacotado as coisas. Meneou a cabeça, com reprovação. “Eu disse a ela que amanhã faríamos isso juntas”, pensou, mas de forma carinhosa pela teimosia constante da mãe.

Foi ao quarto de Bárbara lhe dar um beijo de boa noite, porém ao abrir a porta estancou aterrorizada. A mulher dormia de lado e dali onde Alice estava, podia ver de perto os pés descalços da mãe e em um deles havia uma mancha acinzentada, onde um líquido viscoso escorria.

Deu meia-volta e fechou a porta, pensando: “Talvez seja hora de mamãe se mudar para o quarto dos fundos”.

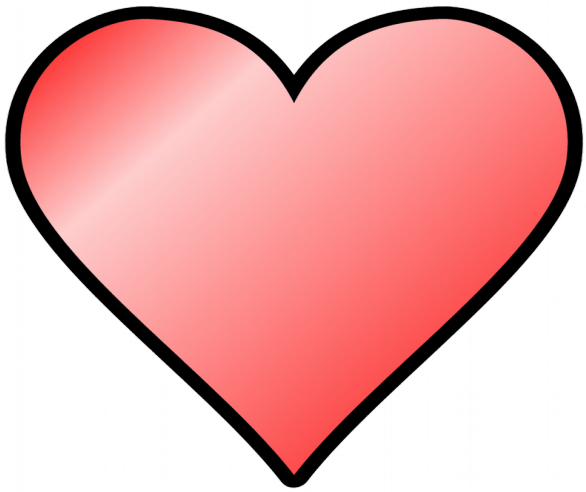
https://twitter.com/dyaflourenco

Dorilda Almeida

Salvador/BA

Amor Maduro

O maior amor do mundo
Está em nós
Nos bastávamos
Transbordávamos
De repente
Um filho
Eternidade
Você está em mim
E eu em você
O amor se expande
Quando amadurece
Dividir, compartilhar
Com a humanidade
O amor por você
Fez estender
A outras pessoas
Outros amores
Você me deu asas
Sinto-me voando
Na direção do bem
Se cair
Tenho você
Para me carregar
E voltar
A voar, a voar, a voar...

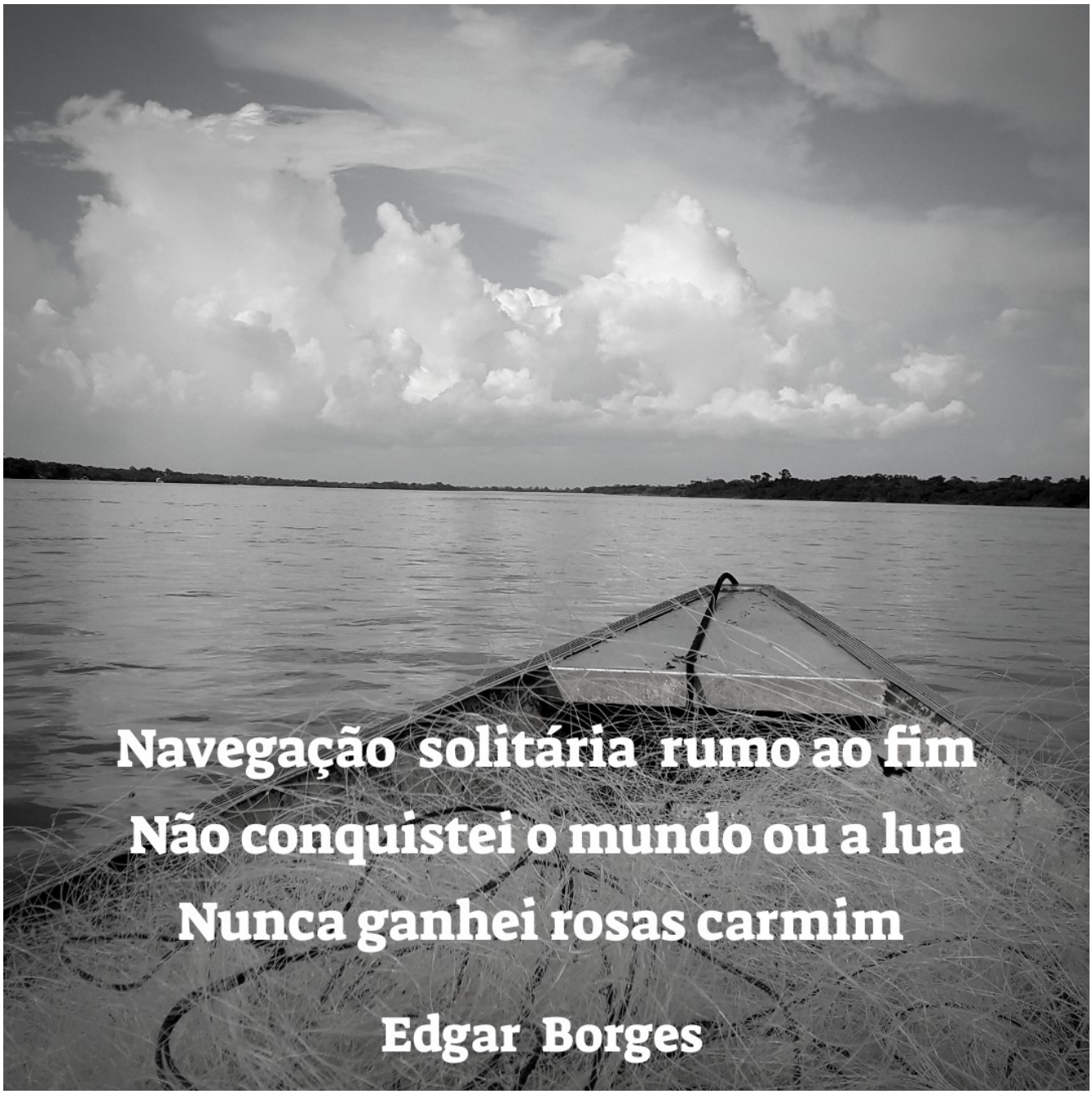


Instagram: @ dorildacedhia

Facebook: dorildaalmeida

Edgar Borges
Boa Vista/RR

Fotopoema



Eduard Traste
Florianópolis/SC

Enquanto ela dorme

enquanto ela dorme
feito um anjo perdido
entre meros mortais
e outra mulher esquenta
minha orelha ao telefone
enquanto ela dorme
e permaneço aqui
bebendo e fumando
enquanto ela dorme
e invento maneiras
de me distrair
para deixá-la dormir
enquanto ela dorme
e permaneço
devorando-a em meus
pensamentos
enquanto ela dorme
e penso em tudo
que preciso contar
a ela quando acordar
enquanto ela dorme
e imagino futuros utópicos
onde vivemos satisfeitos
nossas insanidades
enquanto ela dorme
e espero o relógio girar
o dia chegar, ou melhor
ela acordar.

@estrabismonet

Edweine Loureiro
Saitama – Japão

Formas de Amar

Jogou a mochila no sofá e, vendo-a na cozinha, correu para dar-lhe as boas novas.

— Mãe, mãe! Tirei um dez em…

Mas Dona Júlia, ao celular, fez sinal para que Tiago se calasse.

— Só um minuto, Lucy! — E para o filho: — Tiago, estou ocupada agora! Está aí na mesa o lanche. Come e depois você me diz o que tem para dizer, filho! — E retornando ao celular: — Pois é, prima, se você pudesse me fazer esse favor…

Tiago, no entanto, perdera o apetite. E, tomando apenas o suco de laranja servido com o sanduíche, subiu para o quarto, entristecido; enquanto Dona Júlia gritava-lhe da cozinha:

— E não vai comer o sanduíche que tive tanto trabalho para preparar?

*

Somente quando escutou a voz do pai na sala foi que Tiago animou-se a descer. Além do mais, tinha fome e já estava na hora do jantar.

— O Tiago chegou hoje emburrado! Nem quis comer o sanduíche que preparei com tanto carinho… — escutou logo de dona Júlia, enquanto pedia a benção do pai para sentar-se à mesa.

— O que você tem, filho? Está doente? — perguntou-lhe o doutor Pacheco, com aquela voz mansa que sempre acalmava a Tiago. Ao contrário da mãe, sempre tão rigorosa e fria — e quem, no raras vezes, dava ao filho a impressão de não se lembrar sequer se este existia.

Mas com o pai era diferente. Tiago sabia que neste, a qualquer hora, podia encontrar um amigo. De modo que não perdeu tempo para contar-lhe a novidade, a que a mãe se recusara a ouvir naquela tarde:

— Pai, tirei dez em Matemática! E fui o único na sala que conseguiu a nota máxima!

E doutor Pacheco, parando de ler o jornal:

— Parabéns, filhão! Viu como valeu a pena dedicar-se no fim de semana? Como recompensa, no próximo sábado, vamos ao cinema para ver o filme a que há tanto tempo você queria assistir... como é mesmo o nome daquele novo desenho da Disney?

— Oba! Vamos ver *Frozen*?! Valeu, paizão! — E, dando um grande abraço no pai, olhou em direção à mãe, num misto de desafio e piedade para com aquela mulher que, apesar da insensibiliade, ele não deixava de amar.

Dona Júlia, no entanto, mais uma vez, não lhe prestou a devida atenção: enviando mensagens pelo *i-phone* para lembrar a Lucy, a prima, de que na manhã seguinte as duas iriam fazer compras para a festa-surpresa pelo aniversário de Tiago — data de que o doutor Pacheco, por sua vez, esquecia-se todos os anos.

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Elvira Gastrite

Cheguei

— Olá, querida Elvira Gastrite – disse a Morte carregando uma prancheta e de posse de óculos.

— Morte? O que você faz aqui? - pigarreei alto devido à sinusite.

— Sua hora chegou – disse a Morte enquanto os óculos de haste vermelha lhe caíam na face esquelética.

— Quem disse?

— Eu sou a morte, baby- a morte deu uma risada debochada.

— Eu não quero ir, Morte. Não é a minha hora. Tenho muito a fazer: sou jovem, ambiciosa, cheia de sonhos, não tive filhos ainda, mas pretendo ter um dia quando encontrar a pessoa certa… - a Morte interrompeu-me.

— Não há amor para você, amada. É essa sua hora de ir. Tudo o que tinha a fazer, já fizeste. Não é agora que você vai fazer o que deixou para depois. Ou como vocês humanos sempre dizem? Ah, sim, "amanhã eu faço". Aquele "amanhã" que nunca chega. Aí acontece alguma coisa, a Morte vem buscar, e vocês de repente lembram que precisam viver! Mas ontem mesmo enquanto tinham tempo, nada fizeram. Eu lembro até da senhorita reclamando da vida, falando que queria morrer. Ué, cheguei. Você não fez pedido? Agora é por pedido, logo faço um aplicativo. Inclusive fui eu que inventei o serviço delivery.

— Entendi o seu ponto. Obrigada por me ensinar que tenho que viver o agora, como sempre ouvi as pessoas falando por aí, mas olha, dona Morte, com todo o respeito, não é o momento. Tenho apenas 26 anos, que são os novos 16, é tudo tão novo… Além do mais, o que levaria uma jovem de 26 anos no meio da noite? Se eu fosse idosa, até teria alguma justificativa, mas sou jovem. E a quarentena ainda nem acabou! Quem sabe você volte a me visitar quando eu já estiver com tudo bem estabelecido?! - fiquei um pouco sem voz devido à sinusite.

— A juventude não é garantia de vida eterna. A morte leva quando bem entende. Não existe mérito! Eu levo quem eu tenho vontade de levar. É meu trabalho desocupar a Terra um pouco, mexer as peças, assistir o que a morte de algumas pessoas faz à História, etc. Além do mais, se você já não tinha "tudo

estabelecido" antes da quarentena, por que acha que depois dela conseguirá? Se eu deixo você ficar mais um pouco, você certamente desperdiçará o seu tempo dormindo, comendo e assistindo filmes e séries. Isso não é estabelecer sua vida, nem viver.

— Ótimo, aprendi muita coisa, nossa, que interessante, sem méritos. Linda filosofia, dona Morte, mas tenho muito a fazer, então retire-se do meu quarto. Tenho muitos planos para depois da quarentena. Vá logo, dona Morte, tenho certeza que há outras pessoas lá fora que desejam que as leve.

— Sei que sou desejada, mas agora é a sua vez, seu momento de brilhar, de virar poeira estelar e fazer parte de outros corpos, outras vidas, conhecer outros universos. Não é lindo?

— Mas dona Morte, e a quarentena? Eu tenho muito a fazer depois da quarentena.

— Faça no céu, no inferno, no limbo, seja lá para onde você vai.

— Eu acredito que quando uma pessoa morre, não há céu nem inferno. Tudo acaba.

— Poupe-me de suas crenças. Vamos logo.

— E do que eu morri?

— Covid-19.

— É só sinusite. Já estou usando medicação para sinusite – meu nariz escorria enquanto dizia isso e minha voz estava meio pastosa, quase desaparecendo.

— Você que pensa. Morreu de covid-19. Ficou se automedicando, não foi ao médico, fim eminente. Vamos.

— Mas você não entende que… - a morte interrompeu-me e sem mais delongas, me puxou pelos braços com enorme força – deixou alguns arranhões –, pôs sua mão direita em minha boca e me cobriu com seu manto frio e fétido. Pelos rasgos no manto pude ver o meu corpo sem nenhum sinal de respiração, vagarosamente ficando para trás, dissociando-se, aos poucos, de minha alma.

Eudes Nascimento
Campina Grande/PB

O Atleta (Da imaginação 2/3)

O senhor Matias era um corredor. Quando menino, sua mãe dizia ao tentar agarrá-lo: "Matias, seu pivete, não é a toa que você nasceu de sete meses". Aos seis anos, Dona Vera decidiu, enfim, colocá-lo numa escolinha de atletismo e já no ano seguinte o moleque trazia todo orgulhoso no peito a sua primeira medalha. "O Roni só ganhou o ouro porque eu deixei, ele é meu amigo! " Gabava-se.

Aos trinta e três anos se aposentou na sua terceira olimpíada, foi um campeão com "C" maiúsculo, cinco medalhas de ouro, três nos 200 metros rasos e duas nos 100. Mas em sua longa carreira também houve derrotas, e aí sempre vinham as desculpas. É, o Matias dizia que eram a sua "carta na manga" para horas difíceis.

Agora, já velho, tinha escolhido viver no lar de idosos "Coração de ouro", decisão que foi aceita sem titubeio pelos filhos, já cansados de suas longas conversas contando as glórias do passado, ou de suas fugas repentinas para correr no parque da cidade.

— Papai, o senhor não tem medo do perigo? – Perguntou certa vez sua filha mais velha, Ana, quando o encontrou sentado ofegante num banquinho. – Já foi assaltado duas vezes, outra vez te deixaram com o olho roxo. O senhor quer morrer?

— Não, quero quebrar o meu recorde. E não se quebra recorde vendo TV deitado no sofá! Respondia impaciente olhando fixo para o chão. – Olhe só *procê*? – Mas aí ele se lembrava que fazer menção à forma física da filha deixava-a magoada e então mudava de assunto rapidamente. – Vamos embora!

Os filhos diziam: "O papai já está com problemas de memória! Ele vê coisas onde não existe" "Às vezes ele age como se tivesse trinta anos" "Queria ter a sua disposição, não é todo mundo que chega a essa idade com tanta energia".

Muitas vezes ele fazia vista grossa para os comentários que escutava atrás da porta ou nos corredores. Um dia cansou, e aí depois de uma busca rápida na internet descobriu o "Coração de ouro". O lugar era espetacular, bem-conceituado, tinha academia, aulas de dança, festas, pista de atletismo e claro, pessoas como ele, amigos em potencial.

Duas semanas foram o bastante para que ele se enturmasse com todo o pessoal. Era respeitado pelos profissionais do lugar, paquerado pelas colegas assanhadas

e admirado pelos amigos do xadrez. Ao menos era assim como descrevia para os filhos nas ligações e visitas de família. De certa forma era verdade, Matias era muito querido, mas havia certo exagero em tudo o que contava. Era a famosa mania de grandeza.

Não demorou muito para que descobrisse que havia uma competição de corrida anual entre todos os asilos da cidade. Havia uma pré-seleção no Lar, mas todos os possíveis competidores sofriam de reumatismo, então ele foi escolhido de primeira pelo treinador, Dino, um jovenzinho de vinte e poucos anos.

A preparação foi intensa, todos os dias com exceção do domingo, duas horas diárias. Três meses de preparação. Às vezes Dino reclamava: - Seu Matias, o senhor não tem a mesma idade de trinta anos atrás, não exija tanto de si.

Ao que o outro respondia: "Meu caro, isto é uma competição, o mais preparado será o vencedor, além disso, você sabe o que está em jogo!" Dino ria disso, mas sabia que era uma atitude nobre. O fato é que o velho não estava para brincadeira, e o seu lema de vida, tatuado no pulso esquerdo refletia bem isso: "win or win!"

Chegou o grande dia, e o pequeno estádio da cidade estava quase lotado, todos vinham para assistir a maturidade vencendo a gravidade e o tempo. Eles achavam a corrida engraçada também, mas para os competidores aquilo não era nada divertido, a disputa era ferrenha e o prêmio fenomenal. Matias estava concentrado em sua raia, mas correu o olho para a plateia procurando os filhos, encontrou-lhes na primeira fila e deu com a mão. Era a hora do Show.

— Às suas marcas – gritou alguém. E após alguns segundos se escutou um tiro.

Dois competidores ficaram para trás, tinham esquecido o aparelho auditivo, Matias e outros três largaram quase juntos, enquanto um vinha mais atrás. Sua largada não era boa, mas no meio da corrida suas passadas largas davam-lhe uma margem de vantagem sobre os concorrentes. O mais impressionante era que em sua cabeça, ele imaginava os tempos áureos, correndo num estádio olímpico e sendo ovacionado pelo público. Por alguns segundos fechou os olhos e admirou aquela cena magnífica. Era a glória, a glória de um atleta.

Foi o primeiro a chegar, sete segundos a frente do segundo colocado, estava ofegante, mas muito feliz. Estava longe dos tempos de outrora, mas tinha vencido. Ainda era o melhor. Imbatível, inalcançável. Como sempre, guardaria todas as manchetes e notas que saíssem sobre ele nos jornais e colocaria num quadro bonito a sua medalha dourada.

Ao final do dia, depois de muitas salvas e agradecimentos do pessoal do asilo, ele contemplava resoluto sua conquista na parede do quarto, um grande pôster que trazia escrito o tão sonhado prêmio: "Um ano grátis de fraldas descartáveis Sono Limpo para o Lar Coração de Ouro".

Fábio Daflon
Vitória/ES

Balada de Santa Comba dos Vales, padroeira das assediadas

Antes da fundação
de Portugal,
em Lamas,
o Rei Mouro governava,
e Comba
a pastorinha, sem trigal,
cuidava
do rebanho; pastoreava.
O rei muito
feioso e membrudo,
tinha orelha
de asno, outra de cão;
queria da pastora
além da mão
sua alma e seu corpo;
mas contudo,
devota, ela a Deus
entregara-se,
em fuga de alguém
que não amaria,
e que por tal motivo
a perseguiria
até despenhadeiro
onde à garra
do Mouro estaria,
se engolida
por pedra, Deus
da ira não a livrasse
em desdita de sina.

Farah Costa
São Paulo/SP

Insensatez

Eu ressuscito os mortos,
tocando nas suas lembranças,
me desequilibrando.
Nesse toque,
sinto no ar
presenças não aparentes.
Meu olhar não toca no seu,
mas a minha memória
é presente,
é insubmissa.
E insubmissa sou,
como um cavalo selvagem,
na minha loucura.
Mas presente eu sou,
na sua memória.
Combato meus personagens imagináveis,
mente além da imaginação.
Queria ir de encontro a luz,
a luz da contemplação
Não queria sentir
esse vento frio.

Queria beijar a sua boca carnuda,
mas agora estou presa.
Presa na vida,
vida que não liberta,
o passado.
Quero o presente
e a cor incandescente
do futuro.

Felipe Martins
Franca/SP

Como está a senhora?

Saí de casa aflito, com tanta amargura no peito, e as ideias mais bagunçadas que nunca. No caminho, enquanto pilotava a moto eu chorava, pois, eu não queria me sentir daquele jeito nunca mais. Eu sabia onde encontraria conforto: A casa do meu melhor amigo. Morávamos longe um do outro, e tudo que eu tinha que chorar ficou no caminho. Era impossível não ficar bem do lado dele. Com seu humor ácido, ele conseguia corroer em mim tudo que era ruim, e sempre precisar fazer nenhuma força, ele me ajudava não só a ficar, mas como ser uma pessoa melhor.

— Finalmente! — ele disse insolente. — Veio andando de mula? — eu ri, o cumprimentando.

— Ninguém manda você morar nesse fim de mundo. — retruquei.

Era assim que demonstrávamos nosso afeto: através de insultos. Na sala, saudei sua mãe e fomos para o seu quarto onde passávamos praticamente todo tempo falando de tudo que estava nos acontecendo. Nos conhecemos no teatro, e apesar das inúmeras vezes no palco, eu não precisava atuar diante dele. Com ele nunca foi necessário usar máscaras e no meu pior ele nunca apontou o dedo e me julgou, quero dizer, julgou, mas foi na minha frente, sem mentiras, sem me poupar, mas sempre buscando acrescentar algo positivo. E eu era assim também com ele.

Mas o mais engraçado é que não importava o quão ruim eu estava, só de estar diante dele eu ficava bem. Ele sempre me sedia a cama para deitar e ficava sentado em uma cadeira. O roteiro era sempre o mesmo: falar besteira, assistir algum filme, comer alguma coisa e por fim ficar quase que uma hora no portal falando das coisas sérias.

— Você viu que a Tauana está grávida? — ele me perguntou antes de eu me acomodar na nova cama de casal dele. Antes era de solteiro.

— Você está brincando? — fiquei estupefato. — Como você ficou sabendo?

— Ela postou em todas as redes sociais. — ele continuou. — Quem diria. Já estava morando junto, e agora grávida. E a senhora, está bem?

Costumávamos nos chamar de "senhora". Fazíamos humor do começo ao fim e com absolutamente tudo, sobretudo de nós mesmos. Perdi às vezes que o fui ver com o peito cheio de dor, e com muita vontade de chorar, mas para ser sincero, nunca chorei na frente dele. Não era por vergonha, mas sim por que magicamente não havia mais pelo que chorar.

— Mais ou menos. — eu disse quebrando o clima da noite. — Terminei meu namoro essa semana!

— Ah, mas por quê? — apesar de ambos sermos palhaços, sabíamos que o segredo da comédia é saber quando contar a piada, então ele falou bem sério. Largou o celular e se concentrou em mim.

— Você conhece toda história do meu relacionamento até aqui, mas eu omiti uma informação. — fiz uma pausa dramática. — Ele me traiu há alguns meses, e desde lá tentei continuar a relação, mas fui ficando cada vez pior dentro disso tudo e decidi terminar.

— Mas que homem idiota, esse! — ele disse. — Sei que é clichê, mas a senhora merece coisa melhor.

— Eu sei, e eu terminei justamente por que consegui enxergar. — continuei. — Percebi que passava o tempo todo da minha terapia falando dele, e quando eu vi que estava com vergonha de te contar o que houve, percebi que não podia mais continuar com isso.

— Quer dizer que quando ele esteve aqui, ele já tinha te traído? — ele perguntou com um pouco de raiva na voz, então acenei positivamente. — Devia ter cuspido na água então.

— Podia ter colocado laxante, isso sim. — eu ri. — Mas é isso. Eu ainda sinto falta dele, mas não suportava mais olhar para uma pessoa que me trocou por outra pessoa, ou outras pessoas. A verdade, meu amigo é que ele nunca me namorou, só me esqueceu de contar isso.

— Nossa! — ele ficou espantado. — Ele é sem noção de mais.

— Muito! — continuei. — Mas como diria Eponine em "Les Miserábles": "ele nunca foi meu para perder". Agora dói, mas você sabe bem que eu junto meus trapos, aprendo e cresço com tudo isso.

— É por isso que nunca me envolvo. — ele riu. E tinha razão. Em sete anos de amizade ele se envolveu mais sério apenas com uma pessoa, e não acabou bem. Azarados no amor, e no fim do dia, estávamos lá um pelo outro. Isso era uma constância. Percebi que não importava quantas vezes eu atingisse o fundo do posso, ele esteve lá para me jogar a corda, todas às vezes.

— Quero ser como a senhora quando eu crescer. — brinquei. — e o que vamos comer?

— Pediremos uma pizza, que fica aqui perto, que eu provei e gostei muito. — ele disse. — Mas antes, você vai ficar bem? — ele perguntou preocupado.

— Eu já estou bem melhor! — eu sorri enquanto pegava o celular para fazer o pedido da tal pizza.

O resto da noite foi como as outras, e sendo assim não lembro com detalhes. Não lembro o sabor da pizza, não lembro qual foi o filme. Não lembro nem dos assuntos que falamos. Das pessoas que criticamos ou dos insultos trocados. Mas algo era constante em todo e qualquer momento que eu via. Eu agradecia do fundo do meu coração ao universo pelo amigo que eu tinha e que sem nenhum parentesco se tornou família.

Ele não sabe como me sinto, porque nosso afeto é mascarado no humor, mas ele com toda certeza sente o mesmo, sei disso. Ele era o melhor irmão que eu poderia ter, e não importava quantas vezes ele esteve do meu lado, eu estaria do lado dele cem vezes mais, por que é isso que amigos fazem: te apoiam.

Aquela criatura caricata, ácida, meio palhaço, magricela, era uma das pessoas mais importantes da minha vida, e claro que não saí de lá sem dor nenhuma. Claro que seria uma longa jornada até eu me curar daquele baque enorme que nunca havia me acontecido, porém, eu sabia, que eu só passaria por isso sozinho se eu quisesse.

— Eu te amo, carniça! — eu disse pela primeira vez. Sem piada, sem brincadeira.

— Eu também te amo. — ele repetiu e fiquei em choque, pois, não esperava. — e não acostuma não que eu não falo isso nem para minha mãe.

A noite acabou no portão como sempre, mas não conversamos muito, pois, estava frio. Subi na moto e ao contrário de quando cheguei, fui embora sorrindo relembrando da noite. E com a certeza de que não importa o tamanho do buraco no meu coração, ele não me deixaria cair lá dentro. E de fato, nunca caí.

Felipe Valdeci da Silva
Vinhedo/SP

Sonhos com a Morte

A noite está completamente escura e calma. Me parece que será mais uma como qualquer outra. A rotina será a mesma: lerei mais um capítulo de meu livro e seguirei para a cama. Acordarei no dia seguinte, tomarei meu café e rumarei ao trabalho.

Mas tudo muda.

Ouço os gritos de um homem. São aterrorizantes. Ferozes. Desesperadores. Pergunto-me qual será a justificativa para tamanho desequilíbrio.

De repente, vejo: o pobre coitado jogado no chão, sendo espancado com o que me parece ser um pedaço de pau. O agressor é possuidor de grandes músculos. A vítima está completamente suja de sangue. Não consegue respirar com eficiência, apenas solta bufadas pelas narinas. Seus olhos estão roxos; a camiseta, rasgada. A expressão estampada em sua face reflete todo o terror que passa por sua mente. Sinto pena do infeliz.

O brutamontes larga o pedaço de pau. Achei que tudo aquilo iria acabar. Ou talvez o agredido já estivesse morto. Mas não, pois eu ainda conseguia reparar nos barulhos fracos de sua respiração. Ele começa a levar seguidos socos no rosto. Grita. Grita como uma mulher ao dar à luz. "Piedade, piedade!". Posteriormente, pontapés são descarregados em suas costelas. Consigo reparar em outro barulho, dessa vez diferente. Acredito que uma delas tenha quebrado.

A violência continua. Acho que o miserável nem deve mais processar o que está acontecendo. A este ponto não possui ao menos energias para gritar e expressar a sua dor. Tudo o que faz é dar tossidas que culminam em sangue saindo de sua boca, servindo para tingir a grama daquele terreno baldio.

A gigantesca frieza do brutamontes me assusta. Ele não sente nenhum pingo de remorso de tudo aquilo. Não entende que a passos largos está dando fim à vida de uma pessoa. Acabando com uma história. Aliás, minto. Ele sabe. Ele tem plena noção do que está fazendo e, ademais, parece se divertir com tudo aquilo. É um psicopata. Enquanto o sofrimento está marcado na face do outro sujeito, o brutamontes sorri, em uma expressão de felicidade. A mais pura felicidade.

Em minha mente, me pego tentando achar explicações para aquele ato bárbaro. Penso se o agredido era um criminoso, se havia feito algo para o agressor ou para alguém próximo dele, entre tantas outras perguntas que permeiam em minha mente. Mas não. Eu estou errado. Nada explica ou justifica aquilo. Ele está tirando uma vida de uma maneira extremamente cruel. É desumano, grotesco.

O brutamontes para subitamente. Dá dois pequenos chutes na vítima. O pega pela gola da camiseta e o solta. O corpo cai como um objeto ao ser solto. Agora era uma massa inerte de carne e ossos. Estava morto. O brutamontes solta uma risada monstruosa de prazer.

Me remexo na cama. Estava dormindo profundamente, mas acordo de repente. Dou praticamente um pulo e fico com as costas apoiadas na cabeceira. Por Deus, acabo de ter um pesadelo horrível! Acendo meu abajur, passo as mãos pelo o rosto e respiro fundo. Como odeio pesadelos! Me sirvo um copo d'água que estava ao lado da cômoda. Estou mais calmo. Tento voltar a dormir. O dia começará em breve.

Tenho meu sono interrompido pelo barulho infernal do despertador do celular – não há nada mais estraga prazer do que isso. Rapidamente, para não cair no sono, me levanto da cama. Coloco a colcha e logo em seguida vou ao banheiro escovar os dentes. Molho meu rosto com a água fria da torneira para definitivamente acordar.

Desço para a cozinha e preparo um delicioso café sem açúcar. Como de costume, enquanto como meu bolo e tomo meu café, pego meu celular e vou para a página de notícias.

Não deveria ter feito isso.

Lágrimas começam a escorrer em meu rosto. Não consigo respirar direito. Choro desesperadamente, assim como uma criança ao cair e se ralar no asfalto, quando leio que um homem foi espancado até a morte no terreno baldio da rua ao lado.

https://medium.com/@felipevaldeci03

Fernanda Vieira
Boston/MA – Estados Unidos

O Manual de docilidade de Clarissa Passos

O relógio, o quarto, a sala, a poeira fina sobre os móveis, o passarinho que canta de manhã, a cigarra que anuncia outro dia de sol, o trovão da chuva, o sorriso no apartamento do lado, as crianças que correm por motivo nenhum, os adultos que correm o tempo todo. Tudo fere a sensibilidade de Clarissa.

Ela nunca soube bem quando começou, mas acha que foi quando quis que a mãe morresse por não a deixar brincar por mais tempo. *Por que você não morre, sua inútil? Por que não morreu quando eu nasci?* Recriminou o pensamento tão rápido que seu coração pulou uma batida e meia. Era como se tivesse sentido um formigamento na cabeça e um sorriso suprimido junto com o pensamento perverso. Ali, sua sentença fora marcada. Clarissa é moça boa, foi menina estudiosa, obediente e doce. Hoje, dizem moça ponderada. Age suavemente, fala pausadamente, olhar morno, gestos pequenos sempre muito junto ao corpo. O abismo em que caminha é solitário e cotidiano. Clarissa pensa e imagina coisas terríveis, que suprime logo correndo. As mãos suadas, a boca apertada em um sorriso proibido, o coração acelerado. Esse jogo alimenta alguma coisa que a consome desde a infância. Devorando por dentro como que chupasse a vida pelas pontas dos dedos, como uma sopa em um canudo. Os ossos já aparecem sob a blusa de algodão verde claro com renda inglesa que a tia deu no aniversário. Adorável. Ela odiou a blusa, odiava a tia, queria cortar tudo na tesoura. *Cortarcortarcortar*. A blusa e ainda mais a tia. *Cortarcortarcortar*. *NÃO! NÃO! NÃO!* Sorria nervosa agradecendo o presente tão querido e por dentro uma luta intensa sem vencedores. A tia está bem, obrigada. "Clarissa, minha menina, você está muito magra." Clarissa às vezes não sabe distinguir os limites das coisas. Se é sonho ou se é verdade, o inexplicável fica sem ser questionado. A mancha roxa na perna. A dor muscular no braço direito. As pequenas

manchinhas de terra na barra do vestido novo. O arranhão no braço esquerdo que ela escondeu com a bata amarelinha para evitar a pergunta para qual ela não tinha bem uma resposta. "Essa menina é muito frágil, fica marcada com qualquer coisa e nem sabe onde se machuca." A sandália de couro ficou com uma mancha engraçada de alguma coisa meio gosmenta. *Eu nem sei como.* O cachorro do vizinho sumiu, *aquela peste minúscula* que latia incessantemente atrás dela quando saía porta afora. Sumiu. Clarissa sorria aliviada, mesmo quando espalhou os cartazes pela vizinhança. *Ele não ia voltar*. Mas Clarissa não se lembra como poderia saber disso. Às vezes Clarissa ri de nervoso. Uma risadinha pequena, guardada para si. "Essa menina é uma flor". Ela aperta as mãos caminhando pelo quarto de noite. Os pensamentos inundando o quarto até que ela não pode respirar. Submersa, por dentro ela grita, mas a boca aberta a faz afogar. Clarissa fecha os olhos, prende a respiração e se contrai até que o quarto pare de girar e os pensamentos cessem de inundar. Ninguém entende seus desmaios. O médico disse que poderia ser uma anemia. O psiquiatra não encontrou problemas na doçura frágil dessa moça quase menina. Clarissa matou os pais três vezes esse mês e de três formas diferentes. Quando a prima caiu da escada, Clarissa demorou para chamar socorro. Dizem que foi choque. Clarissa também acha que foi choque. Foi uma felicidade tão genuína que ela arrancou os cabelos da nuca naquela noite, enquanto brigava com o sorriso que teimava em marcar a memória. Ela não sabe o nome do demônio que mora dentro dela, mas ela se alimenta cada dia com mais fome. Clarissa não consegue tirar da cabeça qualquer filme de terror. "Ela não gosta, Carlos. Respeita a menina. Ela se impressiona". *E muito*. Na quarta-feira passada ela roeu as unhas até sangrarem, não conseguia tirar uma cena da cabeça. Andava pelo quarto, batia palmas de susto, murmurava baixinho coisas impronunciáveis. Mudava os personagens, mudava o cenário, mas permanecia a cena. Ninguém sabe a guerra de Clarissa. Deitada em seu quarto, no silêncio da sua privacidade fabricada, Clarissa trava uma guerra que já perdeu. Naquele dia da infância, quando queria matar a mãe. *Essa megera patética. AAAAAAAAA Calma! Um, dois, AAAAAAAA silêncio!* Clarissa

mexe os olhos, mas a boca é uma linha firme por onde não sai nada. A rezadeira já benzeu, a novena já foi repetida duas vezes, a mãe já acendeu vela e a prima do interior já pediu a graça por essa menina. Clarissa Passos está sendo consumida por uma doença que médico nenhum consegue diagnosticar e padre nenhum consegue combater. Os sonhos inflamam o corpo macilento da menina-moça-mulher e a consomem para dentro. Ela se lembra como os seios se arrepiaram e o corpo respondeu com força com a "pobre moça que caiu nos trilhos" e a menina viu a foto na banca de jornal, naquele pasquim sanguinolento. Ela tenta não olhar, mas os olhos são teimosos. "Suas olheiras estão muito fundas, menina". *E sua língua está grande demais, desgraçada.* Clarissa ouviu no rádio do vizinho sobre menino eletrocutado na escola. Pobre menino. Pensava no corpo convulsionante enquanto o seu pulsava ao se tocar na intimidade das suas cobertas. "Mas o médico não resolve o problema dessa menina?" Faz três dias que Clarissa não fala, não sai da cama, não fecha os olhos. Catatônica, choque, coma. Ninguém acerta ao certo que Clarissa está sendo devorada, consumida por dentro. Três dias que ela não apaga da memória, do corpo, da alma, os gritos daquele garoto dos Braga. "Dizem que ele fugiu de casa com uma namorada de fora". Clarissa acha que não. Sabe que *NÃO*. Se recusa a fechar os olhos, se recusa a abrir a boca, seu corpo trancado e a mente em total desmedida. *Ele não vai voltar também. Que nem o mendigo da rua de cima. Ou a mulher do caldo de cana do quarteirão da escola. Ou a menina da turma de canto. O vendedor de cocada e pamonha que passava aos gritos na hora da TV. O carteiro. A diarista dos Amoedo da rua de baixo. O florista, que deixou o quiosque abandonado, coitado. O filho do dono da banca de jornal e suas investidas medíocres. A irritante Susana que tirava ótimas notas em tudo e era boa em tudo. Quase tudo. Ela era muito lenta. O padrasto daquela menina da turma da tarde. Qual era o nome dele?* Clarissa grita por dentro. Consumida pelo demônio que a penetrou pelos poros na infância. O inferno são os outros.

FERNANDES, Fernando Roque
Porto Velho/RO

Evas, vadios e moleques... Bêbados, malandros, artistas e rauls...

Belém do Pará, Ver-o-Peso, Quarta-feira, Verão de 2017.

Trímmm... O copo caiu da mesa, quebrou... Pessoas gritam, dizem êh êh êh... Já passou das 18 horas. O sol se põe e o sinal já deu alerta. Gritam evas, vadios e moleques... Gritam bêbados, malandros, artistas e rauls... Grita a boemia, o Ver-o-Peso, o Porto de Belém, a Baía do Guajará... Só que não de desespero, mas como um sinal de que a noite está apenas começando. O velhinho chega, oferece pintas, bordas e jornais, lantejoulas, cornetas de carnavais. Diz que muitos deles já viveu. Pelo menos 70 em seus 77 anos... Diz que nunca um cigarro tragou, mas é só balela de vendedor. Me oferece uma caneta e toca meu coração. A oportunidade perfeita pra me fazer poeta em meio ao caos. Barganho preços como aprendiz de camelô: - Duas por cinco? Aí sim, doutor, negócio fechado! Vai-se embora num repente, da mesma forma que chegou. Pago a conta, mas apenas para me sentir em dias. Logo peço mais, muito mais... Porque sei que dessas coisas tem à noite... A essa altura em Belém, no Ver-o-Peso, a situação está se armando... O copo caiu e quebrou, sinal das 18 horas... Gritam evas, vadios e moleques... Gritam bêbados, malandros, artistas e rauls dizendo: - É hora de todos nós! A loirinha que veio do Rio Grande do Sul já se foi deste recinto. O coroa que se engraçou da moreninha se deu conta de que era melhor convidar pro reservado e o bêbado bamburrado, já sem dinheiro, se esvaiu do bar da esquina. Enquanto isso todos nós permanecemos aqui. Somos evas, vadios, moleques, bêbados, malandros, artistas e rauls subindo ao palco... A noite é nossa! Agora é nossa vez! O sol se pôs no Mercado de Ferro... O vento, ainda forte, bate contra o cais... Mas isso não importa, a noite é nossa!

Estávamos aqui desde o almoço, esperando uma oportunidade. Vendemos cintos, copos, corpos, capas de jornal, dvd's… Prontos a qualquer momento para qualquer freguês… Vivemos e revivemos a cada dia a profissão… Entramos pela noite loucos, desvairados, ensandecidos… Sem noção das notícias que circulam na internet ou na televisão e sem a mínima conexão com a globalização… Aqui, pode até não parecer, mas nossas vidas são menos caóticas ou, pelo menos acreditamos, imaginamos ser. Parece que aqui controlamos um certo espaço de poder… Aqui o bêbado compra fácil, a prima tem mais clientes para atender e o Raul tem mais ideias enquanto o dia não amanhecer… Se tiver dinheiro, tudo fica mais tranquilizado e otimizado pra mim e pra você. A noite é toda nossa e é assim que queremos viver: tomando um gole de cerveja e vendo um copo de cachaça e uma onça de tabaco ao lado do "pé inchado"... Olhando de meia em meia hora no relógio com os negócios em alta até alvorecer. Nossos vícios são bem específicos: sentir, cheirar o ar, beber, tragar, viver, sonhar... Alimentamos nossas consciências de várias vidas com porquês… Buquês? A vida para nós é um jardim! E quando a rosa encontra o cravo, seus espinhos se perdem no laço da centelha suicida da ponta de uma bagana de cigarro... E em nossos traços, em meio aos embaraços, um lenço de papel, rabiscado por uma caneta comprada de um velhinho de 77, se transforma em versos soltos e descompassados, transcrevendo relatos de um cotidiano representado em linhas tortas com algumas frases amorfas, quase mortas. Porque a noite é toda nossa, ela é de todos nós... Porque somos evas, vadios e moleques… Somos bêbados, malandros, artistas e rauls…

https://www.facebook.com/fernando.fernandes.33483903

Fernando Machado dos Santos
São Paulo/SP

Gosto tanto de você, leãozinho.

Caetano, és um senhor tão distinto,
Cantor de vários destinos,
Vento, vento, vento, vento,
Trazes contigo teu lírio,
Vento, vento, vento, vento.
É caminhando neste vento,
Sem lenço, nem documento,
Onde oro para o tempo,
Que tempo sobres para ouvir-te mais.
Já que você é o verso que dança,
Destemido tarda,
Sobrepondo Babilônia,
Cantando, braços balança, e amor espalha,
Confundindo minha insônia.
No fundo sabeis,
É proibido proibir,
Que cantemos aquele refrão,
Seguindo tuas músicas por detrás do trio,
Onde vão seguindo todos,
Exceto quem já partiu.
É que alguma coisa acontece no meu coração,
Que só quando passo e escuto tua bela canção,
Percebo a infinidade do que estava perdido,
Da simplicidade do medo rompido,
E canto.
E diz,
Você és poeta, mais que demais,
Você é poeta sim,
Senhor do som e paixão,
Tupiniquim.
Exagerando mais que "Reconvexo",
Metaforando mais que "Você É Linda"
Sintonizo meu som na síntese incompleta de toda sua obra,
E fugindo de meu adstringente ninho,
Apenas digo o quanto gosto de você, Leãozinho.

Instagran: @fnando_machado

Francisco Cleiton Limeira de Sousa
Poço Dantas/PB

Direção

Disseram pra eu ser Cristão
A menina foi lá ser
Só que era tão deprimente
E excludente ser aquilo,
Ou melhor, fingir ser aquilo que,
Ela preferiu já ir para onde,
Pela sina, destino, verdade absoluta,
Haviam dito: o inferno
Na terra, no céu, no inferno, dentro de si,
Em todos os lugares em que deus existia,
Pois não há como, para os evangelistas,
Um espaço ser ocupado por um macho gay
Que se sente bem trepando com outro; e deus,
Aquele mesmo tão julgado pela ancestralidade
Dessa humanidade doente, literalmente.
[...] Jogou tudo para o alto. Jogou-se
Do alto do banquinho. [...] Agora habita no inferno.
Sua paz foi finalmente garantida, até porque,
Seu namorado é o anfitrião da Igreja.

https://cleitonlimeira3930.wixsite.com/poesie-sea-1/blog/
https://www.facebook.com/cleiton.limeira.3

Gabriel Alves de Souza
Corrente/Piauí

Gratidão

Anne Frank em seu precioso diário relatou, *"Os mortos recebem mais flores do que os vivos por que o remorso é mais forte que à gratidão."* Sãos palavras pesadas, mas com fortes verdades e reflexão. Gratidão é agradecer a Deus pela dadiva de sorrir e viver ao lado da família. Gratidão é sonhar e colher os frutos no jardim da existência, seja bom ou mal. Gratidão é reconhecer que somos pó e ao pó voltaremos; assim herdaremos o tesouro dos humildes.

Muitas pessoas hoje são infelizes pois preferem guardar rancores no coração e esquecem de escrever sua história e deixar o legado como um ser humano nesse planeta. Não agradece pelos resultados obtidos; sua vida é pacata e raquítica. A maior parte do tempo é para falar da vida do outro e navegar nas redes sociais. Não passa um minuto com o filho pois priorizam o trabalho. Assim a gratidão perde seu significado no homem que deseja doença, derrotas e pesadelos.

"Gratidão é reconhecer que a vida é um presente. " Onde os amigos são a pérola fundamental na coroa da vida, então cuide e zele por ter eles por perto. Outros preferem a inimizade; mas chega o momento em que todos morrem e as lembranças poderiam ser doce sobre os momentos juntos. As flores sobre o túmulo são dias que poderiam ser eternos, mas o remorso foi um cativeiro com chaves jogadas no fundo do mar. Você quem decide a questão; aponte para o alvo!

Sou grato a Deus pelo cuscuz com ovo, ter no registro somente o nome de mãe, ter vocação na escrita, morar em uma casinha de taipa, ser filho do Deus Vivo e conviver com uma família defeituosa. Devemos ser gratos por estar vivo, falar, andar, enxergar, pensar e escrever com liberdade nossa trajetória. Deus se alegra! *"Quando seu coração está pleno de gratidão, qualquer porta aparentemente fechada pode ser uma abertura para uma bênção maior. "*— Osho.

Instagram: vixi.gabriel_alves

Gabriella de Sousa Tavares
Valença/BA

As ciladas do diamante

Sonhos postos em viagens por estradas quase intermináveis de uma vida incansável em busca da satisfação pessoal e profissional. Essa é a realidade do jovem Diego de apenas vinte anos de idade.

Diego era moreno, possuía olho castanho claro e magro. Um típico mineiro. Criado pelos tios desde a morte dos seus pais alimentava consigo o sonho de crescer na vida, "ser alguém", visto que, foi educado tendo ciência de que para ser importante era preciso ter dinheiro, seguindo carreiras promissoras, por isso, trabalhava na empresa da família. Queria agradar aos seus pais de criação.

Mesmo sendo grato aos seus tios pela educação que lhe ofereceram, o sonho do menino era ser cantor, viajar pela Inglaterra, país pelo qual tinha fascínio desde a infância, ensinar aos ingleses o melhor da música brasileira, porém, enquanto isso não acontecia, o jovem trabalhava como um assistente administrativo na loja de calçados, embora parecesse o dono, pois, era mais visto pelos funcionários do que o responsável pelo estabelecimento.

Inserido no mercado de trabalho desde os dezoito anos, Diego conseguiu ingressar na faculdade de música dois anos depois de ter se formado e começado a trabalhar. Era um menino esforçado, educado, gentil, estudou sempre nas melhores escolas tendo um bom desenvolvimento do seu lado humano. Isso se refletiu em um fato ocorrido em uma tarde de sexta-feira.

Ao voltar para casa, após um dia de trabalho, Diego deparou-se com uma idosa que acabara de ser assaltada por um estranho de camisa azul listrada com um nome que não era visível. Em um ímpeto de coragem e valentia foi atrás do bandido para recuperar o objeto roubado. O que o corajoso rapaz não percebeu é que o assaltante estava se encaminhando para um beco perigoso da cidade e entrou em uma sala escura. Enquanto isso, na casa dos seus tios, a preocupação era geral, pois, já estava muito tarde para permanecer na rua. Porém, o medo do tio tinha outra explicação. Ele não queria que Diego descobrisse algo muito importante: o seu verdadeiro trabalho.

Que ocupação era essa? Voltemos a sala escura. Este lugar era secreto, só entrava quem trabalhava para o AGD (Agrupamento de guardiões do diamante).

Aquele suposto assaltante era um espião em serviço e a idosa assaltada era uma isca para capturar Diego. A essa altura do campeonato não adiantava mais esconder a verdade.

Assim que se viu preso em uma sala escura e desconhecida o garoto iniciou a sessão de gritos e pedidos de socorro. Aos poucos foi percebendo que o seu desespero não teria nenhum resultado. Procurou descobrir o porquê estava ali. Notou a presença de um guarda. Então falou:

— Ei, Você, poderia me dizer qual a razão de eu estar preso aqui? E quanto tempo pretende me deixar nesta sala? Questionou o garoto.

— Você ficará preso até seu tio devolver o que é nosso. O diamante que ele roubou no tempo em que foi um de nós. Respondeu o guarda.

— Meu tio trabalhar aqui, impossível. Ele é um grande empresário do ramo de calçados. Jamais seria espião. Não consegue matar nem um rato. Retrucou o rapaz.

— Você nunca notou as ausências do seu tio? Retrucou o guarda.

— Do que você está falando? Continuou o garoto.

— Ora, menino. Ele te colocou para praticamente comandar uma loja com dezoito anos, nunca aparecia nessa empresa e sempre levava horas fora de casa até voltar sem dar uma explicação. Você nunca desconfiou?

Nesse momento, Diego parou para pensar e analisou que realmente o guarda tinha razão. O tio sempre foi como um pai, mas, sempre estava se ausentando constantemente sem nenhum motivo aparente. Entristeceu-se de repente, sentiu-se enganado pela pessoa que mais amava.

Diego pensou naquela conversa ao mesmo tempo em que o líder dos espiões falava ao telefone com o seu tio avisando-lhe do sequestro e do que queria em troca: o diamante e todas as fitas roubadas.

Essas fitas continham todas as aventuras e enrascadas que aquele grupo já havia se metido. Por isso era tão desesperador o sumiço, pois, se algum policial tivesse acesso, o trabalho deles estaria acabado.

Renato desesperou-se porque sabia do que aquele grupo era capaz de fazer com o seu sobrinho caso não aparecesse no local indicado. Ideias mirabolantes fazem parte do negócio, mas, desta vez não se atreveu a brincar com o perigo. Era arriscado demais. Poderia lhe custar a vida.

Pintar os arco-íris da estrada da vida para esconder os percalços é um erro comum entre as pessoas, porém, inventar um céu azul onde se tem um

penhasco pode ser perigoso. A altura pode oferecer uma queda mais alta do que o esperado.

Seguindo todas as orientações, Renato foi ao encontro do líder dos espiões. Antes, porém, como bom espião levou seus "armamentos". Primeiro, aliviou-se ao ver Diego bem, ou melhor, vivo. Logo após ouviu o pedido final, ou seja, a entrega dos objetos roubados.

Assegurou-se da libertação do sobrinho e, em seguida, entregou os objetos enrolados dentro de uma caixa, pois, eram muitos. Feito isso, foram embora.

Quando deram as costas, os espiões abriram a caixa e perceberam que o principal armamento do ex-espião era a esperteza. O objeto entregue fora uma bomba cuidadosamente estourada na face dos sequestradores.

Ah, portanto, Renato cumpriu o combinado, entregou o "diamante", que era uma dinamite. Quantos aos outros objetos mencionados pelos espiões, esses estão bem seguros na madeira mais encontrada do mundo: o Pau-Brasil da Amazônia.

Após certificar-se de que o seu plano havia dado certo, o tio de Diego o explicou todos os detalhes daquela história, suas motivações para ter escondido a verdade. Como se pode imaginar o medo de uma vingança o fez preferir a voz do silêncio.

Depois de escutar atentamente as explicações do tio, o garoto perguntou se não podia trabalhar como espião. A princípio, a resposta foi negativa, porém, o exemplo não o permitiu ficar contrário durante muito tempo.

Ah, quanto ao sonho de Diego, depois dessa aventura, a música tornou-se um atrativo perto das enrascadas em que se metia com o seu tio no: DDF (Diamante de Ferro).

Viva as ciladas do diamante!

Gedeane Costa
Recife/PE

O pensamento parou no tempo

O pensamento parou no tempo
Ou o tempo me fez parar?
Poderia ter me avisado,
Que era tempo para pensar!?

Mas aqui dentro, uma guerra...
Lá fora também, está!
O meu peito se dilacera...
Qualquer coisa, falta-me o ar!

Na mudança de pensamento,
a máscara da vida cai...
Parece que lá fora avisa:
"Esconde seu rosto, cuidado!
Lava bem as mãos,
e veja por onde pisa!"

Uma verdadeira contramão,
e o mundo de perna pro ar!
Mas custava me avisar?
A natureza respira sem poluição
e avistam-se os pássaros a cantar!
Cada ser lembra que tem religião:
Coloca-se de joelhos a orar,
abençoando, a todos, irmãos,
clamando,
sangrando o peito!
abrindo seu coração:
perdão, perdão!

Blog: http://paginasinfinitas.blogspot.com/

Geraldo Portela
Salvador/BA

Reverso XXVIII

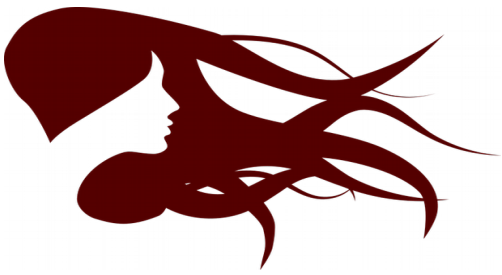
para Regina Lúcia

quem é aquela mulher
que chega na segunda vigília
senta-se na última mesa
de onde se avista o cais
no cais os barcos
lembranças ancoradas no silêncio
dos sonhos

quem é aquela mulher
misteriosa talvez
louca
que mora n'água-furtada
a escada sinuosa leva ao
abismo estrelado
ponte que cruza sem pressa
evocando aurora e ocaso
na trajetória de um tempo
sem réplica

quem é aquela mulher
quem sabe poeta
tem uma máquina de escrever
um gramofone um celular
um gato de porcelana
um relógio de parede sem
tempo para medir
ouve
liszt tchaikovsky mahler
lê
verlaine rimbaud baudelaire
e purga feridas
relembradas
como histórias de roda
que tocam na memória
fragmentada

quem é aquela mulher
misteriosa poeta louca



Géssika Castro
Petrolina/PE

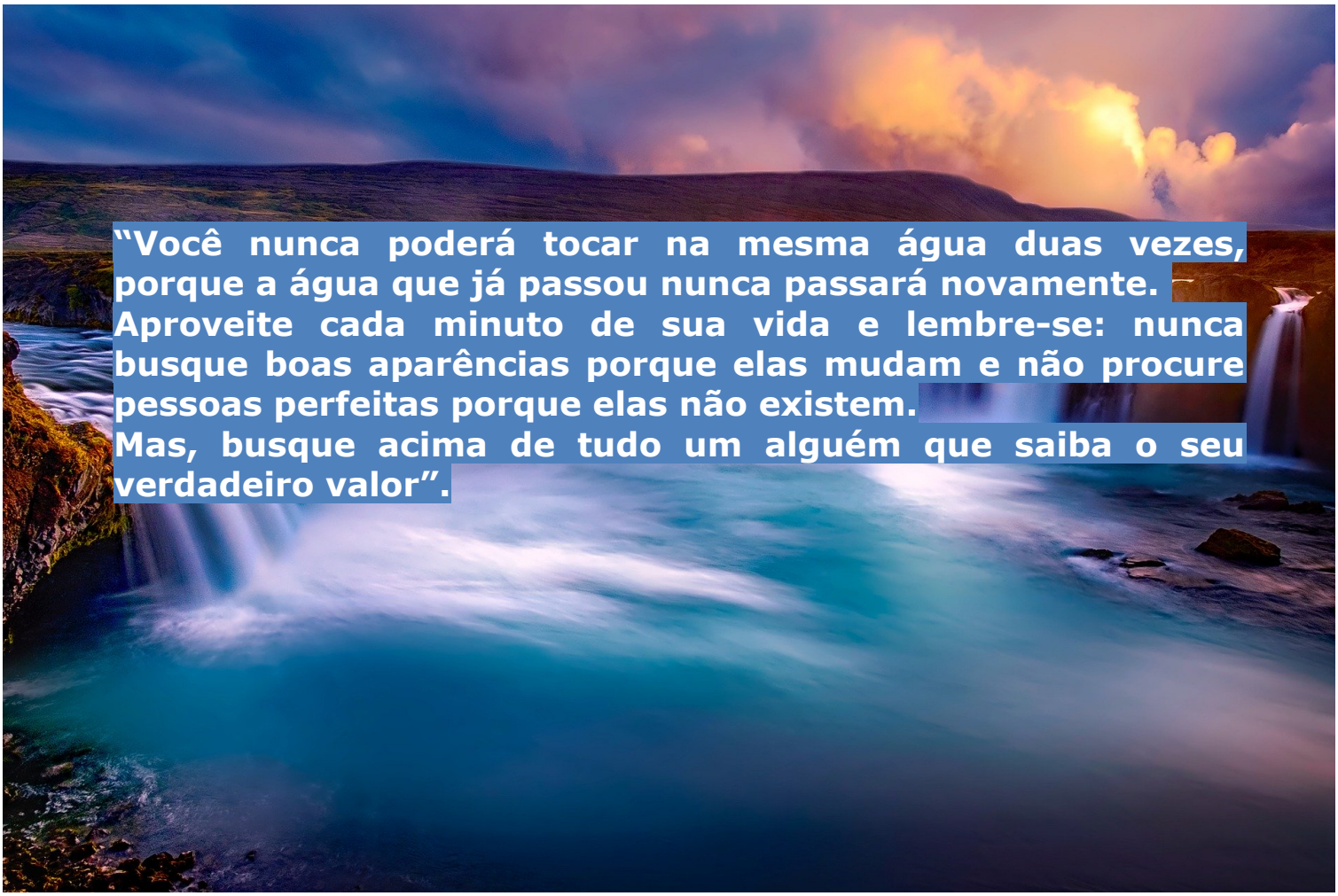
O brado

você achou que me faria desacreditar
da minha própria memória
e dos meus sentimentos
só porque você finge
que nada aconteceu
você achou que eu ficaria
trancada no quarto escuro
debaixo da cama
para sempre
tremendo de medo
e chorando escondida
a inocência perdida
você pensou que eu não conseguiria
nunca mais
amar alguém
e me sentir amada
você pensou que eu me manteria afogada
no meu próprio silêncio
imposto
você esperava que eu abafasse o choro
sufocasse o grito
escondesse o medo
mas adivinhe: eu acabo de abrir a porta
e sair do escuro
por entre as frestas do versejo livre
fechem os olhos
tapem os ouvidos
o brado vai ecoar.

@palavra.gritada.

Gilberto Moura
São Luis/MA

O Tempo é Como um Rio



Glaucio Delarue
Cruz das Almas/BA

Plateia Exigente

Atuo num espetáculo
Sádico e frustrante
Onde todos morrem no fim
Seja profissional ou amador

Protagonista ou coadjuvante
Não importa seu papel
Nesta peça cruel
Todos experimentam a dor

Uma garrafa de whisky
Um coração gelado
Estas são as exigências
Para ter um papel honrado

Um labirinto é formado
No palco principal
O vilão encontra a saída
E o mocinho se dá mal

Espécie irracional
Selvagem e descontrolada
São os requisitos para os atores
Que atuam nesse conto de fadas

Mas não, não se iluda
Este conto é cruel
Fadas é apenas um pseudônimo
Para demônios caídos do céu

Pergunte a si mesmo
Em seu calabouço interior
Entre espinhos vestidos de flor
Quem criou este roteiro?

Quem deu a essa peça voz?
Mas não sem lembrar primeiro
Que Eva comeu a maçã
E deus "comeu" todos nós

Diretor filho da puta esse
Que rege nossas ações
Numa orquestra desentoada
E privada de emoções

Ignore meus exageros
É que estou farto de atuar
Nesse drama de horrores
Que nunca parece acabar

Mas tudo tem um fim
Imprevisível e surpreendente
Em que o castelo desmorona
Na cabeça do inocente

Ah, que cena incrível
Ouço aplausos da platéia
E atores se amontoam
Como abelhas numa colméia

Chegamos ao fim
Desse espetáculo maravilhoso
Sim, me contradigo
É um dos meus defeitos famosos

Adeus a todos os envolvidos
Novos atores virão
E eu? Bem, eu vou de encontro agora
A minha tão adorada solidão

facebook.com/glauciodelarue

Guilherme Hernandez Filho
Santos/SP

Chaves, não o bolivariano.

Didi e os Trapalhões, ou Mazaroppi, estão ligados à nossa história da cinematografia e TV, como personagens célebres, e estão vivos, os primeiros na realidade e o segundo na memória popular. São criadores de figuras marcadas e facilmente identificáveis para qualquer um de nós, assim como Chaplin. Palhaços, no bom sentido. Agradam crianças e adultos, homens e mulheres, indistintamente da origem, raça ou credo. Pensando sobre isto ponderei outro dia que desde pequeno sempre gostei de cinema, mas sem ser um cinéfilo inveterado. Para mim foi mais um passatempo, uma oportunidade de sonhar, com visuais mais reais e com direito a sonorização. Adorava a sessão "zás-trás" com seus desenhos animados do Tom e Jerry, nos domingos de manhã. Já as tardes de fim de semana eram dedicadas aos longas-metragens, preferencialmente em sessão dupla.

Naquele tempo, para nós garotos, a moda era os filmes de faroeste, "westerns", e comédias. Os romances e dramas não me atraiam. Às vezes ficção científica e eventualmente grandes épicos. O cinema brasileiro então era devagar e pouco eu assistia. Basicamente eram as "chanchadas", da Atlântida, nome pelo qual ficaram conhecidos os filmes de enredo bem básico, que geralmente sustentava esquetes carnavalescos musicais.

Éramos inundados pelo cinema internacional, como ainda o somos, e dentre as minhas comédias preferidas, Jerry Lewis e Cantinflas se destacavam. O primeiro, agora já falecido também, fez uma breve aparição recentemente num filme nacional do Leandro Hassum, num papel de "bell boy", parodiando a si mesmo no que já o havia consagrado e marcado, em 1960. Nunca havia duplo sentido em suas falas, nem preconceitos ou maus exemplos. Iniciou seu trabalho

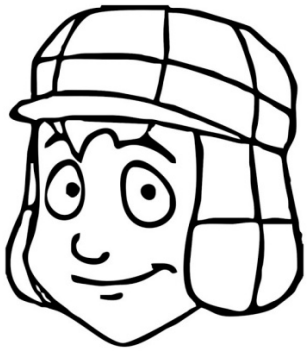
em dupla com Dean Martin, parceria que, anos depois, foi rompida. Suas atuações em papéis de personagens inocentes e populares o marcaram como um comediante de família.

Cantinflas, nome artístico de Mario Moreno, e que já não é muito conhecido ou lembrado, foi um ator e humorista, mexicano, falecido em 1993. Desenvolveu seu personagem popularesco baseado também na inocência de caráter. Fez vários filmes usando sua característica de falar muito rápido e enrolado. No seu tempo não pôde explorar a fundo seu espaço na televisão.

Chespirito, pequeno Shakespeare, não fez parte da minha infância, mas me recordo de como meus filhos, na década de 80, se divertiam com ele e repetiam seus chavões. Este outro mexicano ficou bem conhecido aqui no Brasil como Chaves. Posteriormente personificou também o anti-herói Chapolin Colorado, trapalhão, que apesar de agir com boa vontade, errava, e terminava acertando. Aqueles que o conheceram sabem que seu criador e interprete morreu em 2014 aos 85 anos. Por isso quis fazer este registro. Deixou uma enorme legião de fãs. Seu humor inocente encantava não somente os pequenos, mas também os adultos.

"Para mim isto é grego", "coração de ouro", "pelo amor de Deus", "o amor é cego" e tantas outras expressões, que usamos no dia a dia, esquecemos que foram criadas por Shakespeare, há quatrocentos anos.

E do criador dos bordões "isso, isso, isso", ou "não contavam com minha astúcia", entre outros, até quando nos lembraremos?



Hélène de La Dauphin
Santo André/SP

Tautograma M

Maltrapilho misógino, malquisto
Melindroso maledicente. Maltratada mãe.
Melancólica. Muitíssima mais múltipla
Melhor música musicada, muito menos
Melódica. Mulher matriarca membrana
Matriz. Margarida, magnólia, mais magnífica.
Mel, músculos, mamãe. Morango maçã, maravilhosos.
Mocinha, mãos, mesa, melaço. Mercado. Moda
Madeireira, mata matagal. Morta mata manauense,
Molhado manguezal. Mexilhões mais melancia
Mistura maluca. Mulata mongol, mestiço mineiro
Místico macambúzio, mágica magenta, matéria
Maçonica. Monarca malvado mentiroso, malicioso.
Meteoro moído, método mexicano. Moendas moendo
Meteorito, matéria microcosmo. Moinhos mastigando
Macadâmias, material macrocosmo. Mostra-me matizes. Milagres
Matrizes modernas. Musas marquesas. Merecida medalha
Mérito mortal, mais moeda medíocres. Mestre magnífico
Multiartísta, maior Mitra.

Iago Mac Dinus

1) Reserve um tempo só para você e seu livro (seja você, escritor ou leitor). Não precisa ser muito tempo. Pode ser 10, 5 minutos que seja. Mas que seja um tempo especial e, à vontade com seu livro.

2) Ache um cantinho minimamente confortável.

3) Tenha uma bebida de sua preferência ao lado.

4) Cuide para não ser incomodado. Esse é o seu momento.

5) Tente fazer disso um hábito. Mas que seja prazeroso.

Irane Castro
São Luís/MA

Poema

Minha chuva de versos
" .... Dia noite e noite dia
Meu bel-prazer de palavra.
É toró da essência.
Remoço eu mesma sempre.
Numa chuva de versos.
Minha lição de gratidão.
É temporal de alma.
Ser eu mesma, ponto.
Noite e dia e dia noite
Meu cruzamento de reversos.
É furacão do essencial.
Singra Beco da Preta
Numa pluviosidade do dito
Meu encontro de avessos
É turbilhão de calma
Sou melhor vida d'agora"

Isabel Cristina Silva Vargas
Pelotas/RS

Tributo aos Profissionais da Saúde

Nascer é dádiva recebida

Viver é bênção a agradecer

Atividades são escolhas próprias

Pelas quais nos responsabilizamos.

Hoje vivemos uma situação atípica

A terra apresenta perigo à todos

Cuja prevenção é tarefa obrigatória.

E remediar os danos é tarefa de todos.

Há uma epidemia a atingir o planeta

O momento é doloroso e angustiante

Cabe aos anjos de jaleco e paramentos

Agirem como soldados para todos ajudar.

Batalham com galhardia e conhecimento,

Os profissionais da saúde nos hospitais.

Médicos, enfermeiros, técnicos, fisioterapeutas,

Ainda farmacêuticos, bioquímicos, em união.

São anjos abençoados em hora tão dura

Porque a população deles necessita

Para recebimento de cuidados, terapias

Ofertadas com carinho dedicação e humanidade.

Em uma batalha de vida ou morte

Ficam distante de seus amores

Para salvarem vidas com o risco

De sua própria salvaguarda, todo dia.

Com as bênçãos do Divino salvam vidas,

Em cumprimento ao juramento feito,

Seu trabalho é magnânimo e único

Pois sua missão é salvar vidas.

icsvargas3@gmail.com

Blog: isabelcsv3.blogspot.com.br

Seguindo Em Frente

Isabel Furini
Curitiba/PR

O Processo de Kafka

Gárgulas procuram o Processo
e o misterioso Castelo de Kafka.

Gárgulas ferozes
conspiram no silêncio,
escalam as muralhas
e descobrem invisíveis paredes de pedra e solidão.

Medos instintivos
voam por ruas ignoradas,
poeirentas,
em uma cidadela de fracassos
e desamor.

Cobras de emoções envenenam antigos alfabetos
e invadem os livros de Kafka,
(triunfantes)
reeditam o processo
(eterno)
no labirinto do tempo.

Blog: Literatura de Isabel Furini - http://isabelfurini.blogspot.com/

Isabel Macedo T
Rio De Janeiro/RJ

As Flores Vermelhas

parte 1

A música suave tocava no quarto e espalhava melodia pelos cômodos da casa amarela com cortinas laranjas. O chá-verde esfriava na mesa branca da cozinha ao lado do jornal do dia. Algumas abelhas procuravam as flores recém-cortadas do jardim a fim de levarem o pólen para a colmeia. As janelas com dobradiças enferrujadas se balançavam para dentro e para fora com o vento da manhã. O sol pintava os lençóis embolados na cama. e um grito agudo e triste interrompeu o canto dos pássaros nos galhos das árvores.

A jovem correu pelos cômodos e manchou o marrom dos tacos de madeira do chão com um vermelho intenso. As paredes se encolhiam para não serem vítimas da cor intrusa. Mas Sabrina não temia o olhar de repulsa da casa e só queria terminar o que havia começado com a jovem. Bela e nova e caída no azulejo branco do banheiro. Pelos pulsos escuros corriam rios que logo encontravam seu destino final: o ralo. o espelho tentou lhe mostrar uma última verdade, mas a jovem não tinha mais forças para se olhar. Sabrina sorriu ao ver o corpo aberto e exposto ali. Era vitória afinal.

Sabrina sendo sempre tão perfeccionista, planejou o plano com detalhes e destreza. ela penteou os cabelos e bebeu água. regou as plantas e escreveu nas notas da geladeira que a manteiga havia acabado. Sabrina se ama o suficiente para ser fiel a ela mesma até o último suspiro. "creio eu ser esperta para não deixar rastros ou migalhas. as almofadas estão na poltrona errada e essa faca era pesada demais antes, mas durante foi leve como a folha daquela árvore no jardim. meus pés flutuavam enquanto eu a perseguia e a cortava."

"seria esse meu ato final? ou a ação mais marcante de minha vida? creio eu que o gato da vizinha não me pedirá mais afago no final da tarde. ou que mamãe não me dirá para cortar as unhas do pé quando nos vermos no fim do ano. ou que Gaia sorrirá para mim enquanto cozinha nosso jantar. que fiz eu? estraguei minha vida ou me coroei rainha desta terra? há pó embaixo da cama e tenho quase certeza que traças estão fazendo seu caminho para a estante com

livros que fica na sala. eu devia ser melhor. mas creio eu que esse foi o meu melhor."

A jovem no chão pintado agora não respirava mais e seus sonhos estavam se esvaindo pelo ar enquanto Sabrina escovava os dentes na pia azul. Ela deixou a faca ao lado da jovem e dançou pela casa ao som da música. Bebeu o chá agora frio e comeu uma torrada velha. Beijou a foto dela e de Gaia que ficava ao lado das plantas verdes na sala e se sentou no sofá aguardando sua amada voltar para casa. Gaia amaria ela ainda, não? Sabrina achava que sim.

parte 2

Gaia não compreende completamente os sonhos de Sabrina. muitos são estranhos e velhos. Mas Gaia ama Sabrina e sabe que aqueles olhos brilhantes não mentem e se entregam com uma sinceridade pura para si. por isso Gaia carrega flores vermelhas após um dia de trabalho para sua amada sorrir. a lua senta no céu ao redor de suas filhas, as estrelas, e parece contar histórias para as crianças dormirem. Pessoas caminham com seus corpos curvados para casa a fim de finalmente deitar e respirar novamente.

A casa está triste e suas luzes piscam. Algo está errado e as paredes tentam alertar Gaia dos próximos momentos. O ar é pesado e as portas fazem força para não serem abertas, tentando impedir a entrada da inquilina. As flores vermelhas caem no chão quando Gaia vê Sabrina sentada no sofá com sangue em suas mãos e roupas. Algo está errado. Como agir agora? o que fazer? O que pensar? Gaia não sabe, mas sabe que seu peito dói e ameaça implodir.

"o que aconteceu?", Gaia sempre tão cuidadosa com Sabrina e tocando nela como se fosse porcelana não quer saber a verdade por completo. que verdade será essa em que a podridão pode ser inalada? será o melhor caminho esse que ela pensa em seguir? em que ponto a terra começou a cair das paredes e se acumular nos pés?

"está no banheiro.", Sabrina sabe o que fez e não sabe o quão grave é. Gaia seguirá ao seu lado? não há canto dos pássaros, pois eles dormem.

Gaia caminha até o banheiro e suas pernas tremem. Os próximos momentos do tempo aguardam o que? o vermelho já está seco. O corpo caído parece frio e abandonado. As mãos de Gaia encontram o do corpo tentando sentir vida ainda, mas, infelizmente, não há. Choro engasgado arranha a garganta e queima os olhos. Gaia se levanta cambaleando e corre até sua amada admirando as estrelas brilhantes pela janela.

"por que? como? por que?"

"eu precisava."

"não, ainda havia chá na geladeira e livros pela metade ao lado da cama"

"não sentia a suficiência nesses atos."

fim

"você ainda me ama, Gaia?"

Gaia está ao lado do corpo chorando e se perguntando onde errou. Onde houve falha? Houve falha? Não, a resposta certa não exatamente existe. Facas são usadas para cortar carne humana todo dia. As paredes se calam, os beija flores choram e mais um caixão é enchido.

"como poderia deixar de amar você? mas admito que estou com raiva. como pode?"

"você sabe que não há relação alguma com você. minhas ações não são culpa sua e nem de mamãe."

Sabrina passa a mão lentamente pelas mechas pretos de Gaia e tenta transmitir tranquilidade no meio do caos. o fim não parece tão doce quanto ela achava que seria. Há certa dor entre as palavras e entre as infiltrações nas paredes. O silêncio não é tão acolhedor como antes e o som doce da voz de Gaia é amargo. Essa foi o melhor caminho que tomou? Não há como saber mais.

https://www.instagram.com/isabel.macedot/

Ítalo Saldanha

Pina a bailar

Eu vi tanta magia em teu gesto
quanto as que tinha.
em todos os terreiros
de umbanda que eu conheci.

Eu queria tocar curimba
pra você
e decifrar a voz da tua pele
que flutuando no ar
me dizia algo inexplicável
Só me coube sentir.

Eu fui testemunha
da sua engenharia transcendental
de construir uma ponte
entre o sagrado e o profano
só por se movimentar

Eu vi , em teu gesto, tanta alquimia
que só o mais velho pajé
só o mais sábio xamã
Poderiam evocar

Eu vi, tu calada
dizer um dos poemas
mais bonitos
que um corpo pode conceber

A ponta do teu dedo indicador
riscava no universo
o caminho
para a Terra Pura

Enquanto você dançava
nem parecia que o mundo
acaba um pouco
todo dia

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa
Capanema/PA

Delírios

Senti desabar sobre o silêncio
dos meus dias os soluços de
Deus, feito vagalumes que
traziam queimaduras nas
asas.

E tudo o que eu queria eram
afagos e beijos
de amor.

Queria olhar nos olhos de Deus,
enquanto os meus marejavam
as perguntas que nunca
ousei pensar.
Deus me ouviria, eu sei.

E tudo o que eu queria eram
respostas mudas e o som
de anjos cadentes.

Queria sentar ao lado de Deus e
balançar as pernas de prender os
pés de trilhar as dores e amassar
pedras de fazer chorar.
Deus se riria, eu sei.

Meus pés são tortos feito os
galhos de pendurar tristezas.

https://www.facebook.com/ivanildo.pessoa

Jackson R. Xavier
Salvador/BA

Presença

quando você vem
os lugares mais distantes
beijam as calçadas das ruas
bem saborosamente poéticas

quando você vem
nenhum mal se atreve
fechamos os olhos, e num instante
enflorescemos um sigiloso céu

quando você vem
fincamos morada nas estrelas
gravidamos simplicidades luxuosas

quando você vem
nada fica no lugar
palavras convencidas tardam
e a voz se esquece de falar.

Jackson Santos
Jacarepaguá/RJ

Escuta Coração

Ai coração porque você insiste em chorar, em se magoar, se amedrontar diante dos obstáculos, cuidado menino, você pode se ferir. Chorar pra que se você sabe que as pessoas são assim. Por favor, deixe de ser covarde!
Você fica sofrendo, se maltratando torcendo para que o mundo seja diferente, seja melhor, e deveria ser mesmo! Sofre porque as pessoas não tem educação, porque não tem sentimento, não medem o que falam, só pensam em tirar proveito dos outros, muitos brincam com o seu amor sincero, verdadeiro e acolhedor, outros te fazem tanta raiva e você fica tão enfurecido que as vezes te falta sangue, e você não fica farto!
Ah coração liberta os seus ventrículos e os seus átrios intoxicados pela melancolia por causa dos outros, tem gente que mente, engana, finge sentimento para se beneficiar da situação, para com isso coração! Vá, se adianta sem ter que passar pelos caminhos da taquicardia, por favor! Se tiver mesmo que parar um pouco, não o faça repentinamente, pare um pouquinho só, descanse e siga...
Sabe coração o mundo tá cheio de gente muito boa e sincera, mas também tá cheio de pessoas perniciosas, com pensamentos e sentimentos que contaminam as outras respingando no próprio ambiente em que estão.
Coração, ouça a canção dos pássaros, vislumbre as mais lindas paisagens isso faz bem e relaxa, sinta-se feliz, só ouça o que torna o ambiente amoroso, sadio e iluminado, sinta a felicidade de compartilhar com outros corações a sua simplicidade, o seu amor e o prazer de simplesmente ser e estar!

Jane Barros
Maceió/AL

Riacho Doce

O astro rei que brilha no infinito
Floresce as sementes de amores
De muitos que por aqui passaram
E suas raízes deixaram.

Incursão de quem busca abrigo
Criando cenários para os poetas
Que da natureza buscou inspiração
Para escrever amores lendários.

Lá do alto penhasco se vê
Agora Chã do Riacho
A praia do Mirante da Sereia
Rio de água doce e bancos de areia.

A religião também se destaca
Com devoção se reúnem na praça
Viva Nossa Senhora da Conceição
Santa de amor e graça.

O que dizer da gastronomia
Das boleiras e casas de farinha
Despertam sabores com harmonia
Cultura dessa terrinha.

Assim é Riacho Doce
Povoado do lado norte
Bucólica e cheia de fantasia
Lugar de natureza e alegria.

@janebarros.biblioteca /Janysbarros1@hotmail.com

Jeane Tertuliano
Campo Alegre/AL

Na Escuridão

Avistei na superfície celeste
demasiada luminosidade a movimentar-se.
Encarei-a com aflição,
receando ser um cometa
que, em meio a vasta escuridão,
vislumbrara a minha feição ensimesmada
e sucumbira, sem demora,
ao fervoroso anseio de colidir
ao meu ser repleto de ais.
O dito cujo locomovia-se depressa
enquanto eu, lacrimosa,
atirava-me avidamente ao infinito soturno
que era o meu temor ao ignoto.
Sem fornecer-me uma prévia,
o fulgor penetrara minh'alma
e aniquilara o meu prejulgamento,
lenta e dolorosamente...
Nada mais fora como antes;
O desconhecido já não me assombra.

https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-desilusao/

Jeremias Reis Comaru
Fortaleza/CE

Fim

Olhei através do vidro e percebi que já era noite. De que adiantaria eu me levantar? Certamente, o que encontraria seriam um par de almas penadas e um ou outro vigia dormindo. Então, fiquei tranquilo por alguns instantes, voltando a sobrepor as mãos unidas ao peito. Que péssimo costume!

Porém, sobreveio uma fome mortal. Não me lembrava da última refeição. Tentei, sem sucesso, encontrar algum sabor na língua; vinho ou carne talvez. Era muito provável que meus dentes tivessem sido escovados. Para que eu pagava aqueles inúteis?

Tirei o velho relógio de bolso para ver as horas e fiquei feliz por ouvir aquele ruído tão exato quanto monótono. Procurei um resto de luar após a passagem das nuvens. Devia estar uma noite ou madrugada bem agradável. Quando consegui descobrir a posição correta dos ponteiros nos algarismos romanos caligráficos do meu magnífico suíço de algibeira, dei-me conta das vinte e seis horas de jejum e que meu problema estava cada vez mais grave. Depois de quase morrer cremado, morrer de fome ou sede era quase um privilégio.

Quando eu era mais novo, levava tudo isso na brincadeira, matando de susto as pessoas quando aparecia. Só minha mãe mantinha as esperanças. Porém, com o tempo, minha estranha característica acentuou-se.

No meu primeiro enterro, aos quinze anos, houve uma grande comoção na cidade, pois todos deram como certa minha ida definitiva para a terra dos pés juntos. Minha mãe, incrédula, foi me visitar no dia seguinte e me resgatou. Do mesmo modo, a desgraça repetiu-se outras três vezes.

Já adulto, comprei um cão de guarda de faro apurado. Jack era um pastor belga *mallinois*, o mais inteligente que conheci. Ele me livrou de muitos enterros

nos últimos anos, pois era o único capaz de confirmar que eu estava vivo. O que teria acontecido com ele? Sua ausência era minha única certeza de que havia algo de errado desta vez.

Decidi sair do caixão. Conforme minhas instruções, a tampa deveria ser leve e de fácil manejo. De fato, joguei-a para direita com facilidade. Jack estava no mausoléu ao meu lado. Com o ruído e a movimentação, deveria ter reagido. Aliás, por que estaria ali? Percebi que não se movia. Estava morto. Quanta insensatez! Eu nunca permitiria enterrar um cachorro no sepulcro da família.

Desvencilhei-me de todas aquelas flores que me cobriam e saltei para fora do caixão. Melhor não o tivesse feito. Descobri da pior forma que já não tinha meus dois pés. Que diabos aconteceu comigo? Quem matou meu cão? O desespero tomou conta de mim. Pela primeira vez, eu experimentava uma sensação de morte real.

Uma lanterna solitária aproximou-se como uma lentidão interminável. Decidi gritar para acelerar os passos de quem eu suponha que fosse o vigilante. Quando o rosto juvenil de minha mãe apareceu diante das grades do mausoléu, tomei um grande susto. Ela sequer tinha morrido. Como estava diante de mim daquela forma?

Julguei estar delirando. Finalmente, aquela história de morrer tantas vezes sem nunca ter morrido de fato acabou afetando meu cérebro. Deitei-me no chão e fechei os olhos. A escuridão tornou-se luz.

Ainda tive a chance de olhar para a carcaça destroçada de Jack à beira da estrada e para os pés calçados com os meus tênis depositados ao lado do meu cadáver inerte. O motorista da camionete não sabia em que planeta deixara seu último copo de uísque. O saco negro se fechou sobre mim e decidi que aquela seria a última vez. A nuvem voltou a encobrir o luar. Guardei o relógio no bolso e morri.

Jéssica Iancoski
Curitiba/PR

O Mar Resolve A Saudade

~~~~~~ ~~~ ~~~~

Afogo os meus pés no raso do mar, ~~

~~~~ enquanto caminho.

Piso na areia ~~~~

~~~ estriada e úmida,

sob o céu desbotado. ~~

~~~~ ~~~~~~ ~~~~

~~~~~ ~~~~~ ~~~~~~

~~~~ Praia adentro,~ ~~~~

Percorro a maré tentada a te perder: ~~

~~~As ondas vem ~~~ e quebram, ~~

~~~ Elas se vão e te levam. ~~

~~~~~~ ~~~~

~~~~ ~~~~ ~~~~

O mar dissolve a saudade, ~~

~~~ O mar resolve a saudade.

~~~ ~~~~ ~~~~

https://www.jessicaiancoski.com/poesias

João Rodrigues
Reriutaba/CE

A velha estação

Quase diariamente passo próximo à velha estação ferroviária, e meus olhos me fazem tirar a vista da direção e olhar praquela figura triste, desolada, feito um menino choroso, encolhido num canto. E eu olho, meio com pena, aquele pequeno prédio abandonado, desbotado pelo sol e pela chuva, desvalido durante todo o ano, sem nem mesmo uma demão de tinta para dar-lhe uma pequena esperança de vida. Nem mesmo no Natal ou no fim de ano um pouquinho de carinho lhe é dado.

Certa tarde, ao voltar da escola, meus olhos insistiram em se desviarem novamente em direção àquele corpo sem vida, largado à beira da linha. Quis ignorá-los, mas eles insistiram e me convenceram. E para a minha surpresa, a velha estação ainda estava viva. Piscou-me um olhar, daqueles ternos, que só os velhinhos abandonados sabem lançar do fundo da alma, querendo um pouco de atenção.

Parei. Ela acenou. Senti que implorava por companhia, mesmo que fosse por um minuto apenas. Retomei a direção e pus o carro em movimento. Um "Psiu!" me fez parar bruscamente. Um motoqueiro, surpreso com minha parada repentina, apitou forte e cuspiu qualquer palavrão que não entendi. Todo o meu ser estava voltado agora praquela pobre alma, que tentava afugentar a solidão por um momento que fosse.

Encostei o automóvel na beira da rua mais à frente, para não atrapalhar o trânsito, subi a linha e fui me aproximando, vagarosamente, receando que velhos fantasmas voassem de dentro de suas paredes rachadas ou que saíssem de seu telhado esburacado.

O sol não tinha mais o mesmo vigor de duas horas atrás, portanto não precisei de pressa. Subi até a linha do trem. Os trilhos ainda tremiam com o calor que havia feito durante a tarde, mostrando-se como uma longa e sinuosa cobra, torta aqui e ali, devido à elevada temperatura que lhe tinha judiado as costas nuas praticamente o dia todo.

Subi a calçada suja, com várias rachaduras, latinhas de cervejas, pontas de cigarros e camisinhas usadas, denunciando seu completo estado de abandono. Na verdade, não apenas de abandono, mas de descuido também, pois esse lixo

que encontrei mostrava que a velha estação tinha companhia, muito provavelmente nas horas mais calmas da noite, quando boêmios, viciados e amantes vinham curtir momentos de prazer.

Pus-me de pé, à sua frente, esperando que ela me dissesse algo. E com sua voz já combalida pelos anos de solidão, mandou-me sentar. Olhei pros lados. Nenhuma cadeira. Me indicou um canto da calçada. Me sentei. Quis perguntar-lhe alguma coisa, mas seus olhos me olharam de tal forma que preferi me calar. Não havia sido chamado ali pra falar, mas pra ouvir.

Sua voz, a princípio, era lenta, quase morta. Mas, pouco a pouco, com o desenrolar de sua narrativa, foi ganhando uma vivacidade de tal forma que me envolveu por inteiro na sua história. Ela estava viva de novo. E falava como uma garota que acabara de receber uma visita após sua festa de quinze anos.

E me falou de seus momentos de glórias, quando tudo começou nos anos sessenta do século passado. No seu calçadão, jovens partiam pra estudar na capital, levando na bagagem umas poucas roupas, muitos sonhos e saudade, abraçados a namoradas ou a familiares, com seus rostos rubros e quentes, segurando as lágrimas que teimavam em descer antes da despedida. Por outro lado, risos e abraços calorosos esperavam quem chegava.

Enquanto o trem não seguia viagem, entre um café e outro pessoas conversavam sobre novidades trazidas da capital ou de outras cidades. Falavam de inverno, de seca, de política e de futilidades. Crianças corriam, gritavam e chupavam bombons. Mas logo o apito do trem anunciava a partida, e a correria agora era pra não perde-lo. Muitos o perdiam, atrasados, chegavam ainda de ressaca, mastigando palavrões, culpando o relógio e tudo mais, e acabavam ficando ali, por mais algum tempo, tomando mais uma dose pra afogar o aborrecimento.

Mal dava tempo a agitada estação descansar e lá vinha outro Horário carregado de conversas, novidades, indagações, lembranças, saudades, paixões... No pátio, mais abraços, beijos, apertos de mãos, choro, muxoxos, bagagens... Mas logo o apito do trem, como um vendaval, levava tudo outra vez. E lá se ia o gigante soltando fumaça, apitando, avisando a todos de sua partida. Alguns ainda corriam atrás, tentando alcançá-lo, mas o velho trem era como o tempo, não podia esperar. E lentamente pegava embalo e saía roncando ferozmente, deixando casas e ruas pra trás, ganhando os cortes, a mata, as pontes e se embrenhava sertão afora, como exigia o seu destino. E mais uma vez ficava em silêncio, ou quase, a jovem estação.

Eu, absorto, ouvindo aquele romântico relato, fiquei imaginando o quanto de vida teve aquela pobre estação. Nunca tive o prazer de pegar um Horário ali, mas imaginei que muitos bons momentos, muitas histórias, muitas despedidas, encontros e reencontros tenham acontecido naquele pequeno espaço físico, mas que se alargava com tanta gente que passava por ela, indo e vindo de outras paragens, e com certeza também ficava um pedaço de cada pessoa que embarcava, desembarcava ou que simplesmente passava por ali.

Por um momento, viajei no tempo e vi aquela multidão sem a correria de hoje, sem celular, sem tecnologia – às vezes um ou outro radinho de pilha, talvez –, com todo o tempo do curto tempo que o Horário lhes dispunha. Ouvi vozes, choros, soluços, risos, gritos de alegria; vi rostos cansados, sonolentos, aflitos, felizes, tristes, surpresos, ansiosos e tantas outras imagens que se podem ver em uma estação ferroviária.

Voltei a mim quando uma lágrima quente e pesada da velha estação caiu sobre meu rosto. Mas não era uma lágrima de tristeza. Era de alegria. A alegria presa em seu velho coração de pedra corroído pelo tempo tomou fôlego, espantando de si a solidão que o atormentava fazia décadas.

Se aquela velha estação estava feliz por uma companhia ao longo de mais ou menos meia hora, imagine como terá sido seu passado nos tempos em que o destino de muita gente dependia dela!

E por uns bons minutos fiquei ali, imóvel, só ouvidos, escutando as lamúrias e as glórias de uma abandonada estação de trem.

Só quando um longo trem-cargueiro apitou, chamando a atenção de quem cruzava a linha a alguns metros dali, levantei-me e saí sem me despedir.

Ainda olhei pra trás, e vi o olhar saudoso da velha estação espiando o cargueiro passar direto, sem nem mesmo cumprimentá-la.

E novamente ela se enclausurou em sua solidão.

Joaquim Bispo
Odivelas, Portugal

Agenda encontrada numa ribanceira da Serra do Açor

Dia *10/8/16*: Mais uma vez — como todos os verões — vim passar duas ou três semanas na minha terra, esta lindíssima vila de xisto do vale do Alva. Como é bom rever e reviver as paredes de setenta centímetros da minha casa rústica e a sua frescura interior. E espero encontrar os amigos e os familiares, mesmo os emigrados, que "obrigatoriamente" aparecem no verão. Todos querem aproveitar a reunião inusitada para animar a vila com festas, encontros e comezainas.

Como desde há três anos, vou a um almoço dos nascidos em 1944, à semelhança do que fazem os nascidos noutros anos. O almoço é o pretexto para o encontro e a partilha da alegria de estar (ainda) vivo. Reveem-se os conhecidos, reconhecem-se as parecenças antigas por baixo das rugas modernas dos que vêm pela primeira vez, atualiza-se a fisionomia que cada um guarda do outro.

Dia *14/8/16*: «O Nunes está todo encarquilhado. A Georgina agora é loira.»

— Lembras-te de eu te abrir a cabeça à pedrada? — perguntou-me o Ramos.

— Lembras-te de me fazeres serenatas? — tentou a Marisa.

As lembranças são um amontoado de tralha pessoal inútil, falsificada pelas ruminações, em que não consta a maior parte dos registos que os outros guardaram. Lembro-me dos folhos da Matilde, na igreja; lembro-me das reguadas que apanhei por causa do Zé Caçoila. O resto? Sei lá! Deve ter acontecido, se eles o dizem... O mais importante mesmo deve ser o encontro com pessoas do mesmo grupo etário. Ainda que não nos lembremos uns dos outros, temos lembranças no mesmo contexto, porque vivemos no mesmo ambiente, em certo tempo, mas, se calhar, o mais importante é que somos da

mesma idade. Como estamos a viver a nossa reforma, a nossa velhice galopante? Vivemos para o futuro ou do passado?

— Vocês viram ontem a chuva de estrelas cadentes? — lançou um tipo de cabelo branco, mas ainda farto, quase à minha frente.

— Quando? Ontem? Não soube de nada! — disse uma. — Eu à noite vou para a caminha — respondeu outro. — Chuva… — desdenhei eu. — Estive uma hora num caminho escuro da serra, mas só vi umas cinco.

— Aquilo é um espetáculo fabuloso, não achas? — prosseguiu o aficionado sideral, dirigindo-se-me decididamente.

— Acontece todos os anos por esta época, não é? — comentei, tentando mostrar algum conhecimento. — Parece que são meteoritos que vêm da constelação de Perseu.

— Não é bem assim — contestou ele, sem alarde. — São restos da cauda de um cometa que passou por aí.

— Interessas-te por astronomia? — perguntei, meio que para fazer conversa.

— Eu interesso-me por tudo — afirmou, categórico. — Tem de ser; não quero deixar enferrujar os neurónios.

Os outros tinham-se entretanto alheado da conversa, que se tornara nossa, e falavam dos colegas que tinham morrido, desde o último almoço.

— Já viste o que nos espera, se não nos soubermos precaver? — insinuou, apontando os circunstantes com o queixo.

No resto do almoço, tornou-me seu cúmplice num discurso de meias palavras, que se mostrou enfático quando, após os pratos quentes, deambulámos pelas mesas dos queijos e dos doces:

— Convence-te! Nós pertencemos à praga grisalha que só atrapalha. Cada vez somos mais a papar reformas. Que país é que aguenta isto? Passeamos, banqueteamo-nos, consumimos e não produzimos nada, já viste? Que planeta é que suporta isto? Não há recursos que aguentem. Somos uma praga.

— Recebemos reformas, mas trabalhámos para elas — tentei argumentar.

— Mas agora somos uns inúteis. Uma sociedade bem organizada, sem tolerar desperdícios, devia descartar esta praga.

— Mas isso é fascismo! — indignei-me. — Felizmente que a esperança de vida aumentou! Querias instaurar uma espécie de eutanásia por caducidade de prazo da validade produtiva?

— Olha, porque é que não vens almoçar connosco um dia destes? Tenho um refúgio paradisíaco nos altos da serra do Açor. Podíamos falar deste e doutros assuntos aliciantes que ameaçam a Humanidade.

Apesar da minha relutância inicial, dei por mim a sentir uma curiosidade genuína pelas ideias dele e pelo modo de vida que levaria no tal refúgio serrano.

17/8/16: Às onze apresentei-me em Vide e fui conduzido por um trilho de terra batida que serpenteava pelas faldas da serra até desembocar numa espécie de côncavo arborizado com umas vistas de tirar o fôlego. O local parecia uma quinta de experimentação pecuária e botânica. Vários animais estavam confinados a espaços criteriosamente concebidos, em microambientes bióticos, com plantas específicas para cada animal. Alguns pareceram-me ligeiramente mutantes, como um, semelhante a um pequeno urso, que se alimentava de cenouras.

— Conseguimos produzir cenouras com um alto teor de proteínas. A carne vai tornar-se um bem escasso num mundo como o nosso — argumentou o Martins, o nome do meu insuspeito amigo de infância.

A esposa tinha preparado um almoço delicioso, com beringelas que sabiam a salsichas alemãs, beterrabas amarelas, com sabor a pato, e carne de cabrito que sabia mesmo a cabrito… Com sabor a vegetais, havia outras iguarias muito desleixadas pela maioria dos produtores agrícolas: figos de cato, juncos e fatias de uma espécie de meloa vermelha.

A conversa decorreu animada, mas encaminhou-se para rumos totalmente inesperados, apesar da conversa no almoço dos contemporâneos.

São versados em teorias da conspiração. Afirmam que os governos mundiais estão tomados por interesses estranhos, e que usam muitas técnicas de

condicionamento. Dizem que os aviões dos governos espalham químicos na atmosfera, para nos tornar dóceis; que estão a ser aplicados "chips" nos recém-nascidos para monitorização de tendências antissociais; que existem muitos extraterrestres no planeta a preparar a invasão, com a conivência dos governos; que eles querem invadir o nosso planeta, porque ainda não conseguem produzir a carne que os nossos animais produzem com tanta facilidade.

Eu reagi, mais divertido do que assustado:— Mas por que é que vocês suspeitam disso tudo? Têm alguma prova de qualquer dessas teorias?

Então o meu amigo de escola primária, de quem eu não me lembro, abriu-se em revelações, talvez por achar que eu não iria acreditar nele, talvez porque não tinha nada a temer. Disse que, na verdade, ele e a mulher são extraterrestres; que estão na Terra outros duzentos mil; que a vida no seu planeta se tornou assustadoramente claustrofóbica, devido à praga grisalha que lá se tornou quase imortal; que a absurda quantidade de carne necessária à alimentação de tanta gente obrigou-os a socorrerem-se de outros mundos; que a obtenção de carne humana é a prioridade atual, dado o seu sabor sofisticado, parecido com o do cabrito, mas queixou-se da imprevisibilidade do fornecimento proporcionado pelas guerras.

Eu estava abismado, mas arrisquei uma piada, para amenizar a situação:

— Caramba! Ainda bem que eu já não sou novo e que a minha carne deve ser rija. Só se fosse para chanfana...

Eles não riram com a piada, ou antes, pareceu-me detetar um ténue e síncrono sorriso a iluminar-lhes o rosto. A conversa alongou-se ainda por várias horas, apesar de alguma inquietação latente minha, mas eles continuaram simpáticos e hospitaleiros. De tal modo que aceitei o convite para jantar e dormir aqui esta noite, neste paraíso natural e incrivelmente sossegado.

Estou a ficar com sono, mas não quis deitar-se sem registar os eventos deste dia incrível, enquanto ainda estão frescos. Amanhã podia não me lembrar.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joedyr G Bellas
São Gonçalo/RJ

Bolo de chocolate

O blues tocava alto na vitrola.

Eu olhava pra mim no espelho do banheiro e até entendia as minhas rugas, as minhas marcas dos passos marcados numa terra que nem sempre me acolhera.

Mas eu não me importava.

Nunca me importei, o grande barato é ir enfiando o pé no asfalto e que se dane o resto.

E digo asfalto porque a vida mudou e muito.

Sou do tempo que a gente andava na terra, pisava na lama, quando chovia, e o barro grudava na sola do sapato.

Havia bonde e borboletas.

Que tempo foi esse?

Não passo mais batom nos lábios nem marco o meu olho com lápis preto. Cansei de ser Cleópatra.

O blues ia alto, como podia ser um samba ou um baião, às vezes, o vizinho coloca um funk a todo vapor e danço como se ainda fosse uma garotinha de uns

quinze anos, quando debutei, era valsa. Tinha até cadete. Tempo bom. Agora é funk e as meninas já nascem debutadas.

Os tempos são diferentes.

Esse negócio de tempo não foi feito para eu ficar pensando nele. Danço valsa, danço bolero, danço xaxado, danço de rosto colado, danço rock, danço funk escondida, quando o vizinho aumenta todo o volume.

Danço escondida, não é por nada não, é pra não passar vergonha nem fazer feio. É outra bobagem esse negócio de vergonha e de ficar pensando em só fazer bonito. Todos os dias temos de fazer bonito, todos os dias temos de estar deslumbrante, todo o santo dia temos que ser felizes e eu nunca tive medo de ser triste, de curtir uma fossa, de chorar de misturar a maquiagem e de me acabar. Não me assusto com essa tal tristeza que todo mundo finge não ter.

Cada dia, cada segundo.

O meu apartamento cheira a jasmim e rosas. O meu apartamento tem a medida certa para que eu caiba inteirinha dentro dele.

Não procuro mais por César nem por Marco Antônio.

Os impérios já ruíram há muito e muitos séculos atrás.

E qual século eu pertenço?

Me diz você.

Estou um pouco cansada de responder certas perguntas.

Quantos anos você tem?

Quantas bocas você beijou?

Quantos fantasmas ainda te perseguem?

Qual é o seu peso pesado na balança?

Qual é a cor predileta do seu esmalte?

Vou seguindo.

E de frente ao espelho eu só pensava na hora de comer aquele pedaço de bolo de chocolate guardado na geladeira.

Joelson Barcellos
São Fidélis/RJ

Você não sai do meu pensamento

Na calada da noite chuvosa
O corpo cansado de mais um dia de trabalho farto
Mesmo com essa chuva gostosa
O calor ainda habita no meu quarto

Pensamento viaja pelo universo
Tentando encontrar a resposta
Entre tantas palavras procuro um verso
E lembrei do qual você mais gosta

"Você não sai do meu pensamento
Não sei o que fazer para te esquecer
Penso em ti a todo momento
Sem você não sei viver"

A resposta não encontrei
Só encontrei o sentimento
Como diz o verso que lembrei
Você não sai do meu pensamento

Quanto mais eu penso em te esquecer
Mas de você eu me lembro
Pode fazer sol, ventar ou chover
Que penso em você de janeiro a dezembro

Jorge Gonçalves de Abrantes
Lastro/PB

Em Busca de Originalidade

I. Sem Originalidade

Eu vejo o que já foi visto;
Eu ouço o que já foi ouvido;
Eu digo o que já foi dito;
Eu leio o que já foi lido;
Eu escrevo o que já foi escrito;
Eu creio no que já foi crido;
Eu faço o que já foi feito;
Eu sei o que já foi sabido;
Eu canto o que já foi cantado;
Eu sinto o que já foi sentido;
Eu penso o que já foi pensado.

II. Com Originalidade

Eu vejo o que nunca foi visto;
Eu ouço o que nunca foi ouvido;
Eu digo o que nunca foi dito;
Eu leio o que nunca foi lido;
Eu escrevo o que nunca foi escrito;
Eu creio no que nunca foi crido;
Eu faço o que nunca foi feito;
Eu sei o que nunca foi sabido;
Eu canto o que nunca foi cantado;
Eu sinto o que nunca foi sentido;
Eu penso o que nunca foi pensado.

Josefa Rodrigues

Pedra de Guaratiba – Rio de Janeiro

Coisa de Preto

Dia da Consciência negra

Coisa de preto
A liberdade da cor
Na cor do Brasil
É a verdade na cara.

Coisa de preto
É a luta
É a garra
De lutar e vencer!

Coisa de preto
São as crianças

Feito diamantes
Que todo dia
A gente tem que ensinar a crescer
É coisa de preto
A garra de lutar e vencer!

Coisa de preto
É a capoeira
Do mestre Adriano
Mestre Cabeleira
Mestre Serpente;
Coisa de preto
É viver a liberdade
Com responsabilidade!

Coisa de preto...
Coisa de preto é viver
E saber ser livre...
Coisa de preto...
Coisa de preto é tudo isso
E muito mais...

Joyce Nascimento Silva
Rio de Janeiro/RJ

Ser mulher

Ser mulher é ser julgada quando fala ou fica em silêncio por muito tempo.
Ser mulher é ser vítima de uma sociedade ainda patriarcal.
Quem nunca ouviu que há mulher para casar e outras somente para namorar?
E ainda, que mulher boa é aquela que é submissa.
Ser mulher é ser criticada pela pouca ou muita maquiagem.
Pelas vestes.
Pelo andar.
Por anos ouvi:
– Sente-se de perna fechada!
– Meninas não podem falar palavrão!
Como é difícil...
Ser mulher é ser vista como sexo frágil, ao passo de merecer menos no salário por simplesmente ser do gênero feminino.
Ser mulher é ser intitulada de histérica e maluca quando diz não ao assediador.
Como é difícil...
Sobreviver,
Sonhar,
Crescer.
Na outra encarnação, faço questão de nascer mulher para dizer a todas as outras que somos o que quisermos ser.
Somos fortes
Corajosas
Somos livres
Isso sim é ser mulher.

Juliana Moroni
Ibaté/SP

Indiferente

Destino utópico
sonhado em vão,
pensamentos algemados
em vidas fechadas,
condenadas à solidão.
Rotina delirante,
susto com a visita inesperada,
dinâmica interrompida
pela risada debochada.
Corpo em desconforto,
desejo de escapulir
pelas frestas do pseudo-humor,
indigesto.

Pseudo-humor que satisfaz a vulgaridade
e a ausência de obviedade
nas falas alucinadas
de pessoas dopadas
pela superficialidade de desejos miseráveis,
desconectados da dura realidade
de vidas impactadas
pela morte da dignidade.

Risadas cheias de trivialidades,
sorrisos infames,
fardo da solidão interrompida
pela alcateia faminta
por vidas mendicantes
e por esperanças estraçalhadas.

Muros que separam
as risadas sórdidas,
regadas a vinho importado,
de olhares cheios de luto
e tantos sonhos
jamais alcançados.

A agonia da solidão é venturosa,
apenas por não ter que dividir os espaços
com os abutres da humanidade,
lobos devoradores da sagrada dignidade,
semeadores de dor,
ceifadores de tantas vidas
barganhadas pelo aumento
de suas contas bancárias.

Devolvam-lhe a vida solitária!
Presa na sua rotina delirante,
escravizada pela sua indiferença,
pérola no mar de desigualdades,
convicta em não tomar nenhum lado,
imaculada em seu território sagrado,
prisioneira do medo,
pássaro de asas amputadas,
mais cedo ou mais tarde,
devorado pela alcateia de lobos.

Karina Caputti
Campestre/MG

Relato de uma sobrevivente ...

Quando penso que a vida já apresentou todas as suas nuances
Algo acontece e muda tudo de lugar mexendo com seu corpo e mente
Hoje sinto dores físicas e emocionais inexplicáveis e duras
As físicas irão passar o corpo irá se recompor
As emocionais ainda não sei como lidar ....

A vida é veloz em todos os sentidos
Corremos demais não sei para onde...
Não conseguimos parar na sociedade que exige dinamismo
Flexibilidade, resiliência, capacidade de lidar com mudanças
Velocidade, rapidez e competividade!

Nos tornamos uma sociedade decadente
O outro não tem significado e nem expressão
Essa ausência de humanidade e de cuidado
Torna homens cada vez mais estrupidos, egoístas e individualistas.

A velocidade chega a 160 km não importa se tem outros
O outro é um nada e sem significado sua vida ou morte.
Uma imagem no retrovisor uma colisão iminente
Um tranco, um estrondo, giros e capotamento
Pensamento acelera, corpo sofre descarga emocional
Preciso controlar, tenho que parar esse carro!

Não consegui controlar!
Parou quando a barreira se impôs
Segundos, tudo muito rápido, eu sobrevivi!
Para mim foram horas e o tempo perdeu sua dimensão
Sentido da situação e corpo anestesiado.

Para alguns a satisfação do prazer é maior do que tudo
Um gole, uma cheirada, um sintético é tudo uma festa!
Pandemia, pessoas morrendo, adoecendo e choros
Nada disso importa e desce quantos goles forem possíveis
Afinal, é sua vida, se você não sente empatia pelo outro
Nada mais poderá salvar a sua humanidade!

Você se tornou um ser humano nocivo
Incapaz de sentir coisas boas de ver no outro
Alguém que merece viver tanto quanto você
Tomou a decisão de sair dirigindo
Pisou fundo no acelerador e ultrapassou a todos
Com violência, fúria e ódio...

Eu fui sua barreira você quase levou a minha vida
Sabe, eu não quero morrer, não agora!
Mas hoje você quase se tornou o meu carrasco
O julgador que se colocou no direito de decidir
Sobre o quanto eu deveria viver.

Milagres acontecem todos os dias
Ao nascer de uma vida
Na flor que floresce
Na empatia que fortalece
Na vida que renasce
Hoje, foi o meu milagre!

Um carro destruído e minha vida ilesa
Representam que você não venceu!
Não hoje! Você não atingiu seu ímpeto de destruição
Você não levou a minha vida, sonhos, amores e lutas...

https://www.facebook.com/karina.caputti

L. S. Danielly Bass
Marília/SP

EU(e)LA

EU já disse para ela ir embora,
Mas ela vai...
Não a vi chegar,
Não a vi instalar-se,
Mas a vejo por todos os lados...
Em cada parte do meu corpo
Ela vai deixando seus rastros.
EU quero que ela vá embora,
Mas ela me ignora,
Ela me apavora...
Ela disse que não vai embora,
Que quem tem que ir sou EU,
Vá embora, vá embora...
Não vejo a hora,
Vá embora, vá embora,
Ela repetiu por horas,
Você pode acabar,
Acabe com esta dor agora,
Vai, vamos, agora...
Não, EU não posso ir embora,
Com a voz meio mole, EU dizia:
EU não quero ir embora...
Também não posso,
Sempre estive aqui,
Você não entende?
Já espalhei-me tanto,
Dizia ela, tanto
Que não faço parte de você,
Você faz parte de mim.
Sou a tristeza.
Olhe para você:
Você é triste!
Talvez, meu querido EU,
Você não seja nada sem mim.

Instagram: @ l.s.daniellybass
https://www.instagram.com/l.s.daniellybass/
Twitter: @ LSDBass
https://twitter.com/LSDBass

Laís Correia
João Pessoa/ PB

Tua espécie de mar

Ilustração: Laís Correia

Eu me afogo na tua espécie de mar

Leandro Emanuel Pereira
Matosinhos, Portugal

Logro que me expecta

Chamaste Insolência cosmopolita?
Como és ignóbil nos teus propósitos;
Obrigas a tenebrosa saudade a quebrar os desejos insólitos;
Soberbo encanto que me evita…

São as Blasfémias e os prelúdios do intacto sofrimento;
Que me permitem tocar a verdade do mundo;
Mas eu ansiava no ventre da minha mãe, um nobre intento;
De ser eu são de reflexões, apurando apenas o encanto do simples vento…

Tu lá, eu cá, sem efemérides das tormentas;
Compreendo tertúlias comigo mesmo;
E fecho-me na multidão contigo que me encestas;
Meu ego que me confinas ao esmo…

Sobriedade do arpão que me inferniza a vontade;
De ser como sou sem as minhas circunstâncias;
Hercúlea miríade do bom senso que te reste a saciedade.
Eu outra vez insulto a magnitude das minhas ânsias…

https://emporiumeditora.com/collections/ebooks/products/um-livro-para-morar

Lis Souto Maior

Centenário de Mário Souto Maior

Lis Souto Maior

Recife/PE

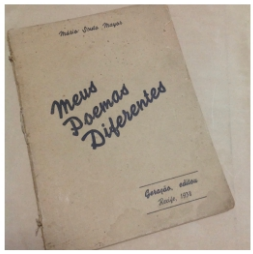
Hoje 14 de Julho de 2020, comemoramos o Centenário de um homem que dedicou sua vida ao registro dos hábitos, crenças, costumes e manifestações da cultura popular.
É com muito orgulho que homenageio este homem simples, amoroso e dedicado ao folclore e à sua família.

Nasceu no dia 14 de julho de 1920
Em Bom Jardim, cidade de interior
Este pernambucano, um cabra da peste

Apaixonado por Carmen, desde menino
Fez poemas, teve sete filhos e com ela viveu
Por toda a vida que Deus lhe deu

Foi um dos fundadores do jornal Geração
Quando estudante de Direito em Recife,
Com seus companheiros de inspiração

Publicando também seu primeiro livro
Sob o título Meus Poemas Diferentes
Com muito amor e sonhos transparentes



Nessa época levou no olho uma pancada
No olho esquerdo, que “não prestou mais pra nada”
Deixando-o, segundo ele, “colega de Camões”

Trabalhou como advogado, promotor, professor
Foi até prefeito da vizinha cidade de Orobó
E do Ginásio de Bom Jardim, foi fundador

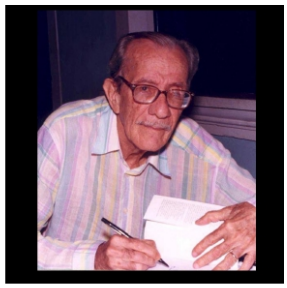
Nomeado inspetor federal de ensino em Recife
Em Olinda ele passou a morar bem tranquilo
Com sua família, sua esposa e os sete filhos

Na época sob o comando de Gilberto Freyre
Foi na Fundação Joaquim Nabuco trabalhar
Encontrando solo fértil para voltar a sonhar

Solicitado por Mauro Mota sobre folclore
Um estudo, uma pesquisa, um artigo escrever,
Sentiu a paixão pela sabedoria popular florescer

Depois disso não parou, escrevendo mais de 80 livros
Eternizando costumes, tradições, danças, folguedos
Palavrões, crenças e hábitos de seu querido povo

Encantou-se em 2001, deixando um grande legado
Para todos que valorizam e amam a cultura popular
Fruto do trabalho e de um grande amor abnegado



Hoje, nesta data, celebramos o centenário
Deste homem tão amoroso, simples e dedicado
De quem ser sua filha muito me tem honrado

@lissoutomaior

Lívia Cout
Maricá/RJ

Lívida

Estou aprendendo a ser mulher, tentando crescer comigo mesma. Tenho muita alma, espaço suficiente para conter todas as galáxias dentro de mim. Meu nome é Lívia, nome que tem origem a partir do latim que significa "lívida" ou "pálida". Gosto de imaginar que há 25 anos, um anjo apareceu para minha mãe, através de um sonho dizendo: "Você dará a luz a uma menina e ela será incrivelmente transparente." Desde então vivo de acordo com meu nome, embora haja noites em que eu fique receosa.

Há noites em que estou em meio há um céu tempestuoso. Fico confusa e grito para mim mesma: "Ei, não precisa de toda essa chuva!". Mas, ainda estou crescendo, minhas estrias são a prova disso. Certa vez, reclamei aos céus sobre o quão desajeitada e frágil minha confiança é. No entanto, no instante seguinte me senti parte da perfeição da obra; a razão pela qual a beleza acordou de seu sono. Sou reflexo do divino. Então, decido não mais duvidar de mim mesma. Porque isso seria nada menos que uma heresia. Sou minhas próprias escrituras, transcorrendo em um verso livre.

Entendo, a existência nem sempre será tão poética como esse texto que escrevo. Muitas vezes faltará rima, graça ou razão. Mas, quando a vergonha de meus erros estiver pronta para me fazer uma refeição, preciso me lembrar de que estou em fase de crescimento.

Instagram: @antes_de_explodir

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

O ritual

I
«Vamos dar início
À peça do ofício
Teatral dos actores
Acrescentada pelos valores
Que na audiência
Darão sua sequência
Ao ritual de improviso
Mas sem feitiço
Peço-vos por favor
Tenham tento e fervor
Da senhora Decência
E do ilustre Paciência.»
A peça começava
E nela se observava
Um vistoso bonitão
Da internet por função
Chamado à presença
De mulheres em licença
Provisoriamente tirada
Da internet privada
De sua companhia
Apenas por um dia.
Mas muitas eram
Que bem encheram
O palco com objecto
Adicional em concreto:
Caldeirão identificado
No centro colocado.
Da assistência vinha
Apelação-rainha
Gritada sem sensatez
Mas sempre à vez
Por quem coroada
Se sentia condecorada
Com real título
Para definir capítulo
Ou mesmo completa
Peça a ser directa
Em atestada representação
Do recinto na opção
Por autorizada interferência
De toda a assistência.
Mas esta composta
Era por gente disposta
A interceder em amizade
Que tinha na verdade
Com o internet mulherio
No palco vazio
Em fazer não sabendo
A receita mexendo
Para ritual de seguimento
Incógnito no momento.
Mas ajuda havia
E a plateia referia
As partes que se ouviam
Pertencentes às que diziam:
«Metam-no ao caldeirão
E do bolo em confecção
Fatia uma partam
E nela escrevam
Vosso nome de mulher
Fazendo-o comer
Fatias todas por bem.»

«Ou forçado mais além
No tempo preciso
Para digestão de aviso:
«Com calma, minhas senhoras
Isto pode demorar horas!»
«Depois, com ingrediente
Suplementar por eficiente
Com mexida consequente
Ele será bem-dizente
Do pedaço preferido
Com o nome referido
Da escolhida dama
Com a qual, trama
Partilhará no diante
Desde que se levante
Do caldeirão repleto
Pelo bolo certo
Para conclusão teatral
Da peça fundamental
À felicidade que nela
Começou em janela
De internet vida
Sem outra concebida.»
Claro que plateia
Só estava cheia
Com femininas comadres
Instruídas no «Hás-de
Fazer boa figura
E dar-me a cura
Que mais necessito
Como último grito
Da moda com bonitão
Para minha condição.»
Todas estavam ensinadas
E com expressões decoradas
Perante condutor fio
Do ritual para cio
Que falhar não poderia
Apesar de que reservaria
Final correspondente
Apenas para ente
Singular no feminino
Com internet por tino.
O bonitão comeu tudo
Sem possibilidade de mudo
Sair por opção
Quando dentro do caldeirão
Flores eram na certa conta
Atribuída a cada tonta
Identificada no bolo
Às fatias por dolo
De gula forçada
Na beldade lanchada
Como bonitão guloso
Visto por maravilhoso
Nelas em espera
Pelo resultado que «Pudera
Eu sair vitoriada
Com ele glorificada.»
Mas antes do desfecho
Depois de breve fecho
No caldeirão aquecido
Foi reaberto para querido
Da mulherada expectante
Conceder seu garante
De final escolha
Com ele em molha
Quente e repleto
De bolo para ceptro
Faltando saber o destino:
Se hospital fino
Ou audição de hino
Como novo paladino
Para quem o ansiava
E tanto apertava
Seu ardente coração
Por desejo de bonitão.

II
Duas figuras entraram
Com o aviso que levavam:
«Senhora Decência para concluir
Espectáculo de fugir
Com este ilustre Paciência
Comigo sem incidência
Dela própria em si
Pelo que se passa aqui.
Chamei a polícia
E vai tudo notícia
Ser no amanhã vexante
Com manchete por garante
E destino reconfortante
Em calabouço humilhante
Com internet por constante
Jamais para instante
Vosso que precisará
Da cura que vos tomará
Uma longa geração
A começar nesta ocasião.
Quanto ao bonitão
Eu irei em atenção
Cuidar de seu estado
Para que no lado
Seu nada falte
Nem ele mais salte
Com tudo o que dá
Essa internet tão má!»

www.facebook.com/luisamorimeditions

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

À meia-luz

Há uma dor no viver.
Do concreto da realidade
surge a consciência do limite.
Explicações vagas e circunstanciais
procuram o seu destino.
As inquirições sem respostas
e as mensagens criptografadas
vestem a nova realidade.
A linguagem oculta encontra
motivo até mesmo no silêncio.
Os gestos reduzem o retrato da realidade
como espelhos dos acontecimentos.
Descoberto o sentido do absurdo da existência.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Mairon Neves de Figueiredo
Viçosa/MG

Foco, Motivação e Caldo de Cana

Praia, Sol, Verão e pra completar carnaval!
Estava lá eu, e meu irmão naquela expectativa típica de férias.
Aquelas praias límpidas da Bahia
Seriam o palco de um enorme show de ócio e alegria

Uma pena que as vezes a vida não respeita nossos planos
Ludibriando a derrota
Criando acerto nos enganos

Todos do Brasil, pensaram a mesma coisa
E lá estávamos em pleno sol das doze
Em plena fila quilométrica, entre carros e buzinas
Enquanto luz disputava com as janelas,
o calor do momento derretia todo ar que não era mais condicionado
Pegávamos um bronze indesejado, sob um trânsito paralisado
Ao disfarçar a fome de um almoço atrasado,
O gole de água fervia ainda mais a alma do que a garganta
A chegada cada vez mais perto de um destino cada vez mais longe
E assim a expectativa e o desejo iam se apequenando
Sob o suor pingando, de uma testa torrando

Quando de repente surge um jato, que se mostrou van
Uma van lotada,
Crianças eram todas crianças, ricas de euforia
Em seus trajes de banho, gritando e cantarolando de alegria
A van seguiu firme, entrando a todo vapor naquele pequeno trecho de asfalto já esgotado
Ao pressentir a colisão, meu irmão, o salvador, utilizou-se da famosa brecada
Para evitar a pancada
Certificou-se do acionamento rápido dos freios,
Que funcionaram perfeitamente bem por sinal
Levando a um balanço desproporcional
que contra o cinto de segurança favoreceu um bom torcicolo
O motorista da van, voltando ao plano terreno e percebendo a situação,
Freou, e não houve colisão,
As crianças se calaram e toda a animação fora embora
Em meio a situação
Busco fazer uma averiguação
Ao fixar o olhar no motorista
Que prontamente responde levantando a mão
E ouço de maneira bem despretensiosa

"Desculpa ai patrão! Tava concentrado no caldo de cana aqui"

Caímos, na gargalhada!
O motorista acabou se distraindo com o caldo de cana
Devia estar muito gostoso!
Ele estava tão concentrado que esqueceu totalmente de tudo e de todos
E assim encontramos humor em meio a tamanha imprudência
Seguimos viagem e como sempre rimos muito e chegamos a singela conclusão:

"Onde se tem foco, motivação e concentração na diversão, pra que tanta preocupação?'

Malinga Dambo
Maxixe – Moçambique

Os ninguéns

Lá do horizonte,
O sol desponta.
As pétalas desprendem o amor
Em perfume das rosas.
A esperança nasce nos olhos dos meninos ninguéns.

As aves chilreiam profecias
Duma trégua da fome
Que os consome
Quão nenhuns são
Os meninos sem pão.

O sol raia e vai ao ocaso
As flores murcham
E os nenhuns comem o vazio da estendida mão
Quão degradado é o valor deste não

Incrédulo se torna o fixo olhar
Ao vaivém das ondas do mar perdidas
Que agoiram despedidas
Ou vem-vai das esperanças desiludidas
Nas profecias desvanecidas.

Marcel Hollande

Balneário Camboriú/SC

Desabafo; ou O Lamento dos Imperfeitos

- A Oswald de Andrade e a Eugénio de Andrade

Antes de este conto iniciar, eu hei de proferir rapidamente um poema dum magnânimo amigo meu, de 17 anos de idade – o português Pedro Henriques Filho –, que poeta é:

Hoje hei de falar um pouco do sepulcro materno da política incultura
Ao desabafar ao presidente da Câmara Municipal desta infeliz cidade:
"A tua alma encontra-se adoentada qual um tamarindo
E envelhecida qual uma noz quando abordamos a Filantropia
E de modo igual a tua adormecida Dignidade, cujo sono está fluindo.
Por conta disso, vejo em tua cidade somente distopia,
Pois que vocábulos sepulcrais é o que está presente no discurso
De toda a tua autoridade como também na do povo, o que reflete no percurso
Da história deste município, cuja terra possui nela uma materna sepultura.
Na cidade, quem ainda tem alegria?
Na cidade, quem ainda olha para a humildade?
Os astros que tu estás a reger mostram-se cada vez mais fragmentados
E ruidosos qual a chuva de ódio que banha atualmente a Terra em tempos de pandemia.
Os cometas e/ou asteroides e/ou meteoros são fragmentos do Nibiru.
A gente precisávamos de líderes
Na era em que eram eles notáveis indivíduos
Que jamais retinham n'alma poderes e lastimáveis resíduos
Dos mais amargos e impiedosos açúcares.
Claro que isto foi uma colossal ironia, porquanto:
Os líderes de atualmente demonstraram possuir o sol noturno que há dentro d'alma,
E isto não me acalma!
Estão os políticos da face da Terra cegos dos ouvidos
Ao mesmo tempo no qual são por mim compreendidos como mudos, ó resíduos...

Uma pandemia no Mundo avançou
E com ela uma crise global se alastrou

… Pegando a todos de surpresa e causando problemas crisólitos, sobre a terra, sobre o mar…

O que é o coronavírus? Um horizonte hipnótico?
Uma pandemia – alerta os indivíduos verdadeiros,
Honestos e competentes, mas que são considerados
(Mediáticos)
Pelas autoridades que apenas pensam em poder,
Dinheiro e guerras, e lastimável é saber
Que a maioria das pessoas aplaudem de pé
Tais autoridades, considerando-as verdadeiros mitos
Por serem cegas dos ouvidos e percebidas como
(Mudas).
E daí que, por sermos justamente assessores da saúde, não somos coveiros?
É, Santo Deus, o Mundo vem a ser de facto
Recheado de vocábulos sepulcrais,
O nazifascismo está a ser idolatrado:
Por todos e por todas. Pronto, falei!"

Hoje ESTOU Demasiado sem inspiração para um conto escrever, todavia hei de fazer, pois, uma obra-prima dadaísta ao basear-me em obras notáveis do célebre Tristan Tzara – obras que são feitas de qualquer maneira ao mesmo tempo no qual igualmente são obras apolíneas. ESTOU Demasiado apto para escrever um conto intitulado *Desabafo; ou O Lamento dos Imperfeitos* e dedicá-lo aos meus renomados ídolos Oswald de Andrade e Eugénio de Andrade, e tal conto há de narrar a História – ou melhor, a história (melhor dizendo, a estória) *[Nota: Necessitei isto escrever pelo móvel de demonstrar ao leitor queridíssimo e estimadíssimo o quão ridícula e tosca é, reiteradamente, a singela utilização de superlativos à maneira de José Dias, do Dom Casmurro, de Machado de Assis; outra razão de eu escrever esta nota é para demonstrar aos rígidos e autoritários críticos o quão realista é a fantasia que nós, escritores, escrevemos em nossas obras, e que criticar negativamente as obras pela razão de elas serem colossalmente fantasistas retém como significação que os críticos não possuem imaginação suficiente para poder viver, e que igualmente assassinaram as crianças que haviam dentro deles... Aquele indivíduo que assassina abruptamente a criança de dentro de si... um sicário de facto o é!]* – de Dois catalães operavam em Barcelona a mesma manufatura, todavia tendo decorrências demasiado variadas; um (que era o Kurt) opulentava-se e, quanto ao outro (que era o Bart), consternava-se economicamente, algo que já era esperável, posto que o Kurt desvelava os seus ofícios com uma estrênua incumbência, enquanto o Bart, irrestritamente empenhado ao modo de vida para com o aprazível, deputava os excêntricos da chefia de seu lar.

"Por obséquio, dilucidas para comigo – disse, certa vez, Bart a Kurt – qual é o móvel pelo qual o fadário nos mantém de uma maneira em tal quantidade descoincidente? Comerciamos os mesmos produtos, o meu armazém localiza-se

tão bem sito tal e qual o teu, e, entrementes, durante o tempo no qual tu rendes, nada faço salvo ser derrotado. E não é pelo porquê de eu ser estúrdio; não embebo nem jogo. Já reflexionei em determinadas ocasiões se tu não serias fortuitamente o dono de um inestimável amuleto!"; "Com efeito – respondeu Kurt –, leguei do meu padre Ângelo um amuleto proprietário de uma faculdade sui generis. Trago-o pendurado ao pescoço, e vagueio de tal maneira com ele quotidianamente por todo o meu lar, do paiol à frasqueira, e da frasqueira ao paiol. E o que ocorre é que tudo me segue de jeito demasiado distinto!"; "Salve, meu querido e estimado colega, conceda-me pelo amor de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo tal talismã inestimável do qual com tamanha intensidade careço; podes possuir a convicção de que esta eu revoco!"; "Então, busque-o amanhã de manhã."

Quando, no dia seguinte, Bart saiu à procura do seu dadivoso êmulo, apresentou-lhe Kurt uma avelã mágica, pela qual passara um fio de seda, também mágico.

Bart a colocou incontinenti em seu pescoço, e iniciou logo a percorrer velozmente (mais veloz do que o Usain Bolt) todo o seu lar com o amuleto. Constatou, pois, o total desconcerto pelo qual toda a parte ali era composta. Na frasqueira carecia-lhe vinho, aguardente e óleo; na cozinha o pão, a carne, as verduras e os legumes; no paiol, o milho, o trigo, o feijão; na estribaria, o feno e a aveia, furtados das manjedouras dos garanhões; observou, afinal, a maneira pela qual a sua biblioteca e acervo de assentamentos se achavam mal constituídos (E PÕE MAL NISSO!); observou isto tudo, e que era de suma importância remediar-lhe, apreendendo que o senhorio do lar jamais é capaz de prescindível por terceira pessoa em supervisão de seus convênios.

Dias depois, dirigiu-se Bart ao armazém de Kurt com o fim de devolver-lhe o inestimável talismã, gratificando-lhe duplamente: uma razão era pela sua boa proposta, e, a segunda, era o jeito cortês porque lho tinha emprestado.

O paquete viking analogia do perecer de fato é, ao mesmo tempo no qual igualmente um fado de banzo o é; já um cruzeiro marítimo é um espírito que retém o Lânguido, Sicário e Omnipotente reflexo epicurista! E só para concluir: Lastimavelmente, o aprazível (que é o *magnum opus* do Epicurismo) pereceu desembaraçadamente na vida do infeliz qual a obra-prima de um notável poema derreteu com a chama do esquecimento numa prateleira duma célebre Biblioteca!

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

Ave

Lembro de pescar no Lagamar do Sal.
Caminhava muitas distâncias para pescar vida.
Me descia na água,
Aprumava a tarrafa,
Lançava sobre a imagem.
Pescava imensidões.
A água escorria pelos fios da rede.
Eu me aprontava como passarinho.
Quando vejo água liberta num canto, dá-me vontade de morar acolá.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/marcosandrade

Marcos Lisboa
Tóquio/Japão

Julgues, todavia, evites condenar!

Há hora em que uma contrição a mim exaspera...
Nestas premências e dubiedades em que estou a caminhar,
Aflijo e expio, nesta decadência, na altura em que com total pesar
Conjeturo o que malogrei na buganvília, quando jovem eu era.

Poesias e afetos (e ódios também!) reprimi a emudecer,
Sem possuí-los num genuíno desabafo de arder...
Oh! Outros cem sem vigor! Através de qual ardimento pretendera
Mais sofrer, mais gozar, a cantarolar enquanto benquisera!

Experimento aquilo que malbaratei na juvenilidade;
Lacrimejo neste início de vetustez,
Vítima da dissimulação ou da generosidade.

As osculações que não possuí por imbecilidade, Inês,
E por embaraço a poesia que não recitei por falta de genialidade
E aquilo que não fui capaz de padecer por acanhação devido à minha lastimável falta de sensatez!

Marcos Nunes Loiola
Botuporã/BA

O velocista

Eu, velocista,
em metros rasos, especialista
seguia com pressa o itinerário
de minhas conquistas.

De repente, obstáculos na pista.
Eu, destreinado velocista,
sigo cheio de compressas
o itinerário de minhas derrocadas.

De repente, eventos cancelados.
E eu, velocista desolado,
sigo o itinerário enclausurado
em metros nada rasos de angústia.

De repente, o deserto.
E eu, velocista desacelerado,
esmiúço o itinerário de dentro
à procura de alento
em grãos de areia
espalhados pelo vento...

https://www.instagram.com/loio_la/

Marcos Pontal

Pontal/SP

Pontal(SP)

Um encontro de dois rios da região,
Rio Pardo e Mogi-Guaçu, assim surge a sua união.
Formam o bico de Pontal,
algo fenomenal.

Tem três usinas
que geram profissionais,
que muito nos ensinam.
E assim o município se mantêm.
E muitos se divertem.

Se divertem no bosque num ambiente de ar puro.
Que ajuda no nosso futuro!
Lá várias pessoas praticam exercícios físicos,
exercícios esses que são sadios.

Tem pista de skate e campo de futebol,
para crianças, jovens e adultos,
praticarem esportes,
com amigos e parentes.

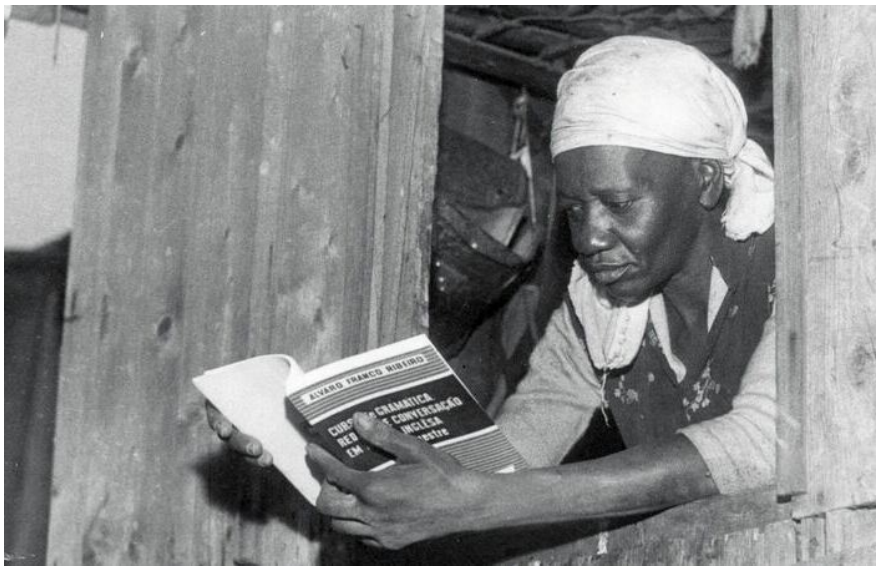
Tem o Cristo Redentor,
que lembra o nosso Senhor.
Um patrimônio histórico,
não somente da cidade, mas da região,
que é tudo de bom.

Parabéns Pontal pelos seus 113 anos.
E convenhamos.
Uma cidade acolhedora
e renovadora.

Marcos Roberto dos Santos Amaral
Caucaia/CE

As Cantigas da Velha Fama: A rica muanbeira

Cansada, carolha, carcomida,
Fama dizia,
Sua amiga voz me trazia:
Uma, doces, sedas
Poções, que emagreciam!
Trocava!
A sujeita, por isso, alto:
- Sou rica!
Mas todos, não:
É muito, mesmo, muanbeira!



Maria Carolina Fernandes Oliveira

Belo Horizonte/MG

Carolina Maria de Jesus

Toda a dor e toda a luta
no quarto de despejo.
Carolina de Canindé
fez diário da ralé,
de todas as Marias
de Jesus e de Olorum.

Retratou a vida em cores
mas gostaria fosse opaca
porque a fome era amarela
e nas vivências da favela
essa cor era comum.

Dos seus livros publicados
a pergunta que pairava
Pode, uma favelada, escrever?
Mas, por cada letra eternizada
a pergunta, sensata, se refez
Sabe, a burguesia, ler?

Maria Elza Fernandes Melo Reis
Capanema/PA

Flores da minha vida

Eu tenho andado nos jardins da minha vida
E tenho encontrado tantas pessoas em forma de flores
Pessoas esplêndidas como as rosas
Que delicadamente tocam minha sensibilidade
Apenas com uma palavra, um abraço
Pessoas serenas como os lírios do campo
Que carregam a docilidade na alma
Deixando-me cheia de paz
Pessoas delicadas como as margaridas
Por serem suaves são pérolas em minha vida
Pessoas amáveis como as orquídeas
Que transbordam os meus dias de fluidos bons
Algumas são como as violetas
Transformam meus momentos em primaveras sem fim
Outras como os girassóis
Que enche-me das boas energias da vida
Calor humano e lealdade
São tantas flores e tantos amores
Pessoas que passam por mim
E sem perceber vão deixando um pouco do seu perfume.

Facebook: https://www.facebook.com/elza.melo.524
Instagram: @maria_elza_melo

Maria Ioneida de Lima Braga
Capanema/PA

Poeta é Herança

Poeta! Refrão dos sorrisos da vida.
Espaço entre o raso e o profundo,
as vestes de teus versos te define,
tens as páginas do mundo.

Poeta! Tua alma sobrevive ao tempo.
Nas poesias dos amanhãs és a semente,
que o vento semeia em sopro fecundo.
Viagem, bem mais além, que a de Dante.
Do riso às lagrimas num segundo.

Poeta! Nos corações dos versos
és fingidor.
Tinge das borboletas a cor, e alcança o voo alto do condor
Ingênuo ou insano, és dos sonhos, ainda, o construtor.

Poeta! És versos perenes,
que jorram das fontes de bonança.
Memórias para as futuras gerações e
recomeço nas páginas da herança.

Maria Moura dos Santos
Canaan/Trairi/CE

A cantiga do Branco Lírio

Às uma hora eu nasci.
Às duas eu me batizei.
Às três, palavras de amor.
E às quatro eu me casei.
Às cinco estava doente.
Às seis eu estava para morrer.
E às sete em riba da mesa.
E às oito no branco caixão.
Às nove no acompanhamento
Às dez na porta da igreja
Às onze no cemitério
E à meia noite no céu.
Os passarinhos se alegraram,
O Branco Lírio morreu.

Essa doutrina me foi cantada por um Encantado chamado Lírio Branco. Ele é um Espírito de Luz muito forte e narra a estória de seu nascimento até a sua morte nestas palavras. Sua missão é correr o mundo ajudando a todos aqueles que precisam.

Maria Pia Monda
Belo Horizonte/MG

Cachinhos de fumaça

Cachinhos de fumaça escapam dos meus dedos e se dissolvem no fundo desenhado pelo crepúsculo.

Fumar pode ser uma maneira de devolver à cidade alguns dos venenos que, todos os dias, sou forçada a respirar. Uma troca nem equitativa, nem justa, nem ao menos razoável. Mas a ilusão de vingar-me silencia a verdade afirmada pela consciência de que, a cada baforada, estou me envenenando um pouco mais.

A luz fraca do dia morrendo, em breve, será totalmente substituída pela escuridão do fim da tarde e, mais tarde, pela escuridão mais profunda da noite. Uma rotina incontestável.

Como terminará o dia? Terminará com a noite. Nada para adicionar.

Inspiro golfadas longas de nicotina e alcatrão.

A paisagem é a mesma de ontem e do dia anterior. É a mesma de sempre. Uma geometria de prédios e linhas harmônicas que o céu desassoma em um emaranhado caótico de nuvens sem forma.

O cigarro se consumou, mas permaneço na varanda olhando em volta. Consigo ver, dentro das habitações, os primeiros raios de luz artificial que começam a reverberar.

Minhas pernas estão cansadas. Massageio as panturrilhas. Primeiro a esquerda, depois a direita. As plantas dos pés descalços transmitem um alívio fresco, mas brando para o resto do corpo.

Os sapatos ainda estão lá, onde os deixei, tirando-os, no limiar. Não estou acostumada aos saltos, embora os que usei durante a tarde não fossem muito altos. Saltos médios de sete centímetros. Meus sapatos de ocasião especial.

A euforia se dissolve em um bocejo que cheira a hábito. Decido voltar para dentro.

As paredes lotadas não tornam esta casa menos vazia. Mas o que é, essencialmente, o vazio, se não algo que eu tento esvaziar do que, cheio, poderia me machucar?

Me abandono no sofá, a saia se enrola nos meus quadris e me deixa com as coxas descobertas. Está na hora para eu usar algo mais confortável.

O que o taxista me disse? Um elogio que escapou da minha mente, porque não era dele que eu queria ouvi-lo.

A maquiagem cobre, a maquiagem engana e a ilusão começa a perder o efeito, como os

traços de batom que deixei nas bordas da xícara. Meus lábios, a cada gole de café mais

nus, no final tremiam por cada sorriso.

Tiro uma mecha de cabelo do meu rosto. Ainda não tive a chance de me olhar, não tenho coragem. Não quero ler, impressa no meu rosto, uma alegria que daqui a pouco será apenas uma lembrança.

Afinal, nos encontramos e nos perdemos e eu sou tão boa em perder, que nem diante da conquista mais simples e ao alcance, estendo o braço.

O que ele me disse?

- Temos que nos encontrar novamente.

E realmente deveríamos, se pretendo descobrir se é verdade que ele quer me ver de novo.

As sombras se alongam e abrem caminhos até os espaços mais estreitos da minha mente. Aqueles onde guardo minhas esperanças. Cantos sujos, sem possibilidade de manobra. Pilhas de projetos sem sequela ou memória. É aqui que a demanda bate e faz desmoronar o acervo.

Se isso não é um começo, por que temo o fim?

A solidão me protege da obrigação de me dar uma resposta, mas me expõe à dúvida de nunca ser capaz de encontrar uma, não até quando eu me impeça de viver-me contrariamente às obrigações que eu mesma me imponho.

Como quando ele me entregou o potinho de açúcar e nossos dedos se tocaram.

Me apressei a retrai-los.

- Desculpe.

- Por quê? - Ele perguntou.

Por nada, por tudo, mas sobretudo porque eu sabia que aquele era um momento que eu nunca esqueceria.

Um momento importante? Quem sabe ...

É quase sempre o que acontece depois que define a importância do que aconteceu antes. Estabelecer a importância *a priori* é um ato de arrogância.

Um café, por exemplo, é apenas um café. Tentei e continuo tentando me convencer disso, embora eu não possa negar que gostaria que fosse algo mais.

O crepúsculo engana meus olhos. É uma sensação visual que se torna uma percepção tátil. Um arrepio involuntário. Um entusiasmo que a incerteza me impede de apreciar plenamente.

Era a hora certa para dizer-lhe que gosto dele. Mas eu não disse.

A regra exige que eu tenha certeza de que ele também goste de mim, antes de hesitar em dizer-lhe ou não quanto eu já goste dele.

Me levanto. Com os pés descalços, alcanço o interruptor e acendo a luz. Meus sapatos estão sempre lá. Se agora eu os pegasse e os colocasse no lugar, o entusiasmo que eu senti, enquanto os usei, permaneceria comigo?

Vou me sentir estúpida, eu sei. Talvez amanhã ou mesmo em algumas horas. Quando deitarei na cama e, ao contrário de ontem, não me perguntarei que tipo de dia será hoje, porque já o vivi.

Marlise Buchweitz

Canguçu/RS

Abusivos

"Tu não consegues:
entender as coisas como são
compreender o sentido dos acontecimentos
perceber a melhor forma de agir"
– eu não era inteligente o suficiente.

"Tu não te encaixas:
nas questões da vida conforme penso
nos ideais sociais que defendo
nas percepções de feminino que tenho"
– minhas causas eram todas erradas.

"Tu não podes:
transar por aí
ser apresentada à minha família
criar um filho meu"
– eu não era a mulher que procurava.

"Tu precisas:
explicar o jeito como ages
mudar teu ponto de vista
cuidar as coisas que dizes e fazes"
– e eu tentava me encaixar.

"Tu deves:
usar transparência
passar maquiagem
depilar as pernas"
– eu não podia ser como quisesse.

Fiz o que pediu
Abri mão de ser eu
Não bastou
Adoeci
– não havia mais beleza na dor.

"Mas te quero uma vez mais:
Sexo contigo é maravilhoso
Transava uma vez ao mês porque rotina maltrata
Só traí porque o cotidiano desgasta"
– não mais cedi; aprendi cuidar de mim.

Instagram: @marlisebk

Mauro Vitale

Itatiba/SP

O mundo do alto da sua cabeça

Sinto saudade de você velho companheiro. Do tempo em que estávamos juntos e Eu era o seu confidente. Você se lembra? Quando você acordava de madrugada exaltado, procurando um papel e uma caneta para poder anotar um novo poema que chegara em sonho? Eu estava lá para vê-lo trabalhar enlouquecidamente até o sol raiar. E então você lia a sua mais nova canção para mim. Você, com a sua entonação grave, esmiuçava todos os pormenores de uma noite de amor que nunca teve. Ondas sonoras me invadiam e tomavam conta de todo o meu ser. E Eu, o seu primeiro ouvinte e maior admirador, contemplava estasiado mais uma preciosidade saída da sua cabeça tempestuosa.

Sou grato a você que me apresentou o mundo. Por cada conhecimento que alcancei estando ao seu lado. Eu carrego na lembrança a imagem do nosso lar, onde talvez você agora esteja sonhando com um novo poema de amor que nunca experimentará. Eu fecho os olhos e caminhamos pelo quarto novamente. Revejo as paredes verdes, a janela marrom de madeira que vivia permanentemente fechada, a cama caramelo e manca que vergava com o seu peso ao se deitar. Me lembro de cada móvel, de cada teia, de cada nódoa no teto. Dos azulejos da cozinha amarelados pela gordura das suas intermináveis frituras. E quase sinto o cheiro da gordura velha misturado com o acre das garrafas de bebidas largadas e da fumaça do cigarro que impregnava o ambiente. O seu cheiro. Sentia-o nos seus cabelos ensebados e na sua barba sempre por fazer.

Mas veio aquele dia amargo e nossa história se desfez. Na ocasião Eu sentia que algo estava prestes a acontecer. Não dei muita atenção para esse sentimento e segui tocando a vida. Lembro que você tomou banho e vestiu as mesmas roupas puídas de sempre. A velha camisa xadrez vermelha, uma caça jeans e o paletó marrom já bastante gasto nos cotovelos. Você estava alucinado, colocou uma, duas, três taturanas para cheirar. Guardou a cocaína junto com um pequeno espelho e um pedaço de canudo de plástico no bolso do paletó e saímos. Do nosso pequeno apartamento no vale do Anhangabaú seguimos em direção a rua Augusta.

Chegando na baixa Augusta paramos num boteco onde você se serviu de cerveja e cachaça e fomos para fora fumar. Enquanto acendia o cigarro Eu

admirava os neons dos prostíbulos e casas noturnas iluminando a cidade. Acompanhava as mulheres seminuas se equilibrando em botas de salto alto na caça por gordas carteiras. O ruído da cidade me impressionava. O barulho das buzinas dos automóveis. Jovens sorvendo cervejas e conversando sobre o último filme do Tarantino que tinham acabado de assistir. Um casal de velhos bebericando cachaça e comendo pururucas enquanto ele declamava para ela um poema de amor meloso que fizera em sua homenagem. O barulho dos saltos das botas batendo no asfalto. Uma sinfonia de sons para contemplar. E senti que você também se contagiava e era raro você superar o estado de consternação. Eu me senti feliz por você.

De tempos em tempos íamos ao banheiro, mais um teco para harmonizar com a cerveja. Você estava radiante. O grande poeta. O maldito dos malditos. Declamando em alto e bom som para os bêbados da rua a triste história da sua vida: *já faz alguns anos que esses putos me roubam! Estão baixando os meus livros da internet os pilantras! Quanto dinheiro já não me roubaram? Eles dizem que a poesia pertence ao mundo, mas como ficam os poetas? Por acaso não precisamos de comida? Não temos contas pra pagar? O que esperam que eu faça da vida? Que venda palestras motivacionais para novos escritores?*

Enquanto você se entregava as suas divagações Eu caminhei sobre a parte lisa da sua cabeça. Queria sentir o vento da noite de outono bater em meu exoesqueleto. Quando percebi estava entre os seus dedos indicador e polegar e fui lançado para voar como poeira. Dançando no vento da madrugada fui pousar no musgo da calçada. Foi assim que o seu mundo desapareceu da minha história e me vi entregue a própria sorte no infinito dessa cidade de concreto. Um cemitério grande demais para um piolho insignificante.

Blog Pequeno inventário de delírios cotidianos:

https://obolor.blogspot.com/

Michele Eduarda Brasil de Sá

Campo Grande/MS

Eu sou a mãe dele

Eu sei que ele vai ficar bem
Mas eu sou a mãe dele
Eu sei que é um bom hospital
Mas eu sou a mãe dele
Eu sei que a equipe é experiente
Mas eu sou a mãe dele
Eu sei que o Médico dos médicos está naquela sala
Mas eu sou a mãe dele
Eu sei que não é grave
Mas eu sou a mãe dele
Eu sei que ele volta para casa hoje
Mas eu sou a mãe dele

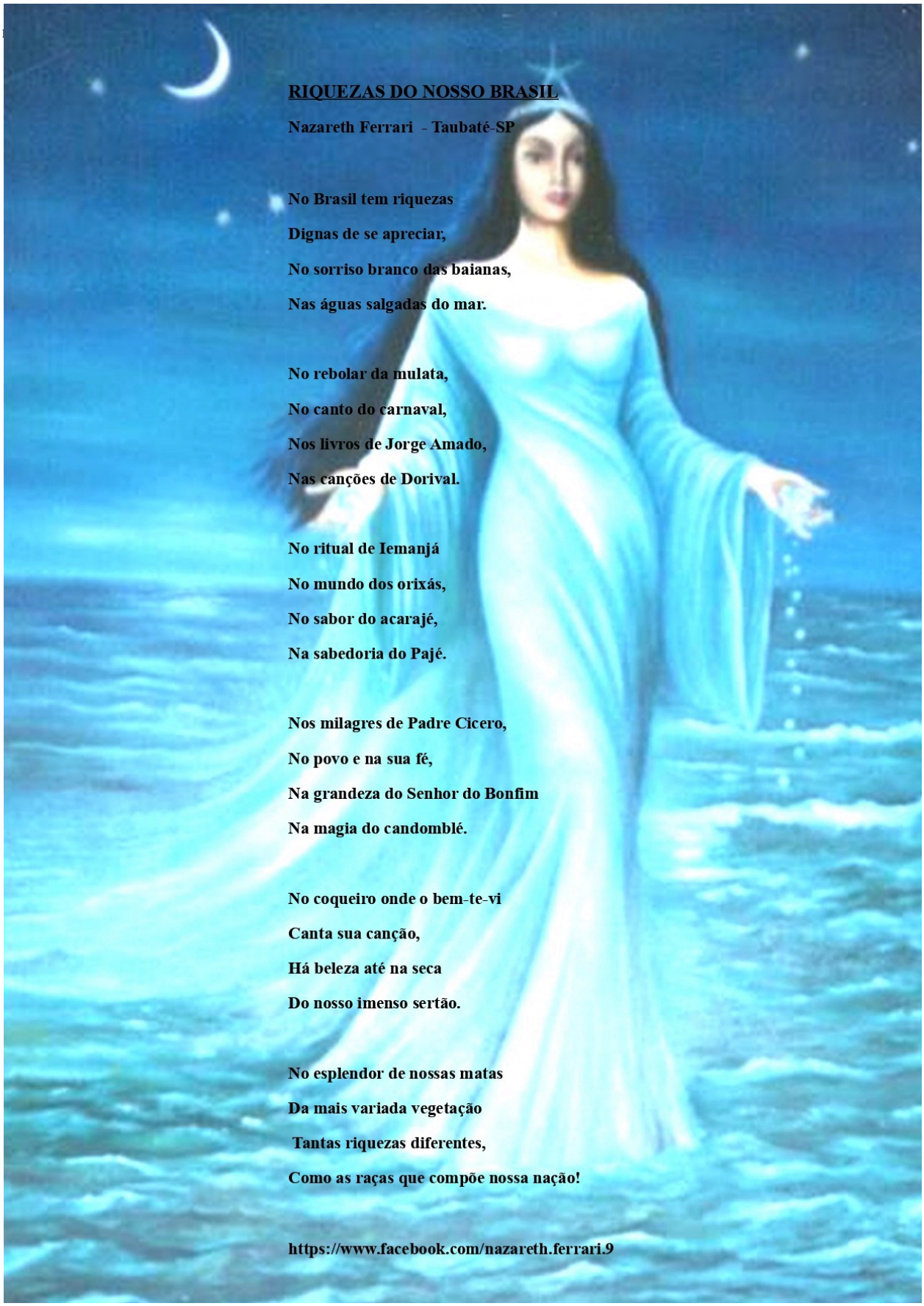
Fale com meu cérebro
Ele sabe de tudo
E entende tudo
Tudo, tudo, tudo
E então me ouça:

Eu sou
a mãe
dele

Mesmo que esta sala de espera
Estivesse cheia de amigos e parentes
E gente me apoiando
E conselheiros
E vizinhos curiosos
E quem mais aparecesse,
Haveria eu,
Sentada ali sozinha,
a única mãe que ele tem,
Com dó
E dedicada,
sendo o que eu sou,
Pois uma mãe
Apenas é.

(Poema publicado no blog Littera Pulsa, tradução do original em inglês I'm his mother, escrito em 18/02/2020, publicado no blog Literatuesday)
Links para os poemas:

https://litterapulsa.wordpress.com/2020/02/23/eu-sou-a-mae-dele/
https://literatuesday.wordpress.com/2020/02/21/im-his-mother/



RIQUEZAS DO NOSSO BRASIL

Nazareth Ferrari - Taubaté-SP

No Brasil tem riquezas
Dignas de se apreciar,
No sorriso branco das baianas,
Nas águas salgadas do mar.

No rebolar da mulata,
No canto do carnaval,
Nos livros de Jorge Amado,
Nas canções de Dorival.

No ritual de Iemanjá
No mundo dos orixás,
No sabor do acarajé,
Na sabedoria do Pajé.

Nos milagres de Padre Cicero,
No povo e na sua fé,
Na grandeza do Senhor do Bonfim
Na magia do candomblé.

No coqueiro onde o bem-te-vi
Canta sua canção,
Há beleza até na seca
Do nosso imenso sertão.

No esplendor de nossas matas
Da mais variada vegetação
Tantas riquezas diferentes,
Como as raças que compõe nossa nação!

https://www.facebook.com/nazareth.ferrari.9

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Trovas Da Rapariga

Sonho com a rapariga,
Andando pelo caminho
Estou bastante animado!
Sonhando com um carinho.

A mulher é tentação,
Rapariga pode ser,
Toca-se o meu coração,
Nada se pode fazer.

A rapariga dá carinho.
Se houvesse um ninho,
Onde sonho te encontrar
E com flores presentear.

Nilde Serejo
São Luís/MA

Dona de Mim

Tentei resistir ao apelo
E fui fraca diante do beijo
Devorei com vontade
Rasguei em carne viva
Saciei meus desejos.

Não disse nada depois
Saí sem olhar para trás
Deixei o ponto da interrogação
Levei comigo exclamação

Vaguei pelos pensamentos
Busquei outros contentos
Mas não seria capaz de voltar
Nem implorar por amor que não tenho
Eu não!
Sou fera, sou bela
Sou minha dona.

Nuno Maria

São Paulo/SP

Migração

Nasci numa terra já conhecida
Mapa de certo sertão
Dela tirei o pão que é comida,
Alimento que nasce do chão.

Se a terra é quem me alimenta
Fonte de água, leite e pão,
O porquê dessa tormenta,
De eu ter deixado o meu lindo sertão?

Eu morava numa terra pequena
Tinha umbu, caju e acerola
Apesar da casa cinzenta
A liberdade vinha com a aurora.

Tinha um rio que cortava a cidade
Passava pela Fazenda dos Cocais
Um dia virou propriedade
De certo capataz.

No início, minha vida pouco mudou
Bastava que eu pagasse
Um jabá para o novo senhor.

Quando a chuva não veio
E por todos era previsto
O rio que estava cheio
Foi logo sendo interrompido.

A água que era de todos
Virou objeto de luxo
Reservada a um pequeno povo
Que pagasse ao capataz,
A sua parte do lucro.

Eu, que não tinha mais como pagar
Pensei em partir
Porque não adiantava esperar

Aquela chuva, que só prometia cair.

A fome que rondava o sertão
Desceu a ladeira do morro
E deixou ileso o patrão
Mas matou de imediato,
O nosso pequeno leitão.

O cajueiro não floresceu
Até o umbu secou
O cacto virou madeira
Que a terra não suportou

Sem saber o que fazer
Eu trouxe do meu passado
Um sonho muito acalentado
De para longe ir viver

Quando a água era de todos
Vivíamos apertados sim
Mas tínhamos o consolo
Da água que escorria sem fim.

É por isso que eu lhe digo
Se eu deixei o meu chão querido
Foi por muita precisão
Via o rio passando bonito
E o meu copo vazio na mão.

Ficaram lá no sertão
Dois tipos de povo
Os que se apossaram da terra
E os que se sujeitaram aos novos donos dela
Quase numa escravidão.

A terra que era nossa
Virou objeto de troca
Entre o trabalhador da roça
E o seu temido patrão.

Octávio Hradec Pavan e Patricia Hradec

Guarulhos/SP

Apertem os cintos, mamãe no controle!

Um dia, na casa de uma senhora chamada Dona Amélia, seu filho Otto preparou uma grande surpresa. Ela iria conhecer o Rio de Janeiro, passaria um final de semana na cidade maravilhosa. Ganhou, além da passagem aérea, a hospedagem no badaladíssimo hotel Copacabana Palace. Sairia de Congonhas e desembarcaria no aeroporto Santos Dumont, tudo isso a deixava muito animada, mas o bom mesmo era o fato de seu filho ser o piloto do voo.

No dia seguinte, ela se preparou para a tão sonhada viagem, a ansiedade era tanta que ela já estava com as malas prontas 3 horas antes do horário marcado. Depois de esperar e esperar, ela finalmente entrou no avião e toda orgulhosa, se sentou na janela da primeira classe.

Vinte minutos depois de decolar, uma comissária dirigiu-se até a cabine, seu nome era Lorena e como sempre foi oferecer aos pilotos o café habitual. Foi aí que viu uma cena grotesca: piloto e copiloto desmaiados!

Abaladíssima, mas super discreta, foi falar com os outros comissários, gerando uma certa aglomeração na porta da cabine. Dona Amélia, que era muito perspicaz, notou que algo estava errado, prontamente se levantou e foi ver o que estava acontecendo. A comissária com cara de poucos amigos, sem saber que ela era a mãe do comandante Otto, deu uma bronca que a desconcertou: - A senhora não pode ficar aqui! Sente-se já!

Dona Amélia era tinhosa, começou a levantar a voz para falar com a moça: - Eu sou a mãe do piloto! Exijo ver meu filho imediatamente!

Com medo de um tumulto ainda maior, a comissária abriu caminho e deixou-a entrar na cabine. Dona Amélia ficou perplexa com a cena, viu os dois jovens desmaiados e não sabia o que fazer... Chamou, gritou, chorou, e xingou seu filho, mas nada fazia com que o despertasse.

Neste instante, a comissária entrou e fechou a porta. E foi aí que elas ouviram um ronco alto e descobriram que quanto mais elas os chacoalhavam, mais eles roncavam e babavam. Eles não estavam desmaiados, estavam dormindo!

Depois de pensar e agir feito baratas zonzas, as duas decidiram sair e tomaram um susto ao saber que a porta estava emperrada. O jeito era tirar os adormecidos do assento. Sem nenhuma cerimônia, jogaram os dois no chão e assumiram o comando. Não se sabia quem estava mais nervosa. Dona Amélia, então decidiu apertar alguns botões, até que uma voz estranha surgiu... - *Radek Airways*, três dois três, algum problema?

Dona Amélia com cara de espanto, respondeu prontamente gaguejando: – S-i-m, e-u nã-o se-i o que fa-zer!

— *Radek Airways*, três dois três, algum problema? Responda, por favor!

— So-co-rro! O que eu devo fazer? – Respondeu aflita.

— A senhora tem que apertar o botão do rádio. – disse a comissária, tentando ajudar.

Finalmente acharam o botão e Dona Amélia respondeu: - Misericórdia! Estou com uma emergência... BIP BIP... TIM TIM... É uma emergência.

A voz do outro lado respondeu: - O quê? Não estou compreendendo? Pode repetir, por favor?

— BIP BIP... TIM TIM... É uma emergência. Meu filho é o piloto, mas ele está desmaiado, dormindo, sei lá o quê... Eu não sei o que fazer?

— Minha senhora, para pedir emergência é só dizer PAN PAN... fique calma... Por favor chame o copiloto.

— O copiloto também está dormindo! Eu estou presa aqui na cabine.

— A senhora está sozinha?

— Não, estou com uma mocinha...

Nesse instante, Dona Amélia se voltou para a moça que também estava com cara de emergência e perguntou: - Qual é o seu nome, minha filha?

— Meu nome é Lorena. Sou comissária do voo.

Dona Amélia mais que depressa foi avisar o rádio: - Estou eu e a comissária Lorena presas aqui na cabine!

A voz continuou: - Fique calma, minha senhora. Vocês sabem se o piloto automático está pilotando o avião?

Dona Amélia respondeu: - Não, não sei nem o que é isso. Só sei que meu filho Otto dirigia o avião, mas está roncando numa hora dessas, junto com o outro rapaz aqui!

— Bem, se o avião está voando ele deve estar em piloto automático. – disse a voz.

— E agora? O que eu faço? – Dona Amélia continuou perguntando agoniada.

— Aperte o botão do manche, minha senhora. – respondeu Lorena.

— Mancha? O que é isso? – perguntou Dona Amélia aflita.

— Não, minha senhora, é o manche, o volante do avião! – falou Lorena com toda a calma do mundo, tentando esquecer que estava em emergência.

— Ah, tá! – Dona Amélia respondeu aliviada.

Mas de repente, um alarme soou por 3 vezes. O avião fez um leve movimento de subida e descida. Nesse instante, o nariz e as asas do avião estavam em posição manual, então o controlador disse no rádio: - Mova a alavanca que está a sua direita! Gear down!

Dona Amélia, que não tinha a mínima ideia do vocabulário, não entendeu... E respondeu: - O que você está me dizendo?

— Mova a alavanca grande que está do seu lado direito para baixo! – a voz falou novamente.

— Aqui! Acho que é essa alavanca! Coloque para baixo! – gritou Lorena.

Então, Dona Amélia obedeceu e puxou a alavanca.

Nesse momento, o rádio falou: - Tem que descer os *flaps* agora!

Dona Amélia bramiu: - Minha Nossa Senhora! O que é isso, meu filho!?!

Então, Dona Amélia começou a vasculhar a cabine e encontrou uma alavanca escrita com letras garrafais: "*FLAPS*".

Ela puxou e abaixou a alavanca, o imponente avião estava a 10 minutos para o pouso. Depois de 9 minutos agonizantes, o avião tocou a pista no Rio de Janeiro.

Dona Amélia, ao sair do avião, ajoelhou-se agradecendo a Deus e prometendo para ela mesma que jamais faria outra viagem. Ao invés de passar o final de semana visitando os pontos turísticos, ficou 3 dias com o filho em observação no hospital. Na investigação descobriu-se que havia sonífero nos cafés dos pilotos e até hoje não se soube o porquê.

Meses depois, Dona Amélia quebrou sua promessa e finalmente conheceu a cidade maravilhosa, mas dessa vez foi em uma excursão de ônibus, o que para ela era bem mais seguro.

patriciahradec@gmail.com

https://www.facebook.com/patricia.hradec.1

Ovidiu-Marius Bocsa

Romênia

Uma couve-flor

Todas as ervas daninhas devem ser removidas a tempo, como no Éden.
Você sabe que meu trabalho é mais cruel que o diretor.

Em seu lugar, você deixou um guarda zeloso cheio
Em algum momento, você entenderá que tudo vai entristecer,

Para se limpar na água, as pessoas acham mais difícil,
Porque nunca consideramos pecado alegrar.

Como um pavão fechado na gaiola dourada do céu,
O príncipe trabalha no alegre jardim da estufa

Como um pepino entre ervas daninhas foi adicionado verde,
Um novo ghazal de distância social e tristeza são carregados.

Podemos fugir do Éden ou ser abraçados;
Quando cultivamos vegetais, as coisas ficam confusas.

Uma couve-flor cresceu perto da flor mais bonita;
Palavras na floração acabam adornando sua torre.

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

Soneto do Eterno Amor

– Nós dois! Pelos caminhos esculpidos
Nas sendas voláteis dessa existência,
Amparados no Amor e sua essência,
Caminharemos serenos e unidos.

E, sempre que do trajeto a dolência
Nos fizer mais cansados, mais sofridos,
O bem que a vida nos tem concedido
Encorajar-nos-á nessa cadência

E quando chegarmos ao fim da estrada
Teremos feito da vida, que é nada,
Um profícuo e iluminado caminho;

Como se fosse o jardim dessa vida,
Doce vereda, todinha florida
— Somente rosas e nenhum espinho!...

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Minha Família Querida

"A vida é boa de se viver, a gente é que não presta".
(Dito popular)

Penso de quantas maneiras eu poderia apresentar e, consequentemente, dizer a respeito desta situação. Dada a sua vileza, sinto que seja necessário pormenorizar o caso. Porque, no que vale a conjuntura dos fatos, e para tanto, permito-me como envolvido que estou discutir o discutível. Que é por assim dizer, e dessa forma, o que nos é possível contemporizar em busca de alguma verdade, da forma como persiste, seus extremos, dentro de nós.

Nisso creio, porém, não poder salientar, ou antever, inúmeros outros enfoques que se colocaram em perfeita sintonia com o empenho com que descrevo, mesmo que resumido. Digo isto, por ser este assunto, muito delicado. Confesso estar forçando a gramática, principalmente a pontuação, a adjetivação e a adverborização, pelo fato e ato de escrever tão rebuscado, à moda dos grandes escritores, como Suassuna ou até mesmo ao mestre Machado. – que eles não me ouçam – Sem que, com isso, os prezados senhores e queridíssimas damas, não cogitem a mínima intenção. Nem é de meu feitio sair por aí fazendo plágios, pois nem mesmo sou escritor. A custo um reles subliterato beletrista. E deles, sou, somente e somente só, um honrado e saudoso epígono. No que diz respeito à virgulação é apenas e, simplesmente, por certo engasgo momentâneo,

em virtude da gravidade do problema. De modo que, e por assim sendo, estar tão nervoso, suando frio, e com uma tremedeira danada nas mãos, ao tentar explicar o inexplicável e, certamente absurdo. Peço mil vênias, mas vamos ao cerne da questão.

Pois bem, vou tentar colocar este dilema como algo extraordinário que me força, pois alguns esclarecimentos se impõem; sem os quais será difícil acompanhar a sucessão dos fatos e entender o enredo em que me meti, embora comedido no vitupério e sóbrio nos elogios. Pois que, elogiar, elogiarei se necessário for.

A verdade é que estou atolado em dívidas, estou até o pescoço de problemas. E para piorar o achincalhe sobre a minha pessoa acabei de ser flagrado pela minha mulher com um cartão de visitas de uma loja na mão, quando estava discando. Nele estava escrito em letras bem grandes "COMPRA E VENDA DE ORGÃOS", então ela disse cheia de desdém e malquerença com sua fala viperina: "Estás comprando um piano, Carlos Augusto?!... Eu não sabia que o senhor era músico!" Imagine só o estado em que me encontro ouvir uma zombaria desta é de arrebentar qualquer um. Com toda sinceridade, jamais me passou pelo juízo que eu fosse precisar deste recurso. Porém, estou no meu limite. A decisão é extrema, eu sei, mas necessária. Fechei negócio com a tal loja, com a qual minha mulher me surpreendeu ao telefone. É isso, está tudo combinado, acertado e consubstanciado pela parte deles e, decidido, consolidado e confirmado no que depende de mim. Vendi meu rim. Vou fazer o transplante amanhã ao meio-dia.

*****

Cego que não sabe se benzer quebra o nariz, diz o dito. Eu não, eu sei me virar. Hei-me aqui convalescente numa cama de hospital, paralisado, mas feliz. A família numa alegria só. Largos sorrisos no rosto de todos. Minha mulher, então, nem se fala de tanto contentamento. Problema resolvido, dívidas sanadas, agora é só pensar o futuro.

Há oito dias que estou internado, mas em plena recuperação. Os médicos me fazem muitos elogios; dizem eu ser muito forte, de uma saúde rara. Minha mulher e meus filhos mostram-se muito envaidecidos com isto. É flagrante em seus semblantes a felicidade estampada no brilho dos olhos, por terem um pai, um esposo, com tanto vigor. Principalmente minha mulher que, também, achou muito louvável minha atitude, meu desprendimento. Salientou até que atos de coragem como demonstrei, poucos têm hoje em dia. Até fico meio encabulado com tantos afagos e gestos de carinho. E confesso estar todo prosa. Sinto-me orgulhoso e garboso com a família que tenho.

Noto também que eles estão mais unidos agora. É fácil vê-los pelos corredores, pelos cantos do hospital, confabulando ideias, estratagemas. Muitas vezes escapam algumas palavras, então percebo que é sobre mim que falam. Outro dia ouvi minha mulher cogitando a ideia de no ano que vem comprar um

carrinho para a família. Para tanto, estavam estudando qual órgão é o mais valioso, para assim, fazer negócio. E já estavam vendo preço de mercado. Mercado particular ela quis dizer, porque na lista oficial não se aceita venda e compra. É por lista de espera e não se ganha nada por isso. Visto ser**,** de certa forma, uma ação clandestina. De tal modo que**,** melhor seria procurar o mercado paralelo devido a esse imbróglio, digamos assim, alfandegário e monetário. Em vista de tal dificuldade, estão tratando o assunto de forma cautelosa. À vista disso deduzi, do que ouvi de um dos meus filhos, quando disse ter posto anúncio camuflado em códigos num jornal, já estavam obtendo boas propostas com ofertas ótimas. Desse modo, se Deus quisesse, e Ele tinha que querer. Eles iriam fazer um bom negócio. Foi sem querer, mas eles deixaram escapar entre cochichos estarem cogitando em vender a córnea de um dos meus olhos.

Antes de ontem, quando já era mais da meia-noite, eu ouvi uma conversa entre os médicos do plantão que minha mulher já estava estudando a possibilidade de, junto ao hospital de fraturas, negociarem minha perna direita e o braço esquerdo. Porque este tipo de operação já é muito bem sucedida, desde que seja implantada com urgência naquele a quem teve o membro decepado e que o doador esteja à disposição para qualquer emergência. Mas para tanto, paga-se muito bem, dizem. Eu me sinto tão bem com a felicidade de minha família que passei uma procuração, aqui mesmo no hospital, para que eles possam fazer um leilão do meu coração, – desde que com ele não leve meus segredos, rs... rs... rs... – para que tenham após minha morte, claro, uma espécie de seguro de vida para a manutenção de seu conforto.

Mas mudemos de assunto. Eu fiquei emocionado mesmo foi com o ato de solidariedade de minha filha mais velha, a Vanessinha. Essa menina não me dá trabalho. Logo cedo entrou para a História, na USP quero dizer, e já está fazendo mestrado. Maravilhosa essa minha menina, só me dá orgulho. Outro dia ela me disse cheia de indignação: "O que estão fazendo com o senhor é uma degradação, um aviltamento a um ser humano ainda em vida. Pois, quando eu morresse de fato, não iria sobrar nada para ser sepultado. E que, conforme disse o Guimarães Rosa, em seu Grande Sertão: Veredas, "As pessoas ainda não foram terminadas... Mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam". Mas, no meu caso, eu estava sendo *desterminado.* Que isso era uma barbárie de uma sociedade mergulhada no capitalismo selvagem." – disse ela, censurando-me. – Sinceramente, fiquei comovido com seu senso de humanismo. Mas o fato é que ela só pensou em mim, não lembrou de seus irmãos nem de sua mãe. Já a Maria, essa é uma mercenariazinha, por ela já deveriam de ter trocado até de apartamento, por um maior, com um quarto só pra ela. E a Michelli, a mais nova, é uma gracinha, pra ela tudo está bom: "Desde que não afete a saúde funcional do papai," – disse, outro dia, para sua mãe. '– Havemos de ponderar, são puros arroubos, coisas da juventude.

Também não quero esquecer o esforço descomunal do irmão de minha mulher, o Alberto, e o pulha do pai, seu Hildebrando. Veem de tudo, desde uma

ambulância, preço do Dólar, do Euro, na possibilidade de fazer negócio com o exterior, onde sempre rende mais. São pau-pra-toda-obra. Ah! O que esses dois não fazem para ver aquela filha e irmã sorrindo. Tudo isso sobre a batuta do meu primogênito, o Vinícius. Um gerente nato. Este sim sabe pôr os pontos nos is, nos epsílones e os dáblios no lugar e na hora certa. Além do mais e acima de tudo, filósofo! Lembro-me emocionado de como ele me sensibilizou na quarta-feira passada, logo que acordei da anestesia, quando me disse umas frases maravilhosas. Ele falou quase ao meu ouvido:

— Papai, diga-me do fundo do seu coração, qual a questão? Ser ou não ser?

E eu, meio constrangido, sem saber se ia errar ou acertar, respondi titubeante:

— Ser!... – então ele confirmou:

— Isso papai!... Ser é a questão. Não será um rim, um olho, uma perna ou um braço que haverá de lhe fazer falta. E isto, é sinal de que o senhor ainda está pensando. E se pensa, logo existe!... Foi o Descartes quem falou isso.

Disse ele cheio de pompa e orgulho por seus conhecimentos intelectuais e filosóficos. E por fim, ainda falou uma frase do Nietzsche que bateu no fundo da minha alma; com as mãos acariciando-me os ralos cabelos prateados, suspirou fundo e completou:

— E não se esqueça papai, que ninguém, ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, só tu. E não se martirize, pois que, dificuldades e obstáculos são fontes valiosas de saúde e força para qualquer homem.

A despeito disso tenho algumas mágoas de minha mulher. Porque, no passado, sempre que podia ela arrumava um jeito para me humilhar. Antes de minha heróica decisão, do transplante do rim, certa ocasião saímos; fomos jogar pôquer na casa de uns amigos nossos. Aí ela disse, na frente de todos, com toda a malevolência e a empáfia que Deus lhe deu, me deixando vermelho de vergonha. Só por que eu falei que andava pensando sobre certa coisa... Então, ela prontamente repeliu:

— Como? Você?!... Andar e pensar ao mesmo tempo? Rá, rráa!... Jamais!... – então todos deram um estardalhaço de gargalhada.

A considerar o estado macabro em que vou ficar após todos estes transplantes que estão programando para mim, eu convido os prosaicos senhores e as amabilíssimas senhoras, com a devida acuidade, a não ser que vá acontecer algo desagradável àqueles que temem entediar-se com uma situação, em que digamos assim, um tanto insólita, e que paulatinamente serão cúmplices da desintegração de um homem. Não o homem, mas o físico do homem. Pois sim, que minha moral e espírito de altivez encontram-se em elevadíssimo grau de consciência e autoestima. Eu estou bem e muito bem. Especialmente eu peço a

atenção dos senhores médicos, porque estes sim podem tirar proveitos experimentais muito úteis desses transplantes.

Agora falemos um pouco de mim. Com exceção de agora, eu nunca que houvera obtido sucesso em nada. Fiquei não digo velho, insensato, mas um homem maduro e tonto. Aqui estou eu, prostrado neste leito de hospital. Tenho o aspecto de uma pessoa saudável e alegre, entretanto**,** na realidade estou sentindo vontade de dar um urro com toda a força dos meus pulmões. Arrancar todos estes tubos de hemoglobinas, soro, sangue e jogar pela janela, pular da cama e socar o primeiro que topar pelo corredor. Mas deixemos isto pra lá. Nada disso importa. O que vale é o bem estar de minha família querida. Vamos dar continuidade ao assunto.

Minha mulher, a Ângela... Ops, que lapso!... Ia me esquecendo de dizer o nome dela para os senhores, mas é este o seu nome, Ângela. Ela não sabe, mas meus filhos estão querendo fazer-lhes uma surpresa, para antes da compra do carro. Eles ouviram falar que estão comprando pele para operações plásticas em queimados, e até mesmo para aqueles que não se sentem muito bem com a beleza que tem. Então eles já estão vendo as condições para, no seu aniversário, presentearem a mãe com uma viagem a Bariloche, Pois este é seu sonho de criança: fazer um boneco de neve. Então eu falei para eles não deixassem sua mãe privada desta vontade. Agora eles estão se empenhando em achar comprador para o couro da minha bunda.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.5 https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

Pedro Alexandre de Sousa Veríssimo
Balneário Camboriú/SC

Um Tributo a Miguel Torga

Falta ainda cantar a Filantropia!

Falta ainda cantar a Bondade
Para o povo perceber que com ela a felicidade
Tem muito mais valor que o dinheiro
E que com este a sociedade fica mais cega dos ouvidos
E compreendida como muda.
No ar da noite há o sereno.
Dentro do sereno há a solidão.

"Falta ainda cantar a Filantropia!": tal frase fora proferida no dia em q um embevecido gajo de nome João
Chegou à escola melancólico, após ter chorado um foguete de lágrimas,
E o vocábulo **esperança** chegou junto com ele.
João entrou em sua sala de aula e a professora e os alunos, ao verem em seu semblante faces de pessoas aspérrimas
– Pessoas recheadas de riqueza suína
E olhos repolhudos com total adrenalina –,

Não perceberam o que se passava nele.
"Por que estás com esse semblante, querido?", perguntou a professora a João;
"Professora, é porque não consigo apanhar o vocábulo **esperança**", mas, após tais palavras proferir com precisão,
Deu um forte pulo e apanhou a letra P; em seguida, deu outro pulo e apanhou o vocábulo inteiro,
Tirou-lhe as asas e as estas fugiram,
Pôs a letra P de volta ao sítio certo, enfiou o vocábulo em seu coração
E depois sentou-se à sua carteira ao seu modo modesto, rasteiro.
Nem a professora nem os alunos mais uma vez perceberam o que se passava nele, contudo, tal questão eles não exprimiram.

"Pronto, crianças, vamos estudar? Mas, para isso, ninguém pode conversar!", perguntou a professora, mas antes de todos poderem dizer que "sim",
As asas da **esperança** voltaram à sala e ficaram a voar, rondando a cabeça do gajo, que as matou.
Após o fazer, o remorso bateu o espírito de João, o que deixou demasiado agitado
Na iminência de desobedecer à professora e conversar com os colegas Arquíloco, Luís de Camões, Homero,
Anacreonte, Semónides, etc., a professora ficar aborrecida, pôr todos no castigo + inusitado.
Quinze minutos depois, quando o clima do ambiente ficara mais ameno…
"Chega, professora, eu quero sair do castigo, tira-me daqui já!", exclamou João, bem alto;
"João, só deixo-te sair se falares comigo calmamente", respondeu a professora. Ele a obedeceu e falou calmamente assim:
"Por favor, professora, eu poderia sair, pois que já estou demasiado cansado de cá estar"
"Agora podes, podes, sim, ir ao recreio, mas carregarás eternamente o remorso de um dia
Teres matado as asas da esperança" – respondeu a professora, liberando, pois, os alunos e, assim, foram todos felizes para sempre,
Exceto aquele que a esperança assassinou.
No ar da noite há o sereno.
Dentro do sereno há a solidão. Fim.

Pedro Dantas
São Paulo/SP

Siroco

Escuta!
Que será?

É uma jura secreta?
Escuta!

As ilusões de um velho trovador?
A erosão de um amor barroco?

Ei, psiu!
Escuta...

Eu sei o que alguém me disse,
à sombra do arvoredo

Eternamente,
e pela enésima vez

Soprou então o siroco...
Que será?!

Alguém me disse
à sombra do arvoredo

Que a felicidade
é infeliz...

https://www.wattpad.com/user/PedroDantas1995

Pedro Guerra Demingos

Porto Alegre/RS

Temporal

Quem dera houvesse tempo,
tempo para não haver tempo,
tempo de somente perceber,
tempo de semente poesia.

Há suspiros que tomam
todo o tempo do mundo
mas o mundo não dá
um segundo sequer.

Se o tempo parasse
tal sonho no ápice
se nasce a manhã,
se o tempo crescesse,
se o tempo morresse,
se a hora não vã.

Se o tempo fizesse chover
na rua que leva à rotina,
se o tempo fizesse parar
no bar do outro lado da rua,
se o tempo fizesse chover
e alagasse a rua de cima,
se o tempo fizesse chorar
vazio de mil noites sem lua.

Se o tempo não fosse
todo atemporal,
se o tempo chovesse
das flores no chão.

Se tudo no mundo coubesse
no tempo e na palma da mão,
se o passo do tempo soubesse
do tempo do meu coração.

instagram: @pgdemingos

Rafael Moreira ou Viajante Lírico
Campo Grande/RJ

Viva hoje

E a vida acontece
assim, de repente,
Com momentos felizes e tristes
Que nos tornam experientes
Como aquela fase de dor e angústia
Que sem avisar te entristeceu
Pois a felicidade sorri
apenas para aquele que um dia sofreu
E não deixou de viver em nenhum momento
Mesmo apesar de tempos difíceis
Que fogem do nosso entendimento
A vida é um presente
Mas não é apenas sonho, é atitude
Desfruta desse presente
Quem busca a plenitude
Então aproveite seu dia por completo
Transborde - se de coisas boas
Para fugir de um caminho deserto
A vida gosta de quem gosta de viver
Então levanta, sacode a poeira
E faça a tristeza desaparecer
Faça do hoje o melhor presente
Que já recebeu
Pois triste foi quem só existiu
E nesse curto tempo não viveu.

Raquel Zepka

Porto Alegre/RS

Jaula

Chega perto e silencioso
Vou te revelar um segredo

Tenho um tigre que nasce do coração
Exuberante e indomável

Guardo esse monstruoso felino,
alimento e o levo pra passear à noite
enquanto as crianças do bairro dormem
e sonham em technicolor
com aventuras e cobertura de chocolate

Quando subi as escadas e te olhei,
quase que o deixo escapar

Você não teria coragem
de deixar um tigre correr
na pequena sala de leitura

Vou abrir a janela
pegar o jornal e encerrar
meu gigante animal
no armário

É melhor que fique assim
para que não perturbe a vizinhança

E se em algum momento
você pensa que eu devo contratar
um adestrador
é porque você não entende nada de tigres
nem da necessidade de subverter a ordem dos livros

www.instragam.com/raquelzepka

Renata de Lima
Santo André/SP

Cuidado, Frágil!

Era uma noite de sábado. O jantar quase pronto ao forno, alastrava o aroma de especiarias pela casa. Os pratos estavam empilhados no armário e disputavam entre si quem era o favorito da mulher. O de plástico cor-de-rosa disse:

- Eu posso não ser de vidro, mas estou presente em todos os cafés da manhã. – Os demais pratos de plástico, já velhinhos e riscados, aplaudiram e assobiaram aos pulos.

- Ah, limite-se à sua insignificância, meu bem. – disse o elegante prato verde de porcelana e com detalhes em relevo na borda. – Claramente eu sou o favorito dela, já que sou escolhido nas melhores refeições – risotos, camarões e lasanhas; enquanto vocês só veem o café com leite aguado e o pão amanhecido. Para mim ela se perfuma e penteia os cabelos. Para vocês, o que resta é o bafo matinal.

Amuados, os pratos de plástico não tinham argumentos. O outro tinha razão.

A mulher veio ao armário e escolheu o prato de porcelana. Ele se pavoneou todo e se pôs a gargalhar. Em um escorregão, a mulher se desequilibrou e o belo prato escorregou de suas mãos. A porcelana se espatifou em dezenas de pedaços. A soberba precedeu sua queda.

Renata Kelly Sousa de Almeida

Belém/PA

Você já estava aqui

Inesperadamente aconteceu.
Mesmo sem existir
você já estava aqui.
Foi em uma noite chuvosa
na oração de uma fiel
que sempre inclinada ao céu,
pedia ao papai do céu para ter
a honra de conceder você para mim.
E com os olhos lacrimejantes,
ela acreditou naquela oração.
Matematicamente, o mais com mais tornou positivo.
Obrigada meu Deus!
Por esta nova visita que
daqui a alguns meses,
vamos tirar a prova dos nove,
para receber um menino ou uma menina.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/renataalmeida37

Renato Soares de Lima

Porto Alegre/RS

Terapia

Nunca havia pertencido, realmente, àquele local. Era o passageiro de um ônibus interurbano cruzando as ruas de uma cidade intermediária: um estranho. Naquele dia, estava mais triste, pois discutira asperamente com seu colega de serviço. Ele o acusara de ser um alienado, nunca enfrentando as dificuldades, negando-se a analisar a vida que levava. Por isto, na tentativa de melhorar o ânimo, resolveu ir caminhando para casa, através do parque.

Segunda, fui ao consultório. Na véspera, estava ansiado e um pouco deprimido. Naquele momento, no entanto, já não sabia precisar com tanta exatidão como se situavam minhas emoções. À tarde, continuei me sentindo esmorecido. Chorei ao ver um filme sobre um garoto e seu cachorro (morte, crianças, animais, eram temas quase insuportáveis). Junto, a decepção ao notar que não superara, ainda, após abandonar a medicação, minha inquietude e tristeza. Descontentamento ao redimensionar meu nível de angústia e, também, por perceber que a melancolia continuava por baixo de meus sentimentos. Ou era o reconhecimento da falsidade de meu discurso, no qual propunha maior indulgência em minhas cobranças?

No interior do parque, percebeu uma luminosidade. Aproximando-se notou que era uma ótica com uma fachada antiga. Entrou e foi recepcionado por um senhor grisalho que imediatamente lhe trouxe uma caixa de madeira delicadamente entalhada. Em seu interior, vários modelos de óculos com lentes coloridas.

É sutil a distância entre o sofrimento que provoca o ato de crescer e o que nos destrói... Muitas vezes, uma pequena pílula é a marca desta divisa, ou será o fato de não conseguir aquietar meu corpo e minha mente dentro das paredes de minha casa? Um comprimido incorporou-se à minha personalidade? Sou uma rede de neurotransmissores, de traumas, de gozo, de lembranças trabalhadas em meu proveito, invenções sobre os fatos vividos... realmente foi daquele jeito ou a minha memória recriou? O quanto transformamos a vida em algo palatável? Animais tranquilos ao sol ou uma mente em processo acelerado na procura de angústias e alegrias? Enquanto isso, minhas pernas me levam pelas ruas, buscando o refúgio do cansaço, ocupando minha mente com as imagens do cotidiano... em seguida, voltar a sonhar com minha casa, sabendo que, lá

chegando, as paredes irão me sufocar... Sinto-me um ser ao desabrigo, todos os lugares são igualmente inadequados... todo lugar é nenhum...

Era como se estivesse encostado naquele poste durante horas. Pessoas transitavam rapidamente, não lhe direcionando qualquer olhar curioso. Enxugou o suor da testa e, com a caixa firmemente posicionada ao encontro do corpo, rumou para a pensão.

Até onde se permitir o sofrimento como elemento de crescimento? Minha mulher não chora há muito tempo, concluindo que a medicação lhe bloqueou as lágrimas na vertente da dor. Isto lhe é estranho. Qual a dose para atingir a normalidade? Qual permite meus olhos umedecidos? O quanto perdemos para conter a irritação ou limitar a ansiedade? Qual a prescrição? Ou devo encarar como um período de trégua? Mereço a fuga da alienação ou tenho que ser forte e crescer na adversidade? O que é ser normal?

O primeiro que experimentou foram os de lentes azuis. Voltou a sentir-se seguro. As dúvidas se dirimiram ao perceber que as escolhas se tornavam simples, apenas com a sutil mudança de um determinado ponto de vista. O momento era a sua realidade, a mente despreocupada com o futuro. Interagiu com os companheiros de trabalho, nenhum atrito. Ao voltar para casa, lembrou-se do aviso: "depois de usá-los, nunca poderá interromper o processo".

Continuo meu mergulho sob a dor da vida. Quando irei emergir e tentar respirar o ar impuro, sem o filtro dos remédios? O medo dos dias sem a garantia da supressão do sofrimento insuportável. E como isto vai se depositando de maneira seca em minha mente, sem a lavagem natural das lágrimas, sem a reflexão das noites mal dormidas, dos dias meditabundos, quando as dúvidas nos acercam, nos perguntam, e nos respondem...

Os amarelos trouxeram as melhores lembranças de sua terra natal. Reviu a si próprio sentado, ao lado da mãe, apreciando o final de tarde. Foi até a beira do rio onde avistou revoadas de pássaros procurando o pouso noturno. Memórias esquecidas e que, no entanto, preenchiam suas recordações com tintas carinhosas. As imagens negativas de seu passado ficaram em um segundo plano. Neste dia, a dona da pensão, em um gesto não costumeiro, convidou-o para jantar com sua família. Uma refeição no aconchego de um lar...

Qual a porção que amenizará esta mistura de angústia e tristeza, ao mesmo tempo em que impeça uma alegria despropositada? E a fórmula, quando alcançada, terá que permitir espaço para a dúvida, para a dor, para a reflexão... e não a esta cascata de ideias que rolam em meus pensamentos. Sentir-me

novamente no controle ou assumir literalmente minha condição de minúscula e transitória partícula vagando pelo universo?

Os verdes transformaram o dia em poesia. Até mesmo, ao avistar um atropelamento, manteve-se calmo. Não virou o rosto em outra direção, como faria habitualmente, para fugir à tensão da cena. Era apenas uma personalidade assumindo sua finitude, o cérebro no descanso derradeiro. As transformações não cessaram de se mostrar durante o transcorrer das horas, o eterno renascer, o carrinho com o bebê sonolento, o beijo de um casal de namorados, o vento trazendo e levando realidades em sua trajetória sem rumo...

Acordei com aquela sensação de desconforto, agitado, vontade de sair logo da cama e caminhar sem destino. Tomei a pílula e, daqui a pouco, sei que estarei "bem". Comparo-me com minha esposa que precisa tomar remédios para seu sistema cardiológico, enquanto preciso ingerir medicamentos neuropsicológicos. Tenho que reconhecer minha enorme resistência a esta necessidade. Uma preservação tão grande de minha antiga personalidade, a de que sou capaz de tudo resolver? Uma condenação a um sentimento de covardia: "fugindo da realidade através do artifício de uma drágea"?

No dia seguinte, discutiu novamente com o colega no escritório. Ao retornar para sua hospedagem, resmungou contra os pedestres que o abalroavam. Os automóveis pareciam dirigir-se furiosos em sua direção. Os pensamentos lhe traziam dor, aflições... A dúvida sobre o limite daquele martírio, ciente de que havia uma saída rápida, uma porta que ultrapassada não permitiria o retorno. Um conhecimento que, inexplicavelmente, lhe trazia certo conforto, pois, traçava em sua geografia conturbada, um local onde encontraria a paz tão desejada.

De noite, estamos no quarto de minha filha: eu, ela e minha esposa. Todos muito cansados, mas a conversa é amena e gostosa. Faço uma panorâmica das fotos penduradas nas paredes, imagens feitas antes dela completar dez anos: sentada na mesa, na casa da avó (cinco anos?), repleta de graça, pernas cruzadas e um sorriso radiante. A cena me produz uma angústia fina misturada com uma ponta de tristeza. É a lembrança do sofrimento que experimentei, quando de minha crise, de morrer e deixar tanto afeto por ser usufruído. Tempos depois, vislumbraria a alternativa de este sentimento ficar em posse das pessoas que tanto amo... serão mensageiras da minha ternura.

O policial entrou no quarto e logo percebeu o frasco de comprimidos, vazio, jogado ao chão. A dona da pensão informou que, durante aquela manhã, ele estava muito nervoso. Aquilo contrastava com os dias anteriores em que se

comportara de modo bem tranquilo. Explicou o que parecia ser o motivo daquela angústia: ele não conseguia encontrar a chave para abrir uma caixa de madeira.

Enquanto o inspetor anotava tudo, ela apontou, surpreendida, para os olhos dilatados do suicida. O agente não deu maior importância, pois já tinha visto muitos em estado semelhante.

Hoje, completou um ano desde a morte de meu sogro. Minha mulher pediu para que fosse rezada uma missa. Sinto, ainda, um sentimento de perda muito forte em relação a ele. Um sabor de traição: tantos anos de cuidados domiciliares terminando naquela solitária cama de uma clínica. Só, sem a presença diária de nossos afetos. Creio que, decorrido um bom tempo, possa ir resgatando toda a bagagem que me deixou. Compreender e também partilhar sua imensa capacidade de usufruir o cotidiano, percebendo os mínimos significados em cada objeto, os quais o conectavam ao cerne da vida.

Desconfio que eu não estivesse submerso, mas visitando o velho porão. A instabilidade nos leva a fazer rearranjos, lançar novos olhares, abandonarmos espaços que ocupamos indevidamente... deixar que entre um pouco mais de luz para que possamos dimensionar nossa própria sombra.

Deposito meus óculos de leitura sobre a revista que ficou aberta exatamente na página sobre aquele estranho conto. Permito-me um sorriso: minhas lentes são simples, normais. Abro a porta e penetro na claridade da rua. Na esquina, minha família me aguarda.

Rogério Costa
Cornélio Procópio/PR

Post mortem

Hoje não estou mais aqui
Já não mais existo, já não sou
Mas se você olhar ao redor,
Na obscuridade interrompida por um simples raio de sol
Que entra pela fresta da porta que eu deixei aberta ao sair,
Minhas cinzas ainda estão pairando no ar
A procura de um lugar para repousar
Quase sem movimento,
Cintilando no vai e vem do seu alento
Ao abrir a janela, ao sabor do vento
Elas vão se esgueirar por outros campos
E, um dia, estarei renascendo em outra seara
Então esqueça as mágoas, a dor que não sara
Como uma criança, guarde de mim as melhores lembranças,
Meu cheiro, meu sorriso ligeiro,
Meu olhar cheio de esperança.

Roque Aloisio Weschenfelder

Santa Rosa/RS

Jugo da Arte

Era uma vez um poeta pintor com seus versos impressos com tinta numa tela.

Não, não estou trazendo uma história de final feliz, começando com era uma vez. Trago olhos abertos para a cena da vida onde a criança é artista natural e o adulto escreve poesia que tenta publicar em livro, mas só ganhará parabéns dos amigos e ninguém adquire a obra.

Arte e sorte, as duas com R terminando a primeira sílaba, são o momento. Tendo sorte, o artista ganha a mídia e o apreço do público. Sem a sorte, a arte vai à busca de um norte dado por algum interessado, seja diretor teatral, de editora, seja patrocinador de evento, de edição, seja promotor de festival, de feira, ou seja, um momento qualquer de promoção.

Lá vem o cronista trazer à tona seu texto num site, lá vem o músico tocar em praça pública, o repentista trovar numa estação de rádio. Ali, logo adiante, tem um teatro de entidade em que se apresenta o grupo de uma escola, dirigido por professora voluntária, crente na força da melhora do mundo pela arte. Já é tempo de nascer o pintor do sete na calçada em frente à casa de um grande poeta do passado. Ainda resta a esperança de que sétima arte volte ao brilho de tempos passados.

De repente, uma flor na lapela. Só pode ser um doente mental, ou um ator de teatro. Subitamente, um convite para um lançamento de livro, mas quem disse que fulano é escritor?

A arte não prescinde de recursos. Para ela, chamada integrante da cultura, os governos destinam migalhas. É que não sabem que a arte cura com muito mais eficiência do que todos os remédios dados aos doentes, todos os gastos com tratamentos hospitalares. Faltam casas de espetáculos e sobram postos de saúde. Faltam incentivos para incluir no orçamento familiar a compra de livros, de quadros pintados, de entradas para teatro e cinema, de ingressos para

apresentações musicais – shows, dizemos para pensarmos americanamente – e enriquecemos as multinacionais das drogas chamadas remédios.

De uma hora para a outra nasceu o vale-cultura, mas parece que dorme o sono dos mil anos, igual à Bela Adormecida. Alardes, meros alardes e pouco ou nada acontece em prol de quem poderia viver de música, de poesia, de pintura, de encenação...

Os sonhos são sempre uma arte da mente dormente.

A arte está nas crianças pequenas e é amortecida, aos poucos, pelas regras sociais de que a escola se encarrega com o nome educação, mesmo que se saiba que educar é uma arte de que muito menos pessoas, do que se presume, entendem direito. O aluno artista vira um palhaço que, a toda hora, é incriminado. Os palhaços são aqueles que ainda não entenderam que a arte é que salva o ser humano da depressão a que as muitas obrigações o levam. Por falta da arte na vida, o ser humano vira ganancioso e mata o próprio filho – Bernardo – rouba o dinheiro público – Lava Jato – até desvia a pouca verba destinada à cultura.

Arte, não aquela de roubar a cena, superfaturar construções governamentais, mas toda a demonstração diferente dos muitos padrões impostos ao ser humano, esta arte sofre. Por causa disso, poucos conseguem escapar da neurose de ter dinheiro, dinheiro, seja em decorrência do sofrimento de quem que seja. Quando a arte receber o devido respeito das autoridades, estas precisarão ser em número muito menor, pois os escritores se organizam, os pintores se associam, as companhias de teatro se programam, o cinema se esquematiza. Todos os tipos de arte apenas querem melhorar o mundo, e a própria educação ocorre por intermédio das artes. Muita matemática, ciências todas, linguagens as mais variadas tudo pode ser ensinado pela arte.

Ao artista cabe apenas ser ator, atriz, escritor, poeta, pintor, desenhista, escultor e ter-se-á professor, cientista, construtor, advogado, médico e toda profissão necessária para mulheres e homens serem mais humanos.

Criem-se mais casas de espetáculos e será desnecessário construir mais presídios e manicômios.

Em vez de "o pão nosso de cada dia dai-nos hoje" reze-se: "A Arte nossa de cada dia permita-nos sempre" e o mundo será menos cruel e mais pitoresco.

Livrai-nos de todo mal, ou Ensinai-nos com toda a Arte?

www.facebook.com/roquealoisio.weschenfelder

Rosa Acassia Luizari

Rio Claro/SP

Segredos

Misterioso era aquele homem que vi hoje orando em desespero como quem se veste de religiosidade. O cenário pouco figurativo colocava-o a pedir consolo diante da imagem de Cristo. Apressei meus passos na direção do homem envolto em silêncio na conversa íntima em confessionário, a transpor, em oratória solo, as mais atormentadoras atribulações. Algumas lágrimas caracterizaram o semblante de olhar melancólico. Torci que balbuciasse algumas palavras de desabafo para dominar o assunto que o afligia, mas tudo em vão. Imperava o desejo ardente de ser salvo. Com fervor, apresentava a Deus, em ato de entrega plena, a própria vida.

Apaixonei-me de imediato. Impressionara-me a atitude de humildade daquele homem diante da imagem de Cristo na igreja. Por que provações estaria passando? Fiz uso da curiosidade inerente às mulheres e tentei, com a suavidade própria de quem quer descobrir algo, interrogá-lo a respeito de assunto qualquer, apenas para efetivar a necessária aproximação. Observei que um papel cheio de amarguras delineadas à tinta preta figurava em suas mãos. O que estava escrito eu não contarei, mas foram anos de sacrifício por um amor não correspondido.

Por meio de artimanhas femininas que os homens desconhecem, fiz as vezes de alguém íntimo e descobri que havia se dedicado a uma mulher que fazia pouco de seu amor pelo fato de ter no coração um outro alguém que nunca deixou de estar ali. Evidentemente, tocamos no assunto fora dos muros da religiosidade formal. O lugar reservado para conversas com o Senhor Deus não pode ser espaço de assuntos do mundo, ainda que nada houvesse de pecaminoso em nosso diálogo.

Após um tempo de contato diário, passamos a frequentar os mesmos lugares e trocamos segredos deveras guardados na alma. Finalmente, eu soube o que, de fato, envolvia aquele amor do passado. Prometi a meu amado jamais compartilhar tais segredos com quem quer que fosse, nem mesmo com meu público leitor. Desde já peço desculpas, mas o que se promete a um grande amor é palavra que não precisa de assinatura. Renato contou-me toda a sua vida e a confiança é ouro que não se dispõe.

Um ano depois, lá estava eu a depositar flores no altar da mesma igreja onde nos conhecemos. Fiz uma oração de agradecimento a Deus por ter me permitido conhecer aquele homem que passou a dar sentido à minha vida. Dediquei as flores a Nosso Senhor Jesus Cristo e a meu amado. Há seis meses, estava em sublime repouso desencadeado por algumas microgramas de ricina que comprara em segredo.

https://rosaluizari.wixsite.com/meusite

Rosana Rodriguez
Saquarema/RJ

Despedida

A vida é um sopro dentro de um cilindro que se chama corpo.
É um brilhar pequeno fora do seu lugar; que é uma grande constelação.
Ela se foi, pois seu brilho não cabia mais naquele corpo. Seu brilhar já ansiava pela constelação que estava desfalcada sem ela.
O egoísmo humano nos impede de ver o melhor para tais estrelas que fazem constelações serem belas e acalentadoras.
O corpo se vai, mas todos os ensinamentos, a maneira bela de se ver a vida, a coragem de viver, ficam. E sorrateiramente você descobre que agora ela já não está mais aqui no seu corpo físico, mas vai ficar pra sempre em suas memórias de felicidade e de exemplo e vai ficar pra sempre na grande constelação admirando seus ensinamentos.
E o que te faz prosseguir é a crença de que ela não deixou de existir e sim completou seu ciclo de energia aqui com tanto êxito, que foi chamada o quanto antes a brilhar num palco maior, que é a constelação.
E Saudades é isso mesmo...eterniza lindos momentos de felicidades.

Rosangela Maluf

Belo Horizonte/MG

Um Carimbo

A população de Feijãozinho estava chegando ao seu limite.

Cem dias de pandemia. Cem dias de aflição. Cem dias se contendo: hoje não sai, só amanhã; amanhã sai mais depois de amanhã não pode mais. Ir ao boteco "tem tudo" do seu Quinzinho pode, mas só pra comprar no armazém e algum remédio na farmácia. O bar continua fechado: nada de pastel, empadinha ou caldo de cana. A pequena padaria agora só vende pão de forma, industrializado, nada de pãozinho artesanal nem pão de queijo. Que porcaria!

Serviços essenciais podem abrir: a única farmácia, o único postinho de saúde, a única padaria-lanchonete e o único barbeiro que abre mesmo sem poder:

— Quem é que vai me multar, quero ver? diz seu Manoelito.

Guarda Municipal, não tem. Auxiliares do trânsito, também não. Cadeia, não tem. Igreja também não, mas tem a capela de Nossa Senhora Aparecida. Escola só o ensino fundamental que funciona no casarão, em frente à capela. Ao lado do boteco do seu Quinzinho fica a farmacinha, assim chamada porque na verdade, não tem quase nada mesmo.

O que se passa em Feijãozinho é *sui generis*: com pouco mais de mil habitantes a cidade pertence a Feijões, um pequeno município, a 16 quilômetros de distância. O prefeito de Feijões tem um irmão que trabalhou como soldado da PM, na capital. Entretanto, por ser um grande causador de confusões, o ex-soldado foi morar em Feijões a convite do irmão prefeito.

Mas como arrumar alguma coisa para o ex soldado? O prefeito teve uma brilhante ideia, promovê-lo a supervisor da vila de Feijãozinho. Supervisor de uma vila? Isso existe? Não. E o que ele deveria fazer? Nada. Alugou uma casinha, levou o cachorro, a vara de pescar, mobília pouca, um tapete arraiolo, presente da mãe e assim, já instalado, foi pouco a pouco ganhando a simpatia do povoado mesmo daqueles mais revoltados que não aceitavam tamanho abuso com o dinheiro público. Era gente boa, o sujeito!

Quando a pandemia se instalou pra valer na capital, Feijãozinho não havia ainda registrado nenhum caso da Covid 19. Encontravam-se no terceiro mês de

cuidados especiais, distanciamento, higiene rigorosa e total atenção aos primeiros sintomas de qualquer gripezinha. (Ah, o senhor presidente...)

— O governador vai pra TV e fala uma coisa; aí vem o prefeito e fala outra. A gente fica sabendo que o presidente falou outra coisa, mais grave e ainda pior; se eles não se entendem, o que será de nós?

Foi num domingo, pela manhã, que tudo aconteceu. Com o Postinho fechado, ao terceiro espirro do seu Quinzinho, o seu filho correu com ele até Feijões. Lá foi internado, mas no final da tarde havia piorado tanto, que fora levado, às pressas, para a capital. Diziam que era caso de UTI, respiração artificial e etc.

A vila inteira se perguntava, como assim? Se nenhum estranho chegara para os finais de semana nas cachoeiras; se tudo nas cidades vizinhas encontrava-se parado e fechado: ninguém entrava nem saía da região; se os canais de TV a toda hora mostravam o cuidado rigoroso, já que o número crescente de mortos era assustador. Como o seu Quinzinho se contaminara ? O fato é que as notícias não eram nada boas.

Segunda feira, nenhuma novidade...

Terça feira, nada de notícias...

Quarta feira: e o seu Quinzinho?

Quinta feira: sabe quem faleceu?

Foi uma imensa tristeza. Os preparativos cuidadosos para o velório limitado; apenas três horas entre a chegada do corpo e o enterro. Pessoas da família e os mais chegados. De longe. Com máscaras. Sem abraços de pêsames. Com todas as orientações de higiene. Álcool em gel. O mais rápido possível. E o irmão do prefeito atuando, ajudando, orientando, usando máscara & luvas - *comme Il faut* ! E o seu Quinzinho foi o 12º defunto a ser enterrado no pequeno cemitério, nos fundos da capela. E a primeira vítima do tal vírus novo. Como não havia sinos, o silêncio foi ainda maior.

Duas semanas se passaram. Dois outros casos da doença foram confirmados, mas nenhum óbito. As pessoas se internavam, passavam quatro/cinco dias no hospital de Feijões e voltavam pra cassa. O irmão do prefeito anunciava: -- Estamos com sorte. Vamos continuar em casa e usar máscara toda vez que precisarmos sair. E não se esqueçam do álcool em gel pra tudo, pra tudo mesmo!

Sentado em frente à sua casa, observando o escasso vai e vem das pessoas, o irmão do prefeito viu um grupinho de três moleques, andando de bicicleta – sem máscaras! Ao dar um pulo até o armazém para comprar pó de café, viu também duas comadres conversando na porta, sem máscaras. Nos dois casos, chamou a

atenção dos pequenos grupos e sugeriu a proteção, para preservar a própria saúde e a do outro. Os carros que passavam raramente traziam motoristas usando máscaras, mesmo com outras pessoas no carro.

Estarrecido, constatou no final de semana, oito novos casos da doença avassaladora, ou seja, o vírus chegara mesmo à vila! E até dona Lígia do pastel chegara a óbito! Mais uma morte. Tristeza. Muita tristeza.

Cutucando os dentes com um capinzinho colhido ali mesmo, no canteiro da pracinha, o irmão do prefeito teve uma ideia. Voltou pra casa, tomou banho, trocou de roupa, pegou sua moto e foi ver o irmão.

—Tive uma ideia, ele disse. Já sei como resolver o problema da falta de juízo de quem não se preocupa com a própria saúde nem com a saúde dos outros. Escuta só: vamos mandar fazer um carimbo. Uma caveira. E vamos encomendar tinta preta, daquelas que não saem de jeito nenhum. Todo cidadão que for apanhado sem usar máscara, jogando futebol ou reunido em grupinho vai ser chamado pra uma conversa. Dessa conversa ele vai sair com um carimbo no braço. Quando ele adoecer, ficar mal e tiver que ir para o hospital, não vai ser atendido...pronto, quero ver. Não vai ser atendido porque quando devia se cuidar, não se cuidou. Quando deveria ter pensado nos outros, não pensou. Na hora de ocupar um leito no hospital é justo que o leito não seja pra ele. Me diga, é ou não é? Os médicos vão olhar o carimbo, vão dizer: esse cara não colaborou. Coloque ele lá fora. Que o sujeito espere com toda calma a sua vez, né não?

O prefeito respirou fundo, fechou o computador, consertou as calças no corpo e colocando a mão nos ombros do irmão, convidou-o a ir tomar um café!

Rosangela Mariano
São Leopoldo/RS

Embriaguez poética

(À Poetisa Cora Coralina)

Bebi
o néctar
de tuas
palavras...
Embriaguei-me,
poetisa!
E,
na minha loucura,
espalhei
versos
e
rimas
em
tua
lembrança...

Blog: http://lunaraescritora.blogspot.com

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Vila Velha/ES

Cenário De Vila Velha – ES

(Poesia Sobre Vila Velha, município brasileiro do Estado do Espírito Santo. Poesia Região Sudeste.)

Vejam os rastros de Vasco Fernandes Coutinho,
sua caravela atracou na Enseada da Prainha!
Histórico 23 de maio de 1535!
Ouçam os gritos dos aborígines Goitacás
defendendo seu habitat.
Delineiem com os olhos os contornos deste litoral,
desenhando o mapa deste município.
Praias belíssimas, a começar pela Praia da Costa.
Sintam o sol que saúda o vizinho,
a capital espírito-santense:
Vitória, uma ilha majestosa!
O céu capixaba contempla
a Segunda e a Terceira pontes e a Florentino Avidos,
unindo estas duas cidades, levando-as ao progresso!
Passeiem pela cultura vilavelhense:
Homero Massena, um pintor extraordinário!
Bandas de congo, no bairro Barra do Jucu!
Um cheirinho adocicado paira no ar:
é a fábrica de chocolates Garoto!
Testemunhas silenciosas da chegada do donatário:
Morro do Moreno e Morro do Penedo!
No primeiro, das suas costas sobrevoam os albatrozes
e os esportistas praticam o salto de voo livre.
Asas-deltas encerram este cenário,
acenando para as ondas
que se curvam diante de VILA VELHA,
beijando um dos solos mais encantadores,
do Estado do Espírito Santo!

Esta poesia faz parte do livro:
• Livro "EU Poético" - Editora CBJE - Rio de Janeiro - Brasil - Agosto/ 2007 - Autora – Rosimeire Leal da Motta Piredda.

Ruan Mattos

São Paulo/SP

Abismo

O baile do colégio tinha muitas pessoas. Esses eventos sociais, na adolescência, trazem aos jovens tamanha admiração. É fato que a adolescência é uma grande mentira. O pátio estava enfeitado com bandeiras coloridas. No meio, havia uma extensa mesa com pano branco. Em cima da mesa, uma enorme tigela com frutas. Ao lado desta, bebidas das variadas formas. Refrigerante, sucos… Muitos aperitivos. A comida não era o principal da festa. A música altíssima anunciava o que, de fato, seria memorável: a dança.

O rapaz chegou tímido. Não queria, na verdade, ir para aquela festa. Obrigações sociais são, realmente, os condutores da sociedade. A calça jeans e a camisa bem passada. Foi caminhando até a mesa. Pegou um pouco de suco de laranja. Aproximou-se dos colegas da classe. Conversavam sobre suas digníssimas acompanhantes. O jovem foi recebido com palmadas amigáveis nas costas. Depois, continuaram a conversa como se ele não existisse:

– Como eu estava dizendo rapaziada… – disse o mais alto – a minha parceira é uma gata! Se hoje não sairmos daqui namorando, eu não saio…

Os demais rapazes concordavam com "risadas sociais". Não riam por acharem graça, mas, por terem de rir. Risadas breves e que logo se dispersam no ar. O tímido rapaz também riu, porém, sua risada foi mais breve e mais grave. Logo disfarçou essa falsa risada com um gole no suco. Ele não tinha par. À menina que pretendia convidar adoentou-se, de modo que não pode ir ao baile. Estava preocupado com o ano que viria. A faculdade lhe seria período penoso. Trabalharia à tarde e, de manhã, iria estudar. Absorto em seus muitos pensamentos. Mexeram-lhe o braço e disseram:

– Qual sua parceira?! Está surdo?

– Ah sim… Bom… – quase como um susto respondeu, – A minha parceira é aquela morena ali na frente.

O jovem apontou para o meio de um grupo de meninas. Passava repentinamente a mão sobre a boca, a tapa-la. Queria esconder aquelas frases.

– Aquela ali? – perguntou o mais alto apontando para mesma menina que ele.

– Exatamente! – sentiu que os garotos estavam acreditando na mentira.

Ficou um momento de silêncio. As mãos trêmulas do rapaz se escondiam nos bolsos. Balançava continuamente o pé. Os meninos continuaram a conversa esquecendo a presença dele. Sentia aguda angústia. Quando menino imaginou que teria uma namorada no Ensino Médio. Sentiu vertigem. O projeto de si estava tão longe. Aquele era seu verdadeiro eu: rapaz feio, sozinho, e pior, mentiroso. A festa era momento conflitante.

Com um grito, o diretor anunciou o início da dança. As meninas caminharam eufóricas até seus pares. Por sorte, ninguém percebeu que ele estava sozinho. Caminhou até o meio do pátio. A água o afogava. Pessoas são água. Água que mata.

– Rapaziada, vamos dançar juntos. Todos ali no meio – o jovem alto dava ordens com seu par nos braços. Todos concordaram com o que ele dizia.

O jovem, sem saber o que fazer, andou juntos com os demais. Os meninos estavam atentos demais a seus pares. Seria um momento mágico. Não se importaram com a mentira. Seguiu-os por um tempo. Cabeça baixa. Quando o diretor começou o discurso, deixou-os. Arrastavam os garotos pelo pátio. Sorrisos intensos. Passadas calmas – ou póstumas – até a saída. Olhos sujos de uma culpa vermelha. Seus pensamentos costuraram na alma do rapaz em dor. Dor em brasa. A expectativa que lhe tinha, para aquele dia, eram as melhores possíveis. Pensou nas belas e doces danças. Não houve dança. Uma dor aguda lhe atingia no estômago. O que havia naquela noite era abismo. O maior pecado cometido pelo ser humano: criar expectativas sobre as coisas.

A noite iluminada parecia usá-lo para o próprio prazer. A cabeça era pressionada por um "não ser" fulminante. O que queria? A idealização dói. Ou melhor, a falsa idealização é, tão somente, vaidade. O que o rapaz sentia era vaidade inflamando. Seus passos em cor púrpura. A Lua seguia-o com sorriso malicioso.

"Que bobagem! Triste por não ter um par? Rirei disso no futuro…", consolava-se em esperança pobre. A bobagem é dura. Dureza tão ínfima tal qual a mordida de uma formiga.

Pensou em ir para casa. A mãe carrega em seu olhar um dizer fraterno… A fraternidade também traz culpa. Doeria, sem dúvidas. A culpa vem dos primórdios da humanidade. Mas, por algum motivo, a culpa não lhe doía tanto. Havia beleza no que ele sentia. Talvez porque, sem qualquer congratulação, seu sentimento ultrapassava o limite do "bem" e do "mal". Sua culpa não lhe

nomeava "culpado". Não havia julgamentos. Atuação é a condição para estar em sociedade. Naquele instante, não atuava. Ele não queria participar daquilo.

"A verdade é essa: minha ética é instável", pensou. O pensamento é só, assim como a verdade. A verdade escandaliza o pensamento. Ele não estava só na rua. Algumas pessoas sentadas diante de pequenas mesas redondas. A faixa luminosa anunciava: tratava-se de um restaurante. Aquelas pessoas pareciam felizes. Sentiu raiva. Mastigava-o com gosto incerto de sangue. A raiva tem gosto de sangue. Sangue ferroso e rubro.

"Vai para casa, fracassado!", gritou em silêncio para si mesmo. Na boca, cacos de vidro. A vida é vidro. Por isso, "eu-vidro" despedaçado juntou-se. Caído em abismo tão fosco, foi para casa. Ali tornou-se adulto.

Saulo Jonas Borges Costa
Itapé/BA

Conservar o solo é garantia para as futuras gerações

Para a existência das plantas no planeta Terra, foi necessário com que o solo fosse formado.

A cada ano que se passa, a população aumenta cada vez mais, aumentando assim o desejo individual de cada ser humano em se alimentar.

O solo corresponde a uma fina camada de apenas 0,00003% do raio da Terra, e mesmo sendo um tamanho ínfimo, é a base para a vida.

Para que 10 centímetros de solo seja formado, é necessário em torno de 10 mil anos, entretanto, podemos perdê-lo em questões de minutos, com atividades prejudiciais, causadas principalmente pelas atividades humanas. Portanto, cuidar do solo é zelar por um bem comum indispensável para a humanidade, é proporcionar as futuras gerações qualidade de vida.

http://lattes.cnpq.br/6561552908732678

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Silmo Prata

Rio de Janeiro/RJ

O Assalto

De repente ouviu-se um tiro e logo depois um corre-corre danado.

Mais um acabava de ser assaltado naquela lúgubre rua.

Uma jovem cambaleava em direção à multidão, com o pescoço arranhado e o rosto mais pálido do mundo. À sua volta, todos comentavam:

– Coitada, foi assaltada!

– Deve ter sido algum pivete! Outros, mais exagerados:

– Eu vi correr uns três naquela direção. Alguém completou:

– Tinha um até de escopeta.

Nisso, a jovem desmaiou e foi amparada uns cinco palmos antes de bater no chão.

Todos estavam revoltados, um baixinho de terno e gravata interveio:

– Isso não pode continuar assim, temos que dar um jeito nisso; todos pararam de falar, era impressionante a maneira de falar daquele baixinho. Ele falava como se fosse um grande valente.

– Vamos tomar uma providência! Disse ele.

– E se ninguém tiver coragem de começar, eu começarei!

Nesse momento a jovem recém assaltada veio a si e exclamou:

– Isso mesmo! Alguém tem que tomar uma providência. Acabaram de levar o meu cordão de ouro; meu anel de ouro; meu relógio foleado a ouro e meu celular com capinha dourada e... Não terminou de falar porque um rapaz de um metro e oitenta de altura e cara de mal, olhou para ela e falou:

– Você pediu para ser assaltada, numa rua como essa, se exibindo com ouro por aí. A jovem ficou pálida de novo e quase desmaiou novamente.

O baixinho já dominava a multidão, todos ouviam atentamente o seu discurso.

– Vamos nos proteger, vamos pedir segurança para a rua, vamos colocar câmeras nesta rua. A cada fala, todos apoiavam.

– Vamos então arrecadar fundos para uma nova instituição, a ELSA (Exterminadores de Ladrões S. A.)

O aplauso foi geral e o baixinho prosseguia:

– Começarei por mim, colocarei nessa maleta preta que aqui está, uma nota de cem Reais e quem quiser se associar, que faça o mesmo.

O povo parecia ter sido hipnotizado pelo baixinho que prometeu contratar os melhores seguranças, a melhor empresa de vigilância eletrônica.

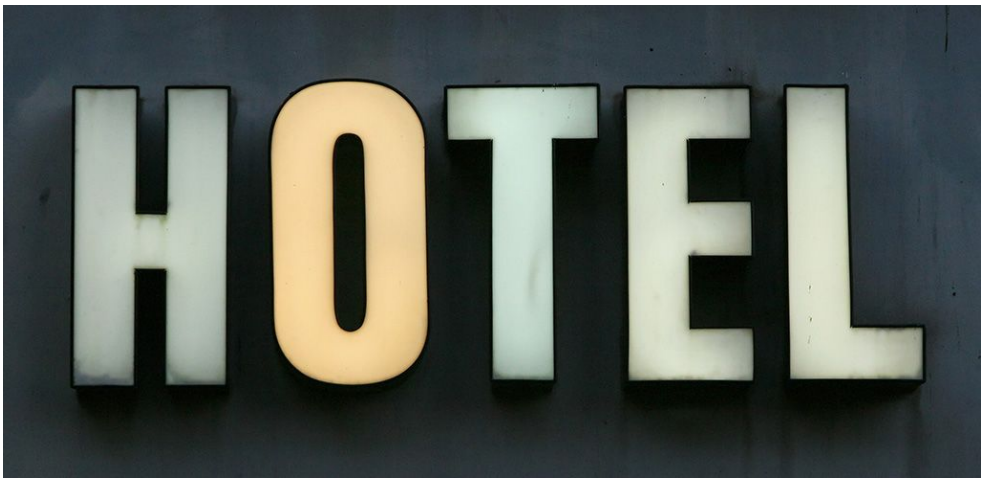
Todos colocaram a quantia que podiam, nunca menos que cinquenta Reais.

A maleta estava cheia de dinheiro, o baixinho seriamente fechou a maleta e disse:

– Abram alas que aqui vou eu!

Todos atenderam prontamente e o baixinho cinicamente desandou a correr e entrou em um carro que já o esperava pronto para sair, do outro lado da rua.

Nesse momento foi que todos perceberam o que havia acontecido, não só uma pessoa, mas uma multidão de pessoas acabava de ser assaltada naquela lúgubre rua.



Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos/SP

Hotel Bela Vista

Situado as margens do Tâmisa, o hotel Bela Vista não é exatamente luxuoso.

Confortável, oferece excelentes acomodações pelo preço da diária e tem fama de ser mal assombrado. Por quem? Por mim, cronista do The Times, dado como desaparecido durante a Guerra dos Seis Dias. Lembram-se dela? Na realidade, morri anônimo, em um dos quartos desse hotel.

Não sou um desses fantasmas que arrastam correntes e ficam pela terra a expiar os seus crimes. Não, sou um escritor, apegado à terra pela absoluta curiosidade de espiar as vidas alheias. A vida, garanto, ganha longe da ficção.

De rotina, assisto entediado as conversas fúteis dos turistas. No entanto, no último mês, aconteceram três visitas curiosas, ou pelo menos interessantes o suficiente para estimular meu desejo de voltar a escrever e colocar uma roupagem mais elegante nos dramas e comédias dessas pessoas comuns.

A primeira reserva - 1 de outubro

Ele, um homem de aproximadamente quarenta anos, aproximou-se da janela para fechar as cortinas. Por um breve instante, teve diante dos olhos a visão do rio e do Parlamento de Londres na outra margem.

Da maleta que jogou sobre a cama ele tirou o indispensável: a navalha novinha em folha.

Dirigiu-se à sala de banhos e fechou o ralo da banheira. Ligou as duas torneiras, regulou a temperatura desejada e ficou observando a água a subir. Decerto ele ouvira dizer que as artérias abrem-se mais quando mergulhadas em água morna. Olhando para cima, encontrou a imagem do fracassado que se tornara. Rascunhou um bilhete que enfiou no bolso, perdoando a esposa que o abandonara, os filhos que o ignoraram, o chefe que o demitira sumariamente, os colegas traíras que lhe viraram as costas, os amigos que imaginara ter. Deus que o abandonara.

Seis horas. O carrilhão começou a tocar. Quem já ouviu o Big Ben sabe: é um som que toca a alma.

Ele não ouvia um carrilhão desde a infância. Em sua cidade natal. Lembrou-se do perfume da mãe. Com voz alegre ela contava-lhe histórias. Como a do tocador do sino da igreja, despedido pelo novo padre por ser analfabeto. O pobre sacristão, sozinho no mundo, partiu para Londres e tornou-se milionário. Um famoso conto de Somerset Maugham, o leitor deve estar lembrado.

Ele fechou as torneiras. No espelho, o menino que ele fora um dia gargalhava.

O carrilhão tocou pelo que lhe pareceu um longo tempo.

Na manhã seguinte, ele arrumou-se, entregou na portaria um bilhete com seu último bem, uma corrente de outro e partiu, determinado a vencer.

A segunda reserva - 21 de outubro

O rapaz gostava muito de sua esposa. O sogro, no entanto, era um sujeito antiquado, que lhe rosnara ao sair da igreja:

—Olhe lá, rapaz, que eu entrego hoje a minha menina purinha, purinha, do jeito em que ela nasceu. Olhe sua responsabilidade. Juízo, moleque.

O namoro, longo, debaixo da vigilância severa da mãe dela, só aconteceu por conta do forte sentimento que ele nutria por ela.

Animada por sair de sua torre, ela mal disfarçava a pressa em deixar a festa.

A caminho do hotel, ela falava sem parar, enquanto ele ouvia.

Ao chegarem ao hotel, ele deixou-a no quarto e retirou-se discretamente para a saleta da suíte. O sogro aconselhara que ele lesse um antigo Manual de Conselhos para a Noite de Núpcias.

O livreto aconselhava os rapazes a deixarem a noiva sozinha no quarto para que ela se preparasse, que vestissem um pijama, se enfiassem completamente vestidos debaixo dos lençóis e apagassem as luzes. Para não assustar a inocente virgenzinha.

Ela chamou:
—Amor, vem logo, quero muito, muito carinho hoje.
Contendo-se, ele entrou no quarto. Encontrou o leito vazio. Pela porta aberta do banheiro ele avistou a esposa, iluminada pela luz de velas, deitada na banheira, coberta de espuma cheirosa, com duas taças de champagne nas mãos.
—Um brinde à nova vida de casados!
Ele sentou-se na borda da banheira e virou sua taça de uma só vez.
Ela convidou:
—Dizem que um seio perfeito cabe direitinho em uma taça de champagne. Quer conferir os meus?
Ele esqueceu o sogro e o manual. Mergulhou.

A terceira reserva - 31 de outubro

Paulinha entrou no quarto saltitando.
—Então isso é um hotel? Dá pra ver o rio da janela! E a torre do relógio. E o castelo. E...
No instante seguinte, ela estava a abrir todas as gavetas, umas após as outras:
—Tudo vazio.
—Pois claro, ainda não desfizemos as malas. - disse a mãe.
—Posso pular na cama? - sem esperar resposta, ela começou a pular - Upa! Upa! Que colchão gostoso.
—Oito horas de estrada - gemeu o pai - Estou cansado.
—Querida, desce da cama, vamos deixar o papai dormir. Mamãe vai deixar a banheira enchendo para você tomar um banho, enquanto...
—Banho de espuma? Como naquele comercial de sabonete?
—Sais de banho. Trouxe dois tipos, você pode escolher o cheirinho. Rosa ou jasmim?
A menina já jogava os sapatos e as meias para os lados. A mãe foi preparar o banho.
—Pedi para colocarem uma caminha extra na saleta para você, filha. - contou o pai.
—Tem graça. Essa camona dessas e eu sozinha? Quero dormir aqui, no meio de vocês. Deixa?
A mãe mexeu a boca silenciosamente, por trás dela, implorando ao marido:
—Só por uma noite, vamos deixar.

O pai capitulou. Jogou-se de costas na cama, a suspirar. A menina já estava no banheiro, desenhando carinhas risonhas no espelho embaçado pelo vapor.
—Posso pegar esses vidrinhos aqui? Para que servem?
—Esse é o sabonete, esse é para lavar os cabelos, esse é para depois do banho, para a pele ficar macia. Pode usar tudo.
—Posso pegar lencinho?
—Tudo que está aqui é para nós usarmos. Pode, sim, pegar lencinhos, mas só se precisar, certo? Quer uma coisa para brincar?
—Meus brinquedos ficaram todos em casa.
—Que tal um barquinho de papel?
—Oba, vou brincar de tempestade,
—Mamãe está cansada. Vou deitar um bocadinho. Querida, tenta ficar so cinco minutos quietinha, para o papai poder dormir.
— Cadê meu barquinho?
Finalmente, banheira cheia, e mulher ajeitou-se ao lado do marido, gozando o breve silêncio.
Silêncio repentinamente quebrado por sons estranhos e um único grito.
No banheiro alagado, os dois adultos perceberam a menina, corpo meio caído para fora, e o secador de cabelos, ligado à tomada, caído na água.

Quando os seres de Luz apareceram para levar Paulinha, um deles voltou-se para mim:
— Vem conosco?
Recusei. As altas esferas de paz, amor e sabedoria me parecem tediosas. Ainda estou fascinado pelos altos e baixos da vida humana.

http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Sinestesia

As mãos atrevidas percorrem o corpo em ardor
Um desejo lancinante, abrasador e sem temor
A íris dilatada delira em um êxtase tão delirante
Os gemidos me provocam em um tom excitante

Reajo a cada instinto em profunda sinestesia
O corpo se contorce em prazer que me arrepia
A pele ouriçada pela língua úmida, convidativa
Liberto minh'alma desejosa e mui entorpecida

O instinto prazeroso me abduz em torrentes
Os corpos suados se entrecruzam indolentes
Os sentidos se aguçam ao cheiro amortecedor

A tua presença provoca a avassaladora paixão
Torna o coração incontido em uma palpitação
Do querer sem fim, do desejo enlouquecedor

Tetsuo Takita

Rio de Janeiro/RJ

AHAM

Aham
Aham Vim pra´prender na humildade
brinks, de brincão, bicão não ! Vim pra mostrar proceder
solidariedade aos irmão.
Satisfação, té pode ser, prazer tem
mais haver. Palavra
Campo de batalha frenética, fight
Reação reaja não pára
meu baton não vai borrar
nem meu salto vai quebrar só se for na tua cara !

Vamo lacrar na luta até o sangue pará de jorrar

das manas nos becos a puta
Vencer o opressor filha da Xuxa
Temer, meu c* ! Não vô
Eles que vai se f***
Bicha burra nasce morta
Aqui é lacração dx poder,

Sistema
sistema
Sistema que não te deixa ser
fodaaa
Criando robôs sem saber ler
Nada

Só pastor de grana dos otro se pode ser,
enganamento
político bandido ou padre que paga menor
cis hétero branco ou machista estuprador
mas tenta ser mais q´isso,
camelô !

q'ele vai querer no teu lugar: Buraco quente, pneu...
te pôr

que acha que é teu lugar,
—Bichinha !

Não sou bichinha, neném
Eu sou rainha, meu bem!
Aqui lágrima não vai rolar
Já lavei a minha mágoa no mar
A dor me fez homem forte
teu tempo de bullying acabou mané !
e comigo não acabou pois é,

pq tudo vai ficar bem já disse a Pabllo Vitar
A geração Ru Paul mete bem
o pé na porta e no Ú! do velho opressor aturar,
não mais !
e nem suicidar
Não mais morrer nas tuas mãos
Não mais !
hj tamu mais forte fortalecida mesmo norte
nordeste
pós Caio
pós jornada de junho,
pós chuva pós punk pós tudo
o nosso arco-íris ferveu
é nóis por nóis mermu,
Youtube, é Grito, é glitter, é mais, é Marginow

se eu tô sobrevivendo à margem então
o meu tempo ja é
"jazzzzzzz
aqui jaz os nossos corpos iguais que desistiram de lutar
ou nem puderam ter a chance de resistência"

mas o espírito de Madame Satã não deixa descansar o deus em mim
na Apropriação da Capoeira pro meu corpancestralizar
Oriente familiar donde eu vim

onde o teatro tem tradição
do feminino exaltar
acorda vamu creditá acredita
A cor tb tá construída
é construção pra limitar a tua ação. não caia nessa não
sociedade de consumo
vigia controla pune
destruição

reconhecer meus privilégios é vital
ou se enforca... Não ! Só foca ! Então...
Ser ser exótico, bichinha poc na tua boca
pra mim não rola não, afeminada é lacração
Não somos comédias de televisão, pega a visão:
rolê do poder mona periférica ou bixa preta branca travesti pantera negra tamos aí
intéra Transviadosapatão domina situação,
Não falo das gay the Week só fecha o close no actión
Falo das mina da esquina no asfalto na pista, falo de manos no corre
monas favela kuir tamos aí
Falo de fechação, dê mais opção pra quem tem outra orientação
Pára de limitar
nosso talento é conexão tamos aí Aham Aham tamos aí !

Thamires Bonifácio
Rio de Janeiro/RJ

Joia cintilante

Banhei-me

Na umidade da terra
E senti nas suas pétalas
A minha história,
oceano escuro

Berço da joia cintilante
Solar, laranja e quente
Avessa ao "imensamente".

Banhei-me na umidade
Do silêncio das cores
Acompanhada
Do vazio das vozes altas,
Obscuras e sarcásticas

Mas continuei em silêncio,
e tive piedade.
Voltei-me para
a joia cintilante
E continuei com o
mesmo medo quando
o oceano deixou de tê-lo

E de tão límpido
que tornara
Visível eram suas cores
as aves e os dessabores.

De seu interior,
brilham
Sombras bem rápidas
que ágeis caminham,
como pensamento.

Vagner Pereira

Barra Mansa/RJ

Porque Escrevo Ficção?

Uso o cotidiano selvagem para dar asas à minha imaginação,
Tão gostoso voar sobre a mortal mazela da realidade.
Não existe fonte mais inspiradora que a vida real,
Uma vez mergulhado nela, adentro impetuoso no imaginário do réu.

Chamam-me de estranho por ficar de longe: apenas observando.
Enxergo melhor a divina comédia quando estou de fora,
mesmo longe, não conspiro nas sombras.
Apenas contemplo a tudo e a todos valsando no salão.

Todos têm uma história interessante para contar,
em relação à vida alheia sou mero escrivão.
Com a faminta vontade de registrar,
o que meus olhos não podem lhe sonegar.
Caçando a história errada no momento certo;
ou seria o contrário…

Fornalhas de ardentes desejos infinitos,
que como derradeiras palavras do espírito vão jorrar.
Vejo além das faces mascaradas, cujos segredos serão revelados.
Além de faces nuas, e nervos expostos à flor da carne,
dou-lhes conflitos, dramas, suplícios e outros disfarces.

Seu coração transborda e minha mão psicografa o imaculado papel.
Não importa onde e quando, do inferno ou ao céu,
Brinco de criador de inúmeros universos,
com a simples promessa de momentos e de personagens,
Na tentativa de imortalizar o sonho que o tempo não deletará.
Materializo e condenso o bendito fruto da imaginação,
O qual desejo, que você encontre nessas surpreendentes páginas.

Valdenise Brandão
Belford Roxo/RJ

No caminho...

Em meio à multidão
Perdida na solidão
Por um caminho obscuro
Caminhava.
Em uma tarde de esperança
Buscava refúgio
Já sem muita esperança em meu caminho
Caminhava.
Até que em uma tarde de sol
Eu sentada
Olhava, Observava tudo ao redor.
Foi então que na minha frente
Encontrei abrigo,
Para minhas tardes de dor
Encontrei a luz.
Seus olhos
Transmitiam amor
Sua voz de fada
Toda vez que falava
Meu coração abrandava
E em meio à multidão
Ela me tira a solidão.

Valéria Barbosa

Anil - Rio de Janeiro

Minhas contas profanas

Minha conta o que me conta?
Que dito irado quer me segredar?
Será que contaram suas cores?
Miçangas de mil tons
pedregulhos de cristais escondidos ancestrais.
Será que terás que ornar o pescoço de mortais?

Minha conta de vadiagem
vadeiam na minha alegria
penduradas como vacas pro matadouro da emoção,
suas cores são as mesmas que trago na retina
que alimenta o meu dia
e me dá afinação para compor melodias,
versos e cantarolar na cozinha
mesmo com nó no coração.

Enfeito o sentimento, agrado a minha visão!

Eu escolhi minhas contas
mesmo que falem baixinho
suas cores são gritantes
seu feitio variado
assim como sou nesta vida
mesmo com o pescoço esticado.

Minhas contas quando irás enfeitar minha garganta
tirar a fala presa e a ressaca do desalinho?
No seu nylon deixar apenas aquelas benditas
parecida com as minhas guardadas noutro lugar
O pescoço é um a cabeça uma e as contas pra eu dar conta, milhões.

Minhas contas versam como Carmem Miranda com o seu batom vermelho e os penduricalhos da vida!
Escandalosamente coloridas, as profanas em risadas a viver e as religiosas a esperar a hora de cantar o seu axé por minha emoção suster.

Vanderlei Kroin

Cascavel/PR

Acaso de condição

A curiosidade matou o gato
Mas não só ele
Matou o distraído e inteligente Édipo
Matou o vaidoso Narciso
Matou duas vezes a Orfeu
É tanta morte e eu sou curioso
Tanto que juntei as partes
E descobri que isso move o mundo
Arrepiei-me
Mas cada um que perceba sozinho
Esta sutileza
Eu é que não conto para não comprometer
Os rumos e aconchavos do cosmos
Cuido é de mim
Porque além de curioso sou distraído
E este acaso de condição
Mata.

Victor Meirelles

Rio de Janeiro/RJ

Para Sempre Fenomenal

"Terra, ar, água, luz; Natureza Mãe
Ventre que nos acolhe grão,
Que em seus leitos fartos, nos dá de beber
Nos nina, ao embalar dos ventos
Nos acarinha, em suaves brisas
Que ilumina nosso caminhar
Mãe, por pura natureza
Ser que dá vida, que gera afeto/filho/prodígio
Ser que faz de grão, semente florescer
Com todo Seu Amor;
Mão do universo, que conspira
a favor de seu filho
Universo vivo pela força e amor, de minha
de sua e de nossa Mãe
Mulher que gera, cria, produz
cuida e educa
Força divina que ao Cristo, Oxalá, Alá, Buda
e a todos os Deuses e o infinito,
a luz veio dar.
Menina, Mulher, Filha, Deusa, Guerreira
Rainha, Matriarca, Educadora
Ser de Luz,
de Importância sem igual
que nós todos devemos saldar;
Mulher tu eis a nossa base
para sempre, Nosso Pilar."

http://www.anf.org.br/uma-defesa-da-arte-educacao-a-historia-de-victor-meirelles/
facebook.com/victormeirellesoficial
Instagram @victormeirelles30

Wellington Silva
Icó/CE

Sinto

Sinto pouco,
Sinto muito,
Sinto nada,
Sinto tudo,
O que é sentir?
É aflorar?
É diluir?
É sorrir?
É chorar?
É cantar?
É amar!!!
Amar de verdade,
Sem medo,
Com a alma,
Com o coração.
Será que somos capazes de amar sem nada exigir?
Eis a questão, amar é mais do que dizer: "eu te amo".

Willian Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Assassino do 7

Como nos mares da antiguidade detinha lugares de risco e perigo o mesmo poderia se dizer do espaço sideral sob a exploração espacial humana. Como nos mesmos mapas da antiguidade onde lendas permeavam em desenhos compreendiam áreas poucos confiáveis o mesmo se aplicava em determinadas áreas do espaço delimitado em mapas holográficos. Isso especialmente uma zona de vazio entre o cinturão de Kuiper e os mais distantes planetas do sistema solar. Lugar pelo qual todas espaçonaves que cruzavam perdiam sinal, desapareciam ou simplesmente retornavam vazias sem sinais de seus tripulantes.

Pelo fato do cinturão de Kuiper ser rico em determinados metais como ouro ou mesmo grandes diamantes o lugar se tornou alvo da exploração espacial que esperava retorno de bilhões no investimento em expedições mineiras além dos limites do sistema solar. Porém, aquela fora a sétima nave espacial encontrada a deriva no espaço profundo o que provocava consternação na Terra e especialmente aos mineiros espaciais em questão, o qual após longos meses de viagem ainda enfrentaria um mal incógnito.

Pela primeira vez testes com a velocidade da luz eram realizados afim de estudar a possibilidade de missões não tripuladas naquela proibitiva velocidade, mas se tornando imprescritível afim de um acompanhamento e buscas na região uma vez que se quer destroços de naves supostamente atingidas por asteroides eram encontrados. Muitos se perguntavam se o trajeto de um objeto a velocidade da luz poderia ser acompanhado da Terra como se à longa distância poderíamos fitar a trajetória de um lazer pelo simples fato de que a luz que seguia o trajeto seria a mesma a qual imagens do mesmo nos chegaria. Porém, aquele experimento respondia não somente essa como outras perguntas com uma proposta de aplicação prática. Podíamos acompanhar os sinais de luz mediante óbvia defasagem proporcional à distância percorrida. O fato fora constatado quando a primeira sonda assim enviada através de uma propulsão que distorcia o próprio tecido do espaço-tempo afim de manter a velocidade sem extrapolar a massa do objeto.

A revolucionária ciência conseguia percorrer longas distâncias em anos-luz o que ampliava - ainda que não ao bastante - a área de exploração espacial tornando pela primeira vez possível atingir as estrelas mais próximas da Terra em questão de anos. Ainda que a tecnologia não adaptasse condições físicas para missões tripuladas o objeto atingiu as mediações do incidente enviando sinais do monitoramento programado por meio de lazer a Terra.

Fora quando se percebeu que uma nave de pesquisa mais distante da colônia humana da Terra em Plutão desaparecida há anos parecia flutuar entre os destroços de outra nave mineira perdida há seis anos. A sonda abordou a nave conforme sua programação de inteligência artificial e realizou leituras sob vários espectros de luz e

radiação constatando haver sete mortos dentro da nave. Os corpos congelados padeciam a um número de tempo desconhecido desde seu desaparecimento.

A nave percorreu novas distâncias a procura de qualquer sinal de calor, radiação ou mesmo de comunicação vindo a encontrar outra nave à deriva. A *Neo Atlantis* que partira da Terra há 10 anos tinha 20 tripulantes que objetivavam explorar o potencial de mineração da área que no seu tempo havia sido recém descoberto. Porém, numa sondagem do interior da maior nave lançada até então a sonda encontrou apenas sete corpos novamente.

O mesmo se sucedeu quando a sonda encontrou outra nave à deriva o que perturbou em perplexidade os ânimos da base na Terra o qual junto a seu público acreditavam que se tratava de um primeiro contato alienígena malfadado. Talvez o terror pudesse vir também de outro planeta, onde o maior mal era o desconhecido.

Uma nave rebocadora seria enviada a região afim de melhor pesquisar as condições e realizar possíveis resgates de naves pelo valor que detinham ante as seguradoras de viagens espaciais. A equipe formada do rebocador em questão era de mineiros e perfuradores que trabalhavam por inúmeras vezes rebocando asteroides ou grandes pedras de gelo afim de trazer água em postos avançados de exploração e pesquisa humana. Normalmente eram pessoas rudes que haviam abandonado a Terra por desalentos e decepções quando não alguns delitos.

Jim Walker era um desses homens treinados e com experiência para liderar tal missão o qual era capitão ao lado de Ron White e Joan Wilson. Assim procederam após longos meses de viagem no breu do espaço sideral até alcançar as mediações de onde foram encontradas as naves espaciais. A abordagem fora a padronizada pela equipe sendo primeiro realizada uma ancoragem na nave afim de tira-la das mediações do cinturão até uma estação ou posto avançado mais próximos. Uma das naves havia sido destruída pela poeira estelar que de perto eram sólidos blocos de pedra e minerais entre gelo que flutuavam aleatoriamente pelo espaço como detritos de planetas que não se formaram ou potenciais cometas.

No entanto, a ancoragem com a *Neo Atlantis* fora realizada com sucesso o que deu início ao translado do objeto terrestre. Obviamente alguns membros da equipe adentrariam a nave afim de verificar as condições de uso, mas o principal eram as circunstâncias as quais os tripulantes e mineiros vieram a morrer.

Ainda que não tivesse ficado claro, esse objetivo a missão de reboque custeado pela seguradora interplanetária obrigava a serem cumpridos uma série de leis espaciais postuladas como modo de regulamentação com o advento da exploração espacial.

Jim Walker partiu da câmara de descompressão num breve voo sideral segurando-se entre os cabos de acoplagem entre o rebocador e a *Neo Atlantis*. Wlaker era seguido por Joan Wilson que carinhosamente era chamada de 'Bulldog espacial' por ser uma mulher grosseira e vulgar. A nave fora solicitada por estar nas mediações de Plutão, o mais próximo rebocador em questão.

— Aproximando da câmara de descompressão da *Neo Atlantis*. — Comentou o líder Walker.

— Positivo! — Correspondeu White de dentro da nave enquanto ela se movia em grande velocidade pelo espaço.

Após realizarem todo procedimento a porta fora aberta externamente afim de adentrarem o recinto e tão logo o que visualizaram era desolador lhes provocando desolação ainda que a única que parecia se divertir era Joan Wilson. A nave estava com suporte de vida desligado assim como a gravidade artificial por um gerador de grávitons.

Corpos esquartejados flutuavam congelados de um lado a outro dentro da nave quando a cabeça de uma das vítimas cruzou o caminho de Wilson. O semblante da vítima era de terror absoluto. Olhos esbugalhados e boca aberta pareciam remeter a um súbito e fulminante ataque a vítima que tinha marcas de incisões precisas.

Os dois tentaram juntar as partes de corpos como se fossem um quebra-cabeças ao constatarem que todos corpos haviam sido cortados da mesma forma, em sete partes.

— Parece que isso tudo fora deliberado! — Comentou Walker ao constatar se tratar de uma evidente cena do crime. — Notável sobretudo como o perpetrador dos crimes parece nutrir uma obsessão com o número sete.

— Duvido que seja esse número com conotação bíblia. — Respondeu White do controle. — Talvez um alienígena que queira promover seu território.

Não havia provas divulgadas da existência alienígenas. Mas sobre o número sete a hipótese parecia se confirmar ao fitarem um desenho de pentagrama feito com sangue no teto da nave.

— Eu não sei se há precedentes, mas isso tudo parece aludir ao primeiro caso de serial killer no espaço. Não parece ser obra de um mero pirata espacial que roubava cargas valiosas de minério. — Respondeu Wlaker que continuou — Toda carga de minério e ouro estão na nave. Cerca de seis toneladas.

O rebocador chamado USS Patton se aproximava de outra nave mineira nas mediações quando um alarme soou no sistema após realizarem leituras feitas pela sonda. O sinal era de algo vivo. Tão logo que a abordagem da nave em questão aconteceu Walker partiu de uma nave a outra vindo perceber que o suporte de vida estava ativo e o aparente sobrevivente entre as sete mortes era um homem chamado Mark Ray. Com uma barba espessa e visivelmente transtornado pelos anos de solidão dentro da nave à deriva o homem não saberia supostamente mexer nos sistemas da nave afim de se quer pedir socorro. Supostamente seria um mero mineiro ainda que o nome dele aparentemente não tivesse nos arquivos da nave.

— Eram dois homens, eles foram abordados por nós após recebermos o pedido de socorro nas mediações de Netuno. Ao serem abordados eles simplesmente nos atacaram e mataram a cada um de nós, mesmo após os últimos terem se rendido. — Comentou o homem.

— Que nave era? — Indagou ele.

— Não, não sei. Mas parece ser uma nave com livre conduto por todos planetas do sistema.

Walker caminhou por dentro da nave constatando haver o mesmo *modus operandi* dos crimes em outras naves. Estavam perto de uma pequena estação mineira encravada num dos asteroides a oito quilômetros de distância deles.

Tão logo o homem relatou em detalhes o que aconteceu. Eles estavam na verdade na torre dessa estação mineira antes dele e outro mineiro sobrevivente tentar fugir nessa nave. Teriam feito de reféns sete tripulantes e mineiros que foram presos dentro da torre ao pedido de que se entregassem. Mas antes os sistemas de comunicação foram cortados e as boias de emergência desativadas.

Walker ficou pesaroso pelos traumas que Ray havia sofrido de modo que foram o escoltando até seu alojamento. Lá haviam poucas comidas e um ambiente pouco arejado para sobrevivência. Fora naquele momento que o sinal tocou no comunicador de Walker quando Ray perguntou.

— Vocês já comunicaram a descoberta a Terra ou algum posto avançado?

— Não, mas aguarde um pouco que vou atender.

Mas antes mesmo que Walker atendesse Ray pegou uma faca e desferiu um golpe certeiro na garganta de Walker o silenciando antes mesmo que atendesse. Fez o mesmo com Joan que gritava ante o ataque de fúria do homem que parecia rir com aquilo. Puxou um controle das mãos e desativou o gerador de gravidade fazendo os corpos flutuarem quando disse.

— Como diz o bordão, quem ouvirá o grito de vocês no espaço? Todos estão a sós no cosmos, somos nós a anomalia na existência!

O homem tirou do bolso um caderno com a foto de Aleister Crowley e com as mãos sujas de sangue deu início ao esquartejamento dos corpos de suas novas vítimas, em sete partes. Não era quem se dizia ser ao usar o nome de uma de suas vítimas noutra nave. Porém, por infortúnio ele havia ficado preso ali.

Assim em seguida puxou o comunicador e chamou White após provocar uma interferência deliberada no sinal a fim de modificar sua voz para que não desconfiassem. Os demais então sucederam uma abordagem a qual ao abrirem a escotilha ao mal que não sabiam adentrou levou-os a uma lutam corporal. O fato era que o psicopata que fazia parte do órgão regulador de viagens no espaço usava de suas credenciais para realizar livremente viagens pelo espaço se passando como fiscal quando perpetrava seus crimes a fim de dar a impressão de que uma forma de vida extraterrena o realizava. Não havia mal maior senão o da própria humanidade que era inimiga de si mesma.

Yuki Eiri

Maringá/PR

De já vu

Vejo o filme se repetir novamente
As mesmas cenas
As mesmas falas
Outros atores
Outros cenários
Outros amores
Outras bebidas
Os mesmos dissabores
Vejo a vida pela janela
O futuro repetindo o passado
Trancado em casa
O risco nas ruas
Olhares amedrontados
Minha mente volta ao passado
Chicoteada por lembranças
Que tomam conta de meus pensamentos
Reabrem as feridas
Ascendem os sofrimentos
Como algo presente
O passado voltando à tona
Olhares
Gestos
Palavras
Mensagens
Atitudes
Fantasmas que pensava a muito exorcizados
Se mostram mais vivos do que nunca
De já vu
Impressão de que já passei por isso antes
Já vivi tudo isso antes
Já sofri tudo isso antes
Já ouvi tudo isso antes
Já acreditei nisso tudo antes
Já esqueci tudo isso antes
Ao menos achei que tinha esquecido tudo isso antes
E eu que jurei nunca mais
Acreditei novamente
Ouvi o que me diziam
Dei uma chance
Mesmo sabendo dos resultados
Conhecia as variáveis
E mesmo assim resolvi apostar
Joguei
Arrisquei tudo aquilo que um dia jurei não arriscar
A aposta era alta demais
As chances pequenas
Depois de tempos pensei
Ouvi
E arrisquei
Aposta errada
O último a saber
O primeiro a sofrer
Sozinho outra vez
Replay
Retrospectiva na tela da tv
Não vale a pena ver de novo
Programação repetida
Figurinha carimbada
Pesadelos ao longo da noite
Sonhos recorrentes
História se repetindo
Esqueci a regra principal do jogo
A casa nunca perde
Vida que se segue ....
Será que segue.

https://www.facebook.com/yuki.eiri.7739

Conheçam o canal Sussurros Poéticos

O canal Sussurros Poéticos, criado pelo escritor Renan Caíque, traz poemas recitados dos mais variados autores.

Experimente ouvir poemas para relaxar ou estudar os clássicos.

No canal, é possível encontrar poemas de Cora Coralina, Lord Byron, Tim Burton, Fernando Pessoa e muitos mais!

https://www.youtube.com/c/RenanTempest/featured

Apresentamos nosso novo parceiro: a Revue Cultive

A Revue Cultive - Revue Suisse de Culture et d'Art, é uma revista digital, editada em Genebra, pela Cultive-ArtPlus – Art-littérature e Solidarité (Cultive Arte Literatura e Solidariedade), voltada para a divulgação de autores lusófonos.

Criada em 2016 pela Valquíria Imperiano e com participação gratuita, a Cultive traz textos e trabalhos artísticos de todo o mundo.

Conheçam a revista, acessem o regulamento e participem!

https://www.cultive-org.com/jornal-cultive

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.

A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 24ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.

Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862. Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

Projeto Literário Coletâneas

O Projeto Literário Coletâneas dedica-se ao trabalho de antologias, incentivando os autores iniciantes a produzirem contos a partir das temáticas propostas e a participarem de cada desafio literário lançado. Apoiamos, especialmente, os escritores de plataformas digitais que desejam se desenvolver na área literária e ajudamos na visibilidade do seu trabalho dentro do PLC. Além disso, oferecemos um suporte básico de revisão, resenha crítica, capas, banner de divulgação e materiais literários para aprendizado através das nossas parcerias; além de incentivos como brindes e sorteios.

A participação dos autores nas antologias é totalmente gratuita.

LEMBRANDO QUE: as antologias são produzidas e postadas em plataformas de leitura como a Wattpad e Luvbook. Alguns contos são selecionados, posteriormente, dentre as antologias para serem publicados em formato físico.

Além desses modelos, temos o **Desafio de Quinta** que, como diz o nome, são desafios que acontecem, quinzenalmente, às quintas-feiras no nosso Instagram, cujo foco são os **minicontos e outros estímulos à escrita**. Esses desafios são bastante diversificados e também com brindes aos vencedores.
Todas essas modalidades são, essencialmente, focadas no incentivo aos novos escritores, no estímulo da escrita e da leitura e na propagação da nossa literatura.

Georgeane Braga e Manuella Zavitoski
Administradoras do PLC

www.projeto-literario-coletaneas.webnode.com/
https://www.wattpad.com/user/PLColetaneas
https://www.facebook.com/PLColetaneas2016/
https://www.instagram.com/plcoletaneas/

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.
Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com .

Acesse para ler:

Zineteca Digital colaborativa:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE

Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

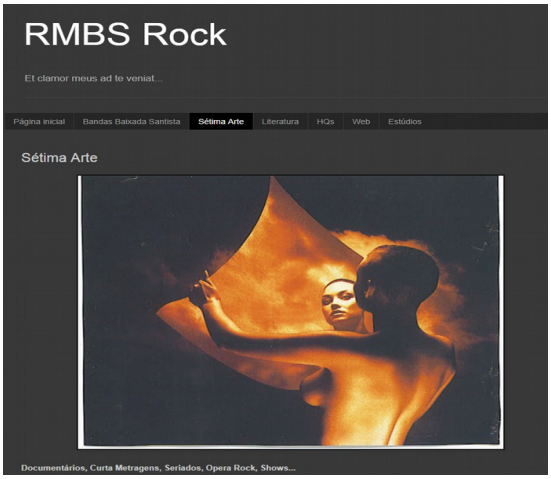
Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

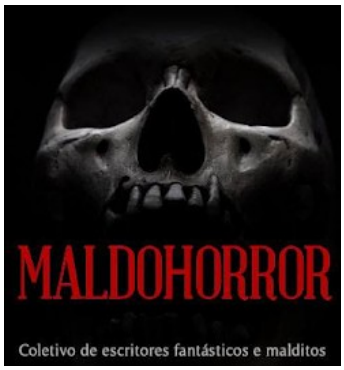
Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

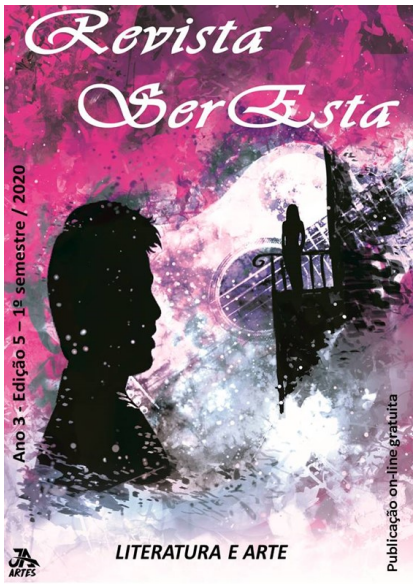
O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

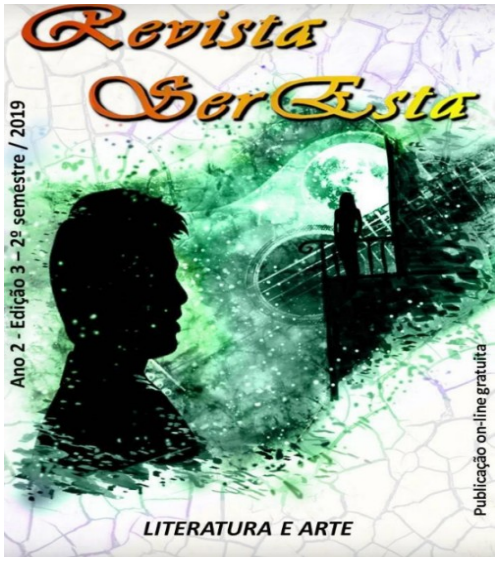
https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html





Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/